



TERRA ATLANTIS
A Frota Norte
Livro 2/3



Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyll

28-01-2020

SINTESE

A saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar..

JAN VAL ELLAM

TERRA ATLANTIS

A Frota Norte

Índice

Prefácio.....	1
Esclarecimentos.....	1
Capítulo 1.....	1
Palco de Disputas.....	1
Capítulo 2.....	15
Forças Presentes.....	15
Capítulo 3.....	27
Distanciamento de Lúcifer.....	27
Capítulo 4.....	37
Sombras do Passado.....	37
Capítulo 5.....	49
Consciência do Fim.....	49
Capítulo 6.....	63
Isolamentos Impensáveis.....	63
Capítulo 7.....	73
Sucateamento e Progresso.....	73
Capítulo 8.....	87
Cidades Voadoras.....	87
Capítulo 9.....	99
Desaparecem os Biodemos Originais.....	99
Capítulo 10.....	113
Sonhos Hiperbóreos.....	113
Capítulo 11.....	123
Império dos Descendentes dos “Seres dos Portais”.....	123
Cronologia de Eventos.....	1
Sobre o Autor.....	1
Roteiro de Leitura dos Livros.....	1
Projeto Orbum.....	1
IEEA.....	1

Prefácio

Jamais imaginei o que estava por vir!

Motivado pela influência de amigos-irmãos de Angola e da Inglaterra, fui convidado a dar uma palestra na região da Cornuália, no sudoeste da Inglaterra. Após um longo percurso, ali cheguei sendo fraternalmente recebido por um casal de amigos que residiam em Gulval, pequena cidade conjugada às de Penzance e de Newlen.

Passei alguns dias naquelas terras de lendas e de mistérios do mitológico reinado de Artur, do Santo Graal, dentre outros temas instigantes, e mal podia imaginar que, em uma certa manhã, do dia 19 de outubro de 2002, passeando em Land's End — ponta mais extrema daquela região onde, segundo os ingleses bem-humorados, termina a ilha e começa o império — horas antes da palestra a ser realizada em Penzance, teria lugar um discreto acontecimento que, depois vim a saber, estava a ser sonhado e planejado há mais de 22.000 anos por um parceiro-irmão de aventuras extraterrestres de um passado para mim então esquecido.

Ali, sem que fosse percebido pelas pessoas à volta — pelo menos é o que imagino até o momento em que escrevo estas linhas — um simples aceno, seguido de um inclinar de cabeça de um estranho ser que pilotava um artefato voador singular e de pequena dimensão, descortinaria todo um mistério sobre um passado perdido nas brumas do tempo. Contudo, as notícias que daquela fonte surgiram, explicavam o porquê daquele momento presente e me permitia vislumbrar o futuro, tudo produzido por um lento despertar que se processava através do acompanhamento de um filme colorido com comentários elucidativos que, em intervalos irregulares de tempo, era processado na minha mente como se coordenado por uma força alheia à minha própria vontade.

É o produto do despertar dessas recordações na minha atual condição, trabalhado e coordenado, porém, pela mente de uma outra inteligência que se situa além da condição humana, que aqui será apresentado.

Essas informações complementam, aprofundam e dão seguimento aos eventos descritos na trilogia "Queda e Ascensão Espiritual", composta pelos livros "Reintegração Cósmica, Caminhos Espirituais" e "Carma e Compromisso", notadamente às informações referentes aos desdobramentos da Rebelião de Lúcifer, de certos efeitos que até hoje determinam os fluxos dos acontecimentos terrenos, do papel das famílias capelinas e de outras origens siderais nesse processo e, mais especificamente, narra as trajetórias das famílias Val e Yel até aportarem à Terra e as consequências decorrentes desse exílio forçado.

Devo, portanto, ressaltar, que o conteúdo da presente narrativa não pertence à autoria intelectual deste escrevente, mas sim, a um autor situado em um outro contexto onde a vida se expressa com as cores de uma outra cultura e com nível tecnológico singular.

Por isso, desde já, apresento as minhas desculpas pelos erros e omissões que infelizmente devo ter cometido ao longo destas páginas, mas não me restou outra opção a não ser a tentativa de deixar registado o que poderá explicar todo um pano de fundo histórico até hoje incompreendido em relação a alguns contextos e painéis da epopeia da espécie humana neste mundo.

Atlan, 29 de novembro de 2002.

Jan Val Ellam

Esclarecimentos

Escrevi o prefácio acima em 2002, ano em que a primeira parte da pretendida trilogia foi então produzida. Agora escrevo no momento em que decidi começar a publicá-la no âmbito do IEEA.

Cerca de 13 anos se passaram e muita coisa aconteceu que me permite hoje ter acesso mais aprofundado a certas questões. Contudo, não quero comprometer a “pureza” do que foi registado naqueles dias, pelo que mantive a escrita original da narrativa e tão somente acrescentei comentários elucidativos sempre que julguei oportuno.

A história que aqui será narrada não acabou e não tenho ideia de como os seus desdobramentos serão conduzidos após a reintegração da Terra ao convívio com o circuito de intercâmbio cósmico no qual o nosso planeta se encontra há muito inserido.

Ressalto que a narrativa, os diálogos e as circunstâncias temporais dos factos, então ocorridos, devem ser observadas pelo(a) leitor(a) atento(a) como tendo ocorrido entre seres que não eram da espécie *homo sapiens*.

Assim, torna-se imperioso **observar que o narrador e os principais personagens não ostentavam a natureza humana como hoje a conhecemos**. Eram, sim, detentores de um padrão psíquico muito próximo ao dos humanos atuais, mas eram, acima de tudo, uma das muitas raças intermediárias que, naqueles tempos, existiam e ainda existem, que **representavam um marco evolutivo situado entre o género demo** (em uma das suas expressões mais recentes e já distanciadas dos problemas genéticos característicos da estirpe) **e o género homo** que, por aquela época, apesar de inocente, já detinha o senso desperto da racionalidade.

Inevitavelmente, ao longo da narrativa, deverá existir um ou outro comentário atualizado da parte do autor terreno, na tentativa de melhor esclarecer, com os conhecimentos atuais, alguns aspetos em torno da interação dessas raças de fora com a vida humana, e que se desenvolvia no meio de um turbilhão de conflitos e de interesses jamais convenientemente percebidos até aos dias atuais.

Da minha parte, na altura dos registos iniciais desta narrativa, sentia-me como se retomando o curso dos factos expostos no livro “Carma e Compromisso”, relativos a diversas “famílias cósmicas” que, devido aos desdobramentos da rebelião de Lúcifer, viram-se obrigadas a aportar no planeta Terra. E aqui as suas consciências pessoais permaneceram e ainda se encontram até estes tempos atuais só que, agora, investidos da natureza humana.

Os poucos que permanecem, mas ainda ostentando a condição original com que aqui chegaram, são exatamente alguns dos personagens das páginas deste livro que, no passado, optaram por participar de uma operação “camuflagem” com o objetivo de salvar, de preservar algo do que originalmente aqui chegou como sendo o quartel-general da rebelião e do seu confuso legado que, finalmente, começa a ser exposto aos que herdaram o problema, ainda que de nada disso saibam — pelo menos, por um pouco mais.

Atlan, 20 de abril de 2015.

Jan Val Ellam

Palco de Disputas

Observando a cultura terrestre e os seus mais variados aspetos, em relação aos quais já me considero bem afeito, pois há milénios que a observo, terminei por assimilar boa parte do seu conjunto de valores.

Afinal, desde o tempo do seu nascedouro aqui estive e a vi, primeiro sob uma forma modesta, em ritmo de evolução, cujo padrão era aparentemente muito lento, o que não apontava qualquer prenúncio de que, no futuro distante, aquela espécie iria “dominar a cena”, como veio a fazer. Assim foi durante, aproximadamente, 150 mil anos.

Quando as “mastlans luciferianas” aportaram na Terra, há cerca de 97 mil anos, a espécie *Homo Sapiens* já havia assumido a sua atual formatação, em grupos espalhados, no leste da África, onde já viviam há cerca de 100 mil anos, antes da chegada de Yel Luzbel.

Não era, porém, somente no Continente Africano que espécies humanoides pululavam; também em outras partes do planeta elas se encontravam, notadamente, na Ásia. Mas, dentre aquelas, a que sobreviveu para contar a história resumia-se, então, àquelas famílias africanas que, somente mais tarde, se espalhariam pelo resto do mundo.

Ressalte-se, por necessário, que ninguém, dentre os seres de fora que na época se encontravam na Terra — como era o nosso caso — poderia vislumbrar que alguma daquelas espécies iria transcender a sua condição animal e apresentar padrões de racionalidade; apenas umas poucas dentre elas vieram a fazê-lo, sendo a *Homo Sapiens* a única a sobreviver àqueles dias.

Durante muito tempo, enquanto aquelas espécies viviam como os demais animais, que compunham a natureza planetária, diversas forças extraterrenas permaneceram atuando na Terra.

Mais tarde, em momento que não pudemos precisar, pois não acompanhávamos o processo em torno daquelas espécies humanoides, numa etapa da evolução “que não foi tão natural assim”, um surto inteligente e libertário a dominou a tal ponto que,

nenhuma das forças de fora, que aqui estavam, conseguiu fazer valer o seu domínio sobre os terráqueos de então.

Começou ali, por volta de 50 mil anos atrás, o mais estranho dos processos, que levou ao inesperado resultado final, no qual, o domínio do planeta ficou ao encargo dos terráqueos. Por esse tempo, notámos a existência de alguns poucos núcleos humanos que apresentavam racionalidade, coisa que, para nós, era impossível.

Na época, não tínhamos ciência do que estava a acontecer, mas depois tomámos conhecimento que, tanto os “viajores” — **(NAT - os Nephilim bíblicos)** — como os “seres dos portais”, estavam a promover manipulações em alguns núcleos de determinadas espécies terráqueas, apesar de não vislumbrarmos o porquê daqueles procedimentos.

Comparando a absurda diferença da história do surgimento dos terráqueos com a nossa, a do género biodemo, podíamos perceber, claramente, que algo de muito errado parecia existir pelo menos em uma das duas, se não em ambas. Assim digo porque, uma “deu certo”, pelo menos no que se refere a possibilidades futuras, enquanto aquela a que ainda pertença, parece tão somente ter servido como uma espécie de “ponte” para unir dois contextos existenciais distintos e apartados. Contudo, apesar de pertencermos a espécies absolutamente diferentes, consegui apreender considerável cabedal do conhecimento dos humanos.

Não pode haver mérito em alguém ensinar o caminho correto a um cego ou em se tratar bem uma criança perdida, pois este é o comportamento normal que se espera das convenções mentais e psicológicas comuns ao padrão da natureza humana terráquea.

Por que apresento esta assertiva?

Até este momento, no qual repasso para a minha “contraparte terráquea” estas reflexões, pergunto-me como era e ainda é o conjunto das convenções mentais e psicológicas da natureza que marca Sophia e os seus assessores, todos membros do género ou da família *Aya*. O que se poderia, naturalmente, esperar do comportamento desses seres? O que eles poderiam considerar meritório, honrado ou não?

Até hoje não sei responder a esta pergunta, ainda que os conheça de modo direto há pelo menos 4 milhões de anos do tempo terrestre, desde que Sophia e eles — dentre outros seres especialíssimos aos quais jamais me referi, que ali apareceram também como sendo os seus acompanhantes — aportaram, em definitivo, no planeta Orbum, no sistema de mundos conhecido pelos terráqueos como, Capela.

Desde que me entendo como ser biodemo que conheço as notícias algo fugidias sobre uma **“família Aya”, que detivera e que ainda detinha papel decisivo na história do universo** — assim reza a lenda.

Quando Sophia apresentou-se ao género biodemo, percebemos, à sua volta, a assessoria que, os seres *Aya*, lhe prestavam nos seus múltiplos misteres.

Se Sophia detém um padrão de natureza um pouco diferente da nossa, mais diferente ainda é o padrão que ostentavam aqueles seres. Quanto ao que “atualmente” posso considerar, à moda humana, como sendo agradável ou não, registo que a impressão que todos nós, biodemos, tínhamos e temos de Sophia é profundamente agradável, encantadora mesmo! Contudo, o fator vibratório que algumas famílias biodemos sentiam na convivência ou quando da interação com a família *Aya* aproximar-se-ia do que se poderia considerar como sendo algo situado entre o diferente e o desagradável. Enfim, era inusitadamente estranho o que aqueles seres despertavam em nós, e penso que ainda despertaria em mim e nos demais que convivemos em Alt’Lam Gron, onde atualmente residimos, se nos encontrássemos nestes tempos atuais — e isto está previsto que, inevitavelmente, ocorrerá a qualquer momento.

Pude observar, em algumas poucas oportunidades, a discreta reação psíquica do “escrevente”, que agora utilizo, quando, sem que ainda possuísse maior grau de consciência em relação a quem com ele estava a lidar, teve a sua sensibilidade humana “invadida” por membros *Aya*, por ocasião da confecção de um dos livros cuja temática versava sobre os panoramas do livro Apocalipse. **(NAT – Val Eno referia-se ao livro “A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus”)**.

Estranheza e hesitação foram a tônica deste terráqueo em relação aos *Aya*, sendo eles os seres que providenciaram a “coreografia extraterrena” que o “obrigou moralmente” a levar adiante a tarefa por eles solicitada, quanto ao retorno da expressão terrena de Sophia, conhecida como Jesus.

Os terráqueos foram condicionados a acreditar que “alguém” se preocupa com eles, e este terráqueo aprendeu a dura lição de que não era nem é bem assim, lidando diretamente com o modo de ser que todos nós, seres biodemos e de outros padrões, como os dos *Aya*, ostentamos. Nos nossos algoritmos mentais não existe extensão altruísta neste sentido — é importante que assim eu o ressalte, pois a “honestidade”, por sua vez, é uma das convenções mentais que possuímos.

Vocês, humanos, preocupam-se com os demais; nós, os biodemos e os *Aya*, não tínhamos nem temos maiores noções a respeito destes quesitos do psiquismo.

Enquanto durarem os nossos corpos originais, seremos permanentemente os mesmos, obedecendo aos algoritmos comuns ao “genoma” da espécie a que pertencemos.

Observe, humano da Terra, o seguinte aspeto: se o isolamento do planeta provoca um grau de ignorância que os deixa inseguros e desconhecedores da verdade sobre a vida extraterrestre, dentre outros aspetos, ainda que os seres biodemos pudessem naturalmente viajar pela galáxia, chamada pela cultura terráquea de, Via-Láctea, ainda assim, numa perspectiva bem mais ampla, em termos de notícias, nós, os biodemos, viemos a descobrir, já exilados na Terra que, curiosamente, estávamos também “isolados” em relação ao resto do universo. Nada sabíamos a respeito do que havia se passado alhures, quer no tempo, quer no espaço.

Como descobrimos isso? Observando, em boas doses de captura de informações, em suma, de “espionagem”, a respeito do que os “seres dos portais” sabiam desse passado estranho, comparado ao que conhecíamos.

Aqueles seres detinham e devem ainda, deter, uma “cultura demo” profundamente vasta, em termos de cronologia, de uma história universal a respeito da qual muito pouco sabemos.

Para nós, biodemos, a nossa história havia começado há cerca de 230 milhões de anos. Quanto ao antes disso, pouco sabíamos a respeito, a não ser que parecia existir, em outros mundos e galáxias, uma possível ancestralidade de outras raças que conhecíamos. Quanto à nossa própria quota de ancestrais, os biodemos tal não possuíam, o que, para nós, era intrigante.

Sobre isso, tudo o que sabíamos era que descendíamos de Sophia e da sua estrutura operativa no universo.

Desde que nos defrontámos com os **“seres dos portais”** e levados por uma série de indicativos extraídos das incompreensíveis vivências de alguns biodemos em Shamb-Aha — principalmente as deduções que hoje pudemos construir sobre a “Mensagem Talm” —, começámos, desde aquela época, a “desconfiar” e a “admitir” **a possibilidade de a nossa “ancestralidade genética” ter relação direta com os tais seres que existiam além das fronteiras deste universo** no qual vivíamos.

Ao tempo em que descortinámos os **“seres dos portais”**, sabíamos que eles viviam, tanto nas suas “moradas invisíveis ou astrais” — camufladas por energia de alto padrão mental e nível de arquitetura singular —, quanto nos mundos deste universo, como era o caso da Terra.

Sob essa perspectiva, observando, hoje, como a devastadora — para nós — “rebelião de Yel Luzbel” foi tão somente um “pequeno problema” surgido, em parte, dos seres de um dos padrões do género biodemo, que habitavam e habitam esta galáxia, fico me perguntando sobre o quanto já aconteceu sem que disso a nossa modesta cultura biodemo tenha tido notícias.

Será que, pelo facto de Sophia e os seres *Aya*, terem aportado na “nossa galáxia” — assim a esta me refiro pelo facto das diversas espécies de biodemos e de humanos terem sido, nela, geradas — vindos de outras origens galáticas desconhecidas, consideravam a “rebelião de Yel Luzbel” nada mais do que somente uma “banalidade local”? Pelos indicativos que hoje temos, seguramente, sim!

Apesar da sua aparente localização restrita, o **“deslacre mental”** dela advindo, parece ter sido uma **“onda de possibilidade quântica” há muito intentada, que finalmente colapsou via a consciência particularizada de Yel Luzbel.** Deve ter sido um “processo quântico” há muito idealizado, pois o conjunto dos eventos e dos seus desdobramentos não pode ser enquadrado como simples contingência ou mera casualidade. Não!

Pela quantidade de “força causal” que essa “onda” provoca e pela gama de possibilidades de novos padrões percetivos, intelectuais e agora filosóficos — já que o atual estado de coisas na Terra é, sob certo aspeto, um seu desdobramento — que ela abre no universo, seguramente todos esses acontecimentos devem ter uma “direção”, ainda que em pleno caos aparente, que os harmoniza no rumo de algum sentido mais amplo e objetivo.

Sob outra perspectiva, será que o fluxo dos acontecimentos não poderia ter sido diferente? Por que tudo se deu dessa forma, contribuindo decisivamente para que o presente fosse do modo como conhecemos?

No futuro, talvez, as culturas dos “seres dos portais”, a nossa e a humana terráquea, venham a ter as respostas a estas indagações. De momento, tudo o que a condição biodemo pode arquitetar são alguns questionamentos e memórias que, agora, passo, novamente, a dividir com os meus irmãos e irmãs da Terra.

Feito o resalte, retomo a narrativa da nossa interação com os eventos que estavam a ter lugar na Terra, alguns dos quais acompanhávamos, por serem do nosso interesse, enquanto outros ignorávamos, pois éramos sabedores, pelo menos partindo das nossas premissas, que o “universo parecia movimentar-se”, em momentos bem distintos, no sentido de “sair” de uma “rota caótica” para abraçar uma opção, dentre inúmeras outras, que viria a produzir, no futuro, mais “complexidade progressista”.

Contudo, desde que aportámos na Terra, os nossos olhos estavam exatamente a tentar perceber e selecionar esses eventos pontuais e, por isso, desprezávamos a possibilidade de que algo pudesse surgir de importante, daqueles animais terrestres.

Somente mais tarde percebemos que, na verdade, a espécie *Homo Sapiens* era, ali, a “escolha” para mais um “redimensionamento universal”, só que nenhuma das forças presentes no planeta, naquela época, tinha a mais remota noção disso.

As duas bases — Benem e Antlar —, em torno das quais os “biodemos rebelados” se congregaram, enfrentavam, por volta de 25 mil anos atrás, a onda climática mais fria dos últimos tempos.

O gelo acumulava-se por todos os lados, e a vida da natureza terrena parecia prestes a sucumbir à torrente infundável de ventos e de tempestades incessantes.

Praticamente, éramos obrigados a permanecer nas instalações, sem podermos sair para atender a outras necessidades que precisávamos sempre providenciar, mas que, naqueles tempos, por força das circunstâncias, começaram a ser negligenciadas.

No norte, em Benem, tivemos que estabelecer túneis verticais para podermos deslocar-nos para cima quando precisávamos sair das instalações, tamanho era o acúmulo de neve sobre essa base. “Espheron” permanecia ali estacionada, enquanto o gelo a transformava numa estranha forma ovalada cintilante, que nem mesmo a neve, à sua volta, podia disfarçar.

Era uma bela visão e, vez por outra, éramos surpreendidos com grupos de observadores, tanto do clã do norte — os Nephilim — como dos “seres dos portais”, mais afeitos ao gelo.

Os seres humanos, por essa época, pelo menos aqueles que podíamos perceber, encontravam-se agrupados em pequenas comunidades nômades, sempre à procura do “alimento do dia”, mas em regiões muito afastadas de onde Benem se situava.

Os conflitos que sabíamos estarem a ocorrer, entre segmentos da estranhíssima família dos “seres dos portais”, normalmente tinham lugar mais a leste e em regiões mais próximas ao Equador — como os terráqueos costumam, atualmente, a elas se referir. Os clãs dos Nephilim, por essa época, não estavam envolvidos com questões conflituosas.

Foi nessas condições climáticas que a **Frota Norte** se formou, com a pretensão explícita de ser uma organização independente das demais bases que cultuavam

Alt'Lam e como sendo uma espécie de origem sagrada da raça biodemo clonada, que agora se multiplicava pela Terra. Além disso, os seus integrantes cultuavam também Yel Luzbel como sendo a expressão do seu “deus local”. Porém, esse epíteto, com o qual a personalidade de Yel Luzbel foi adornada, não durou por muito tempo devido à “concorrência” que, naquela época, acentuava-se a cada dia, tanto em razão do modo como Zeus era tratado ou cultuado pelos demais “seres dos portais”, como do culto personalizado dos Nephilim em relação aos seus comandantes — os irmãos Enki e Enlil — e aos seus ancestrais.

Eram muitos “deuses”, e somente nós, os *Val* que restávamos, mantínhamos a frieza de olhar para aquilo tudo e não ver nada nem ninguém que pudesse receber, da nossa parte, um título respeitoso daquele nível.

NAT – Val Eno sempre se referiu ao “último dos senhores” ou “último em descendência” dos “seres dos portais”, pois, os biodemos foram, paulatinamente, tendo acesso às informações que eram comuns à cultura desses seres. Com o tempo, ficou claro que existia uma inquietante disputa entre as gerações que se sucediam na longuíssima história dos “seres dos portais”.

Val Eno sempre deixou claro que o conhecimento dos biodemos sobre a própria origem das diversas famílias, que compunham este gênero, sempre esbarrava no limite do que Sophia, o “Codificador” e os seres Aya lhes transmitiram sobre o misterioso passado universal. A cultura dos “seres dos portais”, porém, retrocedia a tempos, inclusive, anteriores à Criação, o que, para os “biodemos rebeldes”, alojados na Terra, representava o mais profundo enigma.

A cultura dos biodemos assimilava, sim, a ideia de um “Criador” no princípio dos eventos universais, mas longe de ter qualquer relação com o conceito que os humanos hoje fazem de Deus. Já as tradições culturais dos “seres dos portais” abordavam cenários e eventos que remontavam a tempos nos quais a Criação que habitávamos sequer existia.

Eram, na verdade, duas histórias, ou melhor, duas tradições culturais que ocorreram em ambientes paralelos, sendo a dos biodemos neste universo e a dos “seres demos dos portais” nas “moradas astrais” subjacentes a este universo, que agora pareciam convergir para um inusitado encontro dessas duas culturas em pleno palco terrestre.

Os seres humanos que, por esse tempo, estavam a começar a formar os traços de uma futura cultura local, herdaram essas duas componentes, que hoje estão retratadas nas páginas do que é, de modo inapropriado, considerado como mitologia.

Por opção deste escrevente é que os nomes de Enki e de Enlil são assim expressos, como também, a opção pelo nome de Zeus deu-se para tornar a narrativa dos factos daqueles tempos mais próxima do conhecimento que marca o psiquismo ocidental. Val Eno, porém, mesmo nos anos de 2002 e 2003, quando da feitura original destas páginas, sempre se referia a esses seres utilizando-se de outros epítetos, os quais, na época, desconhecia — e não me era mesmo possível relacioná-los com o que já estava exposto nas tradições das culturas sumerianas, acadianas, gregas e arianas/hindus.

Somente após a interação forçada com os factos que me foram impostos a partir do ano de 2007, é que pude estabelecer essas relações.

Mais ainda: as palavras “deus” e “deuses” estão a ser aqui usadas tão somente para facilitar o entendimento do leitor sobre esses factos do passado. Contudo, ao tempo desses acontecimentos, essas expressões sequer existiam, nem muito menos, como já explicado, o conceito que, hoje, muitos humanos têm sobre um “deus” justo, amoroso e perfeito em todos os seus atributos. Este modo de pensar sobre “deus” foi e é uma criação da mente humana. Nesse tempo, tudo a que os biodemos, Nephilim, “seres dos portais” e/ou qualquer outra hoste atuante no concerto da vida universal se referiam era a “entes poderosos”, a um “Criador” e a “representantes” deste último.

Foi por essa época, também, que uma **nova força dominadora** fez-se claramente presente nos ambientes planetários, e que tinha como “comandante” um ser que se afirmava superior a Zeus e a todos os demais que estavam a “rodear o planeta”.

Aquela foi a primeira vez que os seres “biodemos rebeldes” tiveram notícias de um “portal especialíssimo”, que procurava estabelecer, definitivamente, o seu comando sobre o planeta, e sobre o qual nada sabíamos. E, pelos vistos, naquela época, ninguém sabia mesmo muita coisa a esse respeito.

O que, naqueles tempos, chegámos a saber era o facto de que os Nephilim cultuavam o seu “deus”, além do culto que dedicavam aos seus chefes locais, Enki e Enlil, e ao pai deles, o rei Anu, que vivia além das fronteiras terrestres, e que somente vinha a este planeta em visitas episódicas.

Os “seres dos portais”, por sua vez, tinham Zeus como um “deus”, mas, no pano de fundo das suas crenças, parecia existir uma figura central maior, uma espécie de “Criador Universal” (**NAT – denominado como Caos, na cultura grega**), cuja lenda apontava como sendo um ser que tivera problemas no “Ato da Criação”, problemas esses que haviam sido corrigidos por “outro deus” (**NAT – Eros**).

Aquele “portal especialíssimo” sintonizava, agora, com a Terra, em uma frequência que permitiria o fluxo dos seus ocupantes com o planeta, nos mesmos moldes do que já ocorria com os habitantes dos demais “portais” vinculados ao quotidiano da vida planetária.

Na verdade, conforme os biodemos de Antlar perceberiam mais tarde, aquele não era somente “um portal”, mas um estranho **“conglomerado de moradas interdependentes”**, que disputavam entre si o controle em torno da governança universal, segundo as “notícias” que foram surgindo com o tempo.

A “aproximação” desse “portal especialíssimo” em relação à Terra, ainda que interdimensional, provocava problemas constantes e de toda ordem nos nossos processos tecnológicos, além de praticamente anular a força operativa do que restou das nossas naves.

Pudemos, depois, saber que, tanto a tecnologia dos Nephilim como a de diversas falanges distintas de “seres dos portais”, também sentiram os efeitos avassaladores daquele evento inicial, que marcou a “fixação” daquele “conglomerado vibratório”, no ambiente planetário.

Alguns, dentre os “rebeldes”, chegaram a pensar que eram as forças de Sophia e da família *Aya* que estavam a preparar a tão propagada “invasão”, cujo objetivo seria o de “prender” — e aqui me utilizo da mais simples expressão do vocabulário terráqueo — o que restasse dos “rebeldes” advindos dos problemas adrede acontecidos, esquecidos de perceberem que “estar na Terra” já era a “própria prisão”.

Como tudo o mais que “vinha de fora” e se fixava na Terra, aquele **“conglomerado de dimensões interdependentes”** também necessitou de um “tempo de adaptação” para que os seus portais secundários pudessem ser abertos, permitindo o livre trânsito dos seus ocupantes.

Segundo o que percebíamos, **na cultura dos “seres dos portais”, aquele evento tanto provocava excitação e encantamento, em alguns dos seus segmentos, como pavor e loucura em outros. Para eles, aquilo tudo parecia ter um “sentido profético” comum aos traços culturais das diversas gerações daqueles seres demos**, que vinham se sucedendo desde os tempos iniciais da história que conheciam.

Quanto aos Nephilim, nitidamente podíamos perceber um distanciamento prudente em relação ao que não conseguiam compreender, preferindo aguardar o desdobramento dos factos, caso ocorressem.

A nossa postura não era muito diferente da dos Nephilim, embora o aspeto da “rebelião” imperiosamente colocasse elementos inquietantes no nosso psiquismo, em relação a tudo aquilo.

Por que toda aquela história estava se desenrolando naquele planeta, que sequer possuía vida edificada dominante, que era muito mais “colónia” de outras civilizações do que propriamente um “mundo com vida própria”, era mistério para nós, e penso que, também, para todas as demais partes envolvidas, que se encontravam há mais tempo a “dividir” a coabitação planetária.

Uma disputa incompreensível desenrolava-se perante a nossa percepção, e o palco planetário onde vivíamos, apesar de destituído de construções imponentes e de edificações mais complexas, como as que conhecíamos em outros mundos, parecia ser importante em uma enigmática disputa pelo controle universal, muito mais do que qualquer um dos mundos de Capela ou de qualquer outro sistema planetário galáctico e/ou extragaláctico que conhecíamos ou sobre os quais tínhamos notícias.

Para nós, naqueles tempos, o pensamento vigente era o de que, aquele “conglomerado vibratório”, havia somente acabado de se “fixar” ou de se “acoplar” à Terra. Hoje, porém, já sei que aquela compreensão era equivocada, porque aquela “comunidade nómade” de seres astralizados, desde há muito tempo já se encontrava vinculada desgraçadamente ao que estava a passar-se neste mundo. O que havia era o facto de que nem todas as suas “moradas” encontravam-se com os seus acessos abertos em relação à Terra. Isso veio a dar-se exatamente quando nos foi possível detetar a energia surgida repentinamente, o que, na época, fez-nos equivocadamente pensar que ela havia sido decorrente do “acoplamento”, evento que, na verdade, já havia ocorrido em tempos que ainda não nos foi dado precisar.

Fiz questão de usar a expressão “desgraçadamente” em atenção ao modo como os humanos pensam, porque sei que, no futuro, quando tudo for claramente descortinado por vocês, seres humanos, e por nós, seres biodemos, será desse modo que veremos a “infelicidade” de nos encontrarmos exatamente no planeta que se tornou o palco de acontecimentos que atraíram o “conglomerado existencial” mais “problemático” que poderia existir.

Esse “conglomerado existencial”, hoje o sei, corresponde à “sede governativa universal”, com a sua aristocracia distribuída pelos muitos processos operativos do que este terráqueo resolveu chamar de “Lila”, com base no seu conhecimento das escrituras hindus.

NAT – De acordo com as informações acumuladas ao longo dos anos posteriores aos de 2002 e 2003, quando as informações sobre os três livros da trilogia “Terra Atlantis” foram colecionadas, tem-se, atualmente, como notícia, a evidência de que aquele “conglomerado”, há muito já se encontrava meio que indelevelmente preso às vibrações oriundas da Terra.

Entre nós, a expressão “condomínio fechado” é algo comum na cultura de muitos países. Este conceito bem serviria para nos referirmos aos “genos” e “lokas” (“moradas”, ditas “celestiais”) de seres demoníacos, profundamente ligados aos “departamentos da *Lila*”, ou seja, daquilo que eles entendem como “elite diretiva da Criação”.

Desafortunadamente, por força dos desdobramentos de um “jogo de dados” que estava em curso, em torno da geração de uma “espécie com características singulares”, que iria surpreender a todos os “setores dessa governança”, todas aquelas forças, inevitavelmente entrelaçadas pelo peso de um passado comum, voltaram a sua atenção para o planeta Terra, o que provocou, sem que disso eles, na época, soubessem, uma inusitada “acoplagem” daquele “infelicitado condomínio” nos ambientes astrais deste planeta.

Enquanto isso, seres “desavisados” e não sabedores do que se passava entre os alardeados “senhores da vida cósmica”, tentavam levar as suas vidas adiante, sem a mais remota noção de que, ao mesmo tempo, serviam como cobaias de uma “experiência escandalosa” naquilo que entendemos ingenuamente como “vida”.

Naquela época, contudo, por motivos que desconhecíamos, fomos levados a pensar que, aquele “conglomerado” havia “acabado de chegar” e fixado o seu “portal principal” no norte planetário, que passou, então, para muitos, a ser tido como o “Norte Divino”, o local onde os “deuses aportaram na Terra” e lá, “passaram a residir”.

A lenda do “Norte Divino”, apesar de hoje ser desconhecida, pontuou a vida psíquica de absolutamente todos os seres minimamente pensantes, que coabitaram na Terra desde então. Nenhum de nós, dentre os que aqui estávamos, conseguiu escapar à crença de que, no “norte planetário”, algo incompreensível havia ancorado as suas amarras ou estruturado os seus alicerces, para lá “permanecer por muito tempo”.

Yel Luzbel e os demais seres “dimensionados” em Shamb-Aha, há tempos “reclamavam” de uma “nova interferência” que, inopinadamente, havia surgido nos ambientes em que se encontravam.

Durante muitos milénios havíamos registado os seus comentários sobre aquele “desconforto”, mas jamais atinámos com uma resposta para o problema apontado.

NAT – Atualmente, é sabido que o “acontecido” foi produto direto daquela “acoplagem interdimensional”, que praticamente “rasgou” as paredes interdimensionais por “algum tempo”. Logo depois, quando o problema foi percebido por eles, muitos dos seus “engenheiros mentais” foram para o “sacrifício” e procederam aos ajustes necessários para que o colapso não viesse a ser sentido em nenhum dos contextos, ou seja, tanto nos “níveis astrais” da “*Lila*” – conhecidos nas mitologias grega e hindu, respetivamente, como “genos” e “lokas” – como no outro universo, ou seja, o nosso, mais especificamente a “região do espaço sideral” do planeta Terra.

A notícia é estranha, mas, desde o ano de 2011, fui informado de que a tal “acoplagem interdimensional” causou danos irreparáveis no lado de lá, ou seja, o dos “genos” e “lokas”, facto que, inicialmente, a “engenharia” em torno das figuras de Brahma/Javé, Vishnu e Shiva parece não ter percebido, posto que somente em tempos mais recentes é que teriam começado a sentir o “peso do problema” nos ambientes onde se encontram inseridos.

Muitas doenças surgiram repentinamente na Terra ao tempo do frio intenso, quando também pudemos perceber alguns dos indicativos do que aqui estamos a chamar de “acoplagem”.

Aquelas notícias foram coletadas pelos seres biodemos, de um modo mais preciso, quando da organização da Frota Norte, que passou a pesquisar o estágio no qual nos encontrávamos naquele planeta e as circunstâncias à nossa volta. Porém, vinham de Antlar, cujo poderio em diversos campos era maior que o nosso, as principais notícias sobre os nossos “vizinhos” colonizadores que disputavam a posse do planeta, o que, até então, não era o nosso caso.

Como já informado — e agora pretendo ressaltar o principal aspeto desta questão — nós, os biodemos, jamais olhávamos para a Terra com o desejo ou objetivo de dominação ou de posse. **O nosso orgulho, ou melhor, o “orgulho” que marcava os seres “biodemos rebeldes”, sonhava em deixar este mundo e retornar para os ambientes do sistema de Capela**, que sempre fora a sede, dentre outros, dos *Val* e dos *Yel*. Portanto, estar na Terra, cativos de uma situação, era como que “vergonhoso” — usando as palavras e conceitos comuns aos terráqueos.

Para os Nephilim e os “seres dos portais”, contudo, o contexto dos seus pensamentos e objetivos parecia estar ancorado na “posse definitiva” do planeta, para atender aos seus fins.

Os objetivos dos Nephilim, nós sabíamos quais eram, devido às visitas, muito raras, que os seus ancestrais faziam à Terra para “estimular” o interminável processo de extrativismo mineral que praticavam no planeta. Mas, sobre os objetivos dos “seres dos portais”, nada sabíamos.

Diante dos factos, muitos dentre nós passaram a achar que os nossos “descendentes clonados” estavam certos em prepararem-se para uma inevitável “guerra local” pelo domínio do planeta. Eu mesmo fui um dos que, naquela altura dos acontecimentos, assumiu como inevitável que deveríamos preparar-nos para um possível confronto aberto, a ser lutado em algumas frentes.

Para a nossa já então desperta sensação de desespero — ainda que em nível bem mais suave, se comparado ao modo como o sistema nervoso dos corpos biológicos animalizados da Terra costuma reagir nessas horas —, quanto mais avaliávamos as nossas chances de sairmos vitoriosos numa luta fratricida entre, pelo menos, três forças, a constatação de que não seríamos os vencedores era o resultado normal e comum de qualquer análise.

Foram tempos difíceis de serem suportados. Desde então, aprendemos a viver em prontidão permanente, e o traço de nervosismo foi-se instalando, pouco a pouco, no nosso psiquismo.

A Frota Norte sonhava em sair da Terra mas, por ser aquela opção inexecutável, começámos a desenvolver um modo de “permanecer” neste mundo, mas sem dele fazer parte. Por incrível que pareça, foi exatamente isso o que o nosso esforço conseguiu produzir.

Forças Presentes

Para o atual nível da ciência terrestre, um “acoplamento interdimensional” deverá parecer um processo totalmente absurdo, na medida em que, conforme muitos dentre os terráqueos pensam, não existe nenhuma outra dimensão habitável, nem nada de lá poderia ser transferido para cá, pois isto violaria as leis científicas.

O padrão da ciência da cultura biodemo também pensava assim, ainda que, desde a forçada descoberta de Shamb-Aha, fomos obrigados a admitir que o nosso saber era relativo.

Vivemos por pouco mais de 200 milhões de anos sem jamais termos interagido com o que quer que fosse que não se enquadrasse no espaço-tempo do universo, como atualmente vocês chamam a realidade vibratória interna do ambiente em que todos vivemos.

Tínhamos, como espécie de norma ou postulado do nosso conhecimento que, quem vivia no âmbito interno da “grande obra universal” não teria como compreender e descortinar nada mais além do que já havíamos colecionado: — o conjunto dos saberes de toda a família biodemo, associado ao conhecimento de Sophia e da família *Aya*. Esse parâmetro representava o “todo” para nós, e nele também estavam inseridas as competências de outros personagens singulares, como era o caso do “Codificador de Zian”.

Em outros tempos, para nós, os limites do universo encontravam-se onde “Espherian”, “Asphezian” e “Espheron” nos levassem, por entre os atalhos naturais e outros provocados pela “habilidade tecnológica” de um conhecimento que é amplamente utilizado por muitas civilizações distintas, mas que, para os terráqueos, ainda parece ser pura ficção — o processo de encurtamento das distâncias cósmicas conhecido por vocês como, **“buracos de verme”**.

Agora, aprisionados e reféns do que se passava em um simples planeta, na circunstância mais improvável, estávamos a confrontar-nos com uma situação cujos indícios apontavam, definitivamente, para a existência de “dimensões” situadas além do nosso saber e da compreensão que nos era comum.

Como já descrito, durante muitas dezenas de milénios é que fomos decodificando a situação dos nossos pares fenecidos que, de algum lugar por nós desconhecido, conversavam connosco, convidando-nos a alargar a nossa compreensão sobre o significado da existência individualizada e coletiva.

Ironicamente, para aquela dimensão convergiram, mais tarde, todos os principais membros do que um dia havia sido um grupo de mentes brilhantes que se viram juntas, no comando de um processo cujas consequências até então haviam sido extremamente dolorosas, mas que prenunciava ainda mais sofrimento e inquietação, porque era uma história que parecia ainda muito longe de ter um fim.

Naquela altura dos factos, Yel Luzbel e demais transplantados em Shamb-Aha, conseguiram elaborar um padrão de existência, nas circunstâncias já descritas daquele local, cujos parâmetros estavam a evoluir, ainda que lentamente. Mas, de todo modo, representava um tipo de avanço que jamais havíamos conseguido promover na Terra, fosse porque aqui existiam outros concorrentes, ou pelas impossibilidades climáticas.

Todo um esforço de milhares de anos desenvolvido pelos seres astralizados em Shamb-Aha ruiu, quando os efeitos da “acoplagem do conglomerado das forças da *Lila*”, fizeram-se sentir naquele ambiente.

Para eles, aquilo representava “um ataque” dirigido à nova situação em que se encontravam, como forma, inclusive, de causar modificações no modelo genético dos seus corpos, que haviam sido modificados para se adaptar ao processo de astralização.

Os nossos “DNA’s”, que permaneciam na Terra, não sofreram qualquer tipo de dano com aquela explosão energética. Isso levou o “quartel-general exilado”, que estava em Shamb-Aha, a afirmar que o “ataque” havia sido direcionado para lá, pelo facto de os mais habilitados nos conceitos da “rebelião” ali se encontrarem.

Tanto nós, os de Benem, quanto os de Antlar, achávamos que ou “algo não ia bem” com os nossos 129 irmãos biodemos dimensionados em Shamb-Aha, ou nós, os alojados no planeta, não estávamos a perceber coisa alguma, pois não nos era possível traçar qualquer relação de causa e efeito entre a explosão magnética e os seus efeitos, tal como apreendidos por nós, e os descritos por eles.

Para complicar ainda mais o já desolador cenário, os problemas de saúde corporal — e agora também de ordem mental — novamente voltaram a fazer-se sentir entre os “clonados rebeldes” que se encontravam espalhados pelas inúmeras bases.

Era mesmo estranho perceber que, tanto os biodemos de Benem, naquela altura exatos 1841 seres — 1677 “não *Val*”, das diversas famílias + 126 *Val* ativos + 38 *Val* em hibernação — que ali se encontravam como residentes, não sentiram qualquer efeito deletério nos seus corpos e mentes, como também que os 1218 alojados no sul, em Antlar, nada detetaram. Contudo, os dimensionados clamavam por uma atitude de contraofensiva e de pronta defesa, pois afirmavam que o ataque das forças *Aya* era iminente.

O contato mais seguro entre os “dimensionados” e os que permaneceram no planeta, normalmente dava-se por meio do “Processador *Val*”, situado em Benem. Com o tempo, porém, os “dimensionados” e os de Antlar desenvolveram um método de comunicação que, embora suscetível de problemas devido às oscilações no campo magnético do planeta, também lhes garantiu um canal de comunicação.

O esforço dos biodemos de Antlar, em construir um modo de comunicação independente deveu-se, basicamente, aos problemas climáticos que, associados à nossa decadência tecnológica, muitas vezes impediam o deslocamento deles até Benem, para o contato com Yel Luzbel e os demais “dimensionados”.

Muitas barreiras passaram a existir para a simples manutenção do contato direto entre os de Antlar e os de Benem, até porque, com os demais “clonados rebeldes”, as interações, quando ocorriam, eram praticamente motivadas por casos extremos, mesmo porque eles mantinham contato “direto-visual” com um ou outro “dimensionado” que se “materializava” aos seus olhos, funcionando como “deuses rebeldes” que os orientavam contra uma invasão que jamais veio a existir. Mas a tônica das crenças de então — sim, os biodemos clonados passaram a ter a faculdade mental da crença, algo que era desconhecido para o psiquismo dos biodemos originais — era, basicamente, esse “ataque” das forças de Sophia.

Aqueles seres biodemos clonados — irmãos nossos, mas bem diferentes, tanto em corpos, por força de outras escalas de clonagem realizadas nas gerações mais novas, que a todo tempo surgiam, como em postura mental, pois eram engendrados algo “nervosos” — haviam tido os seus psiquismos programados para servirem como um exército, com o objetivo de defender as nossas forças da invasão *Aya*.

Lembrem-se os terráqueos que, se um dia tiverem acesso a estas informações, que nós, os biodemos, não éramos e não somos “sexualizados”, apesar de existirem, entre nós, polaridades temperamentais distintas. Devido a esse facto, a clonagem era o único modo de manter e/ou aumentar a quantidade de membros da família biodemo e foi a opção abraçada, milénios atrás, por alguns dos nossos núcleos, quando foi

percebido que os Nephilim e os “seres dos portais” reproduziam-se de algum modo, e os biodemos não.

Por volta de 24 mil e 300 anos atrás, em dada oportunidade, os seis *Val* dimensionados conseguiram efetivar uma comunicação connosco, os 126 *Val* despertos de Benem — além desses existiam ainda 38 em hibernação, sendo 34 em ciclo de manutenção, e quatro que permaneciam como que inutilizados.

O contato tão somente aumentou a preocupação generalizada de que algo realmente não estava “bem estabelecido” no psiquismo de Len Mion e de outros “dimensionados”. Segundo os relatos, **Yel Luzbel decidira que não mais iria “materializar-se” para os “clonados rebeldes**”, nas diversas bases, os quais cultuavam o mundo perdido de Alt’Lam, no sistema de Antares, como “foco da rebelião” e a ele como o “grande comandante”.

Os 129 biodemos dimensionados estavam profundamente divididos em basicamente três grupos, que defendiam posições absolutamente divergentes.

O chamado “**quartel-general**”, **agora comandado praticamente por Len Mion e composto por 87 membros** — todos os *Mion* e *Cromon* dimensionados e parte dos *Yel* — era o maior grupo.

O segundo grupo apoiava a tese de Yel Luzbel, de que eles já estavam a ser “castigados”, e que não haveria mais confrontos, porque ele não mais percebia sentido de “ganho” para qualquer das partes envolvidas. Defendiam a posição de que os “dimensionados”, como um todo, deveriam congregiar os seus esforços no sentido de decodificar a situação na qual se encontravam inseridos — assim pensavam, naquele ponto da história, Yel Luzbel e mais 27 membros da família *Yel*.

Finalmente, o grupo minoritário, composto pelos seis *Val* e oito *Yel* remanescentes, defendia que o esforço concentrado fosse direcionado para o estudo das consciências particularizadas dos três *Val* que dali “migraram” para a vida entre os “seres dos portais”, pois, conforme pensavam naquela altura, aquele seria o destino de todos os “dimensionados”, tese com a qual Yel Luzbel até concordava, mas não aceitava pôr em prática.

Prevalecia, porém, fosse pela quantidade de seres ou mesmo pela eloquência e radicalismo de Len Mion, a tese de que a “conduta bélica” deveria ser exercida, ainda que daquele ambiente, que deveria funcionar como uma “trincheira estratégica” para as forças “rebeldes”. A tese era a de que eles deveriam desenvolver armas interdimensionais, de forma que, caso a Terra fosse invadida pelas forças *Aya*, eles

combateriam a partir de Shamb-Aha, tanto com tais “armas” como mediante outros processos de confronto que de lá pudessem fazer valer a sua força sobre o quotidiano planetário.

Foi esse grupo maior que continuou a providenciar as “aparições e/ou materializações” de um Yel Luzbel, que se viu a ser usado, com ou sem a sua participação direta, como sendo o “deus do mundo” para os “clonados rebeldes”, que cultuavam Alt’Lam.

O processo foi tão complicado que até mesmo os “seres dos portais” tentaram destruir — e realmente o fizeram em algumas bases — os “deuses” por trás daqueles fenómenos que ocorriam em lugares que não conseguiam prever com antecedência.

Os próprios Nephilim, em algumas oportunidades, também viram-se envolvidos com a questão, porque, afinal, estava em jogo o “controle do planeta”.

Toda aquela conjuntura levava a que as comunicações com os “dimensionados” ficassem cada vez mais complexas e estéreis, uma vez que, agora, somente as discussões eram repassadas de lá para cá, como se os de cá tivessem apenas que concordar com o que era postulado em Shamb-Aha. Nessa época, levados pelo distanciamento em relação aos “clonados rebeldes”, que guerreavam até mesmo entre si — haviam sido, num certo sentido, programados para aquilo —, dos irmãos originais de Antlar, e sem uma “agenda comum” com os “dimensionados” ou com qualquer outra ordem de ideias que pudesse existir no planeta da qual estávamos segregados, fomos criando a nossa “própria agenda”, e foi nesse padrão cultural algo isolado que a Frota Norte surgiu em Benem, como sendo o nosso “norte existencial”.

Éramos 1841 seres biodemos originais, que fomos gerando as nossas próprias buscas e os nossos próprios desafios e, bem disciplinados como ainda éramos, não nos perdemos em contendas dolorosas que terminaram envolvendo, até mesmo os de Antlar, que conviveram direta e profundamente com as bases dos “clonados rebeldes”, formando o que historicamente viria a ser considerado o hoje chamado “império atlante”, na sua feição mais recente.

A Frota Norte, praticamente, não mais interagia com o “Império de Antlar”, pois esses nossos irmãos do sul, com o poderio de uma das “mastlans” que havia sobrevivido à decadência, apoiada pela outra “mastlan” fixada no solo — incapacitada para o voo — resolveram dominar para não serem dominados pelas forças dos “clonados rebeldes”, opção para a qual convidaram a nós, os de Benem, mas que preferimos não abraçar.

Sem nenhum conflito, os nossos irmãos de Antlar, predominantemente formados por membros das famílias *Mion*, *Yel* e *Cromon*, apartaram-se por completo da Frota Norte, que era basicamente composta por uma maioria de seres *Yel*, alguns poucos *Mion* e *Cromon*, e o que restava das famílias *Shanlung* e *Val*.

Pelo facto da tecnologia disponível em Benem ser toda de origem *Val*, como também, ser a nossa família a que menos havia se desagregado em termos de posições exacerbadas — pelo menos até àquela altura —, **o comando da Frota Norte era harmonicamente desempenhado por três membros *Val* e dois *Yel***, pois os demais abriram mão de se verem representados, porquanto desnecessário para os valores que nos uniam.

Val Amom, Val Eliah e Val Elieh foram os que, dentre os *Val*, assumiram as funções de membros do **Conselho dos Cinco**, além de Yel Am e Yel Luziel, os escolhidos pelos membros da *Yel*. Coube a Val Amom a função de comandante supremo da Frota Norte, que passou a existir como uma “potência isolada”, **cujos esforços passaram a ser direcionados para objetivos absolutamente diferentes de todos os que eram comuns às demais forças, que naquele tempo existiam na Terra.**

Ao longo de cerca de dois milénios e meio, os membros da Frota Norte construíram um estilo de vida que fugiu completamente ao modo militarista e conquistador que caracterizava todos os demais agrupamentos “atlantes-rebeldes” (formados por biodemos clonados), Nephilim e pertencentes aos “seres dos portais”.

Os “seres dos portais” **começaram a adestrar os humanos** que, para o conhecimento dos membros da Frota Norte, estavam agora habilitados à arte da inteligência, dado que conviviam produtivamente, ainda que sob a perspectiva militarista, com aquelas forças díspares, que os utilizavam basicamente como trabalhadores e soldados. Com o passar dos tempos, os Nephilim e os “clonados rebeldes” também começaram a servir-se dos humanos como soldados.

Tão fechados nos encontrávamos em torno da “agenda” que nos era própria, que havíamos mesmo deixado a cargo de uma equipa, o acompanhamento do que ocorria com os humanos, não por que déssemos a isso algum valor superlativo, mas tão somente porque continuávamos a **perseguir a identificação das agora “centenas” de consciências *Val* já fenecidas**, mas que muito provavelmente deveriam estar a migrar entre os que nasciam como rebentos dos Nephilim, dos “seres dos portais”, das associações destes com os humanos — facto que ocorreu em grande conta — e, principalmente, dos humanos.

Assim, foi com “surpresa” que, quando da atualização cíclica que fazíamos, de tempos em tempos, ao reunir todos os membros da Frota Norte, **começámos a atentar para o surpreendente crescimento numérico dos humanos e para algumas das suas características**, uma vez que, diferentemente de todas as demais espécies inteligentes que conviviam na Terra, a raça humana apresentava um comportamento que nada tinha de linear: enquanto em alguns grupos constata-se claramente um comportamento dócil em relação aos “seus senhores”; em uns poucos a habilidade humana parecia a ponto de superar a dos “senhores”, que subjugavam os “filhos da Terra”.

Quando Val Pen e os demais membros da equipa, que mapeavam o curso dos factos do quotidiano planetário, apresentaram a inquietante informação de que havia um grupo de humanos “aprisionado” em certa região situada muito a leste de Benem, sede da Frota Norte, os quais estavam sob a tutela de uma hoste que se reportava a um “conglomerado” recém-descoberto, plotado no norte mais extremo do planeta, a nossa atenção voltou-se completamente para o significado daquele evento.

Eram os tempos daquilo que os terráqueos viriam a conhecer, mais tarde, como o **“Jardim do Éden”**.

Por que “aquele centro de força”, que parecia ser muito superior a todo o poderio dos “seres dos portais”, dos Nephilim e dos “rebeldes” — além do nosso próprio — estava com o **foco da sua atenção voltado para o adestramento de humanos?**

Não se apresentaram, não confrontaram nenhuma das bases “rebeldes”, nenhum dos centros de força dos Nephilim e muito menos as civilizações que por aquela época surgiam a partir do conglomeração de descendentes dos “seres dos portais” e dos humanos.

Por que tomar somente um núcleo de humanos, selecionar um casal e deixá-lo isolado da convivência com os demais, como se pretendesse um destino diferente para aqueles e a sua descendência, se comparado à inesperada profusão de comunidades que agora se espalhavam, sempre com a componente humana, cumprindo alguma função?

Quem era aquele casal selecionado pelas forças do “conglomerado”?

Segundo os registos de Val Pen, naquela altura dos factos, ou seja, por volta de 23 mil anos atrás, **já existiam diversos grupos de humanos falantes e com padrão de personalidade impressionante, enquanto aquele casal parecia sequer**

ostentar a capacidade da fala e da racionalidade. Tal facto não era compreensível para a nossa lógica de então.

Mas, foi exatamente de um outro grupamento humano, que não expressava maiores noções de progresso, que as forças do “conglomerado” escolheram um casal que passou a ser motivo de acompanhamento da nossa parte, pelos estranhos desdobramentos que fomos verificando em torno dos acontecimentos que o envolviam.

NAT – Segundo as explicações atualizadas, advindas dos mentores espirituais que nos auxiliam na reprodução destas informações, fornecidas por Val Eno, em 2003, o Senhor Javé já era conhecedor de que, cerca de dez mil anos mais tarde, o planeta passaria por um processo de cataclismo ambiental — uma grande devastação provocada por enchentes e tsunamis, realmente ocorrida há cerca de 13 mil anos — que fatalmente poderia provocar a extinção de toda a vida na Terra, a não ser aquela que pudesse ser “salva” por algum processo que a preservasse.

Apenas a título de ressalte, o chamado “dilúvio bíblico”, de carácter regional, teve lugar por volta de 8 mil anos atrás.

Como o Senhor Javé havia perdido o controle sobre a espécie humana, desde que Pandora, por volta de 52 mil anos atrás, transcendera a condição demo, conforme descrito no livro “O Sorriso de Pandora”, o Criador escolheu um casal humano para ser adestrado — que não pertencia à descendência direta de Pandora — e dar início à sua descendência, que seria salva, mais tarde, quando do grande dilúvio.

Deste modo, morreriam todos os demais humanos já racionalizados (com liberdade mental) e permaneceria tão somente a componente ainda controlada por Javé, a qual, a depender dos seus esforços, continuaria a existir sem qualquer opção de liberdade, ou seja, subjugados — assim ele, então, pensava.

Esse casal era o constituído pelos “Adão e Eva” da cultura judaico-cristã.

Como se para complicar ainda mais a situação, foi nessa época que os “seres dos portais” entraram em mais um período de “guerra fria” e produziram três grandes “cidadelas”, que passaram a voar nos céus do planeta, desafiando o poder do “conglomerado”.

Surge, entre os seres estranhos que viviam na Terra — e o termo “estranho” aqui utilizo em relação ao meu padrão biodemo de avaliar as coisas —, seguramente, a mais estranha de todas as personalidades demos já acontecidas para a realidade terrestre: aquele que é chamado de “**Senhor Shiva**”.

Na verdade, Val Pen e a equipa à qual ele pertencia, há muito tempo já haviam registado **relatos diversos, existentes no sul da atual Índia, sobre a atividade daquele ser que, além da expressão conhecida como Shiva**, parecia deter a condição de possuir outras tantas, conforme as narrativas que existiam sobre a sua sinuosa e multifacetada jornada terrestre.

Jamais compreendemos aqueles registos, até porque referiam-se a acontecimentos ocorridos muitos milhares — e mesmo milhões — de anos atrás, em palcos planetários distintos.

Apesar da “provocação” das três “cidadelas voadoras” dos “seres dos portais” ao enigmático “conglomerado”, cujos sinais de localização só eram episodicamente percebidos, essa hoste jamais cedeu ao convite para o confronto, pelo menos no sentido de utilizar alguma força operativa para tanto.

Entretanto, sem que viéssemos a saber porquê, coube ao Senhor Shiva, “sozinho”, destruir as três “cidadelas”, com uma “arma produzida pelo seu poder mental”, e o fez de forma espetacular pois, por meio de alguns demos (**NAT - “rishis hindus”**) e de outros *Homo*, (**NAT - raros humanos que já prestavam culto a pelo menos duas expressões desse ser, a saber, a forma de Shiva e a de Pashupati, e lhe serviam como “sacerdotes”**), “avisou bem antes que o faria”, apesar de que, pelo menos nós, biodemos, tanto os da Frota Norte, em Benem, como os “Imperiais de Antlar”, já fizéssemos uma ideia de que tal se daria.

Para nossa inquietação, **detetámos o uso da força nuclear para a destruição daquelas fortalezas voadoras**, acontecimento de que somente havíamos tido registo no desdobramento da “rebelião”, nos tempos dos conflitos, em Antares.

Como teria sido possível, àquele ser, providenciar tal tipo de armamento?

Nunca pudemos resolver esse enigma.

Os “dimensionados” em Shamb-Aha, ao perceberem o ocorrido, mais nervosos ainda se tornaram, porque não havia o menor nexo em qualquer tipo de análise, que tivesse sido feita por eles ou pelos situados na Terra.

Nós, os *Val* ainda atuantes, tínhamos 230 milhões de anos, pois fomos, dos biodemos, a última família a surgir, ou seja, éramos os mais novos do gênero. No entanto, muitas outras famílias mais velhas viviam já há 400, 600 até cerca de 900 milhões de anos, pois é esse o tempo em que o genoma biodemo foi engendrado.

Aqui faço este registo tão somente para ressaltar que a cultura biodemo já havia colecionado muitas ocorrências por este universo afora, mas nada se comparava ao que alguns poucos de nós estavam, agora, a observar, ou seja, o conjunto dos eventos que se passavam na Terra.

Ao longo dos próximos mil e duzentos anos, diversas guerras entre espécies de “seres dos portais” com as suas inquietantes — para nós — características demos, eclodiram, e não houve um só momento em que um conflito não estivesse a ocorrer em algum quadrante do planeta.

Pelo menos seis bases “rebeldes” dos biodemos clonados começaram a guerrear entre si e, depois, contra a força de Antlar.

Possessões dos herdeiros dos Nephilim, já nascidos na Terra, também passaram a apresentar querelas entre as suas hostes, e a mortandade passou a compor o triste quotidiano daqueles dias.

Somente o “conglomerado” e a Frota Norte observavam todos aqueles confrontos, sem neles se envolverem.

O quadro cósmico, porém, era e é — cada vez mais ainda — extremamente sofisticado, no sentido de que incontáveis raças siderais existem, cada uma delas com o seu padrão de psiquismo (lógica comum à natureza da espécie), e agem conforme os impulsos e necessidades dele resultantes.

No meio de todo aquele desconcerto, ainda assim, ciclicamente aportavam na Terra algumas espécies que daqui se aproximavam por curiosidade, e outras mais que pretendiam estabelecer colônias, com o objetivo de praticar algum tipo de extrativismo.

As “menos poderosas” logo eram expulsas do planeta pelos Nephilim, que prontamente as guerreavam, no sentido de destruir as suas naves. Mas algumas delas aproveitavam-se do vazio de um poder centralizado e iam ficando, até o limite das possibilidades.

Duas delas terminariam, ainda, por servir de foco civilizatório para alguns agrupamentos humanos que tiveram origem e padrões culturais próprios por cerca de milénios, mas que tiveram os seus registos e instalações destruídas pela grande devastação que ocorreria mais tarde.

Cada vez mais a Frota Norte acompanhava todo aquele processo, à distância prudente que o nosso senso determinava, mas era notória a ausência de motivação para conviver com aqueles confrontos, pois, afinal, estávamos fartos de disputas.

Mas, esse não parecia ser o caso dos nossos irmãos de Antlar, que efetivamente aumentavam as bases e os centros de poder do seu império, servindo os biodemos clonados como massa de soldados para os enfrentamentos que jamais cessavam.

Naquela altura dos factos, sem maiores avisos, o clima planetário começou a apresentar um inusitado padrão de aquecimento, pois estava a chegar ao fim o longo período de glaciação que cobrira de gelo abundante quase a totalidade do hemisfério norte.

O gelo começou a derreter e outros desastres naturais passaram a ter lugar, enquanto aquele “rápido início de degelo” aumentava os níveis de rios e mares, fazendo submergir muitas bases e vilarejos situados nas regiões litorâneas. **Há cerca de 21 mil anos, a Terra foi dominada por um ciclo de degelo e de outras modificações climáticas** que impactaram o ambiente planetário a tal ponto que **muitos focos culturais deixaram de existir**, ainda mesmo naquela época longínqua. O processo estava tão somente no seu início, e jamais pudemos estabelecer o limite de até onde e quando se manteria e quais as suas implicações.

Nada sabíamos sobre a “grande devastação” que oito mil anos mais tarde iria destruir, pela força das águas e dos ventos tempestuosos, tudo o que estivesse estabelecido no planeta e que não dispusesse de tecnologia para enfrentar a força da natureza.

O “novo conclave” da Frota Norte, que se iniciava por aqueles tempos, trazia o indicativo de que deveríamos estabelecer uma meta a ser perseguida e executada assim que possível, devido ao caos planetário promovido por todas aquelas disputas paralelas.

Era necessário **criarmos uma nova forma para continuarmos a existir na Terra de modo independente** de todas as demais forças que disputavam a posse do planeta.

Foi quando um grupo de cientistas *Val* e *Yel* arquitetou a “Experiência Gron” como sendo a única alternativa possível de ser executada, ainda que com todos os níveis de riscos inerentes à questão.

Se antes, na família *Val*, todas as decisões eram praticamente unânimes, agora a história evolutiva da Frota Norte processava-se obedecendo a pontos de vista que cada vez mais ampliavam o espectro das possibilidades de análise.

Após muitos milénios tentando render-se à inevitabilidade de ter que permanecer na Terra, os biodemos da Frota Norte procuravam um modo de aqui permanecer, mas como que apartados do que se passava no planeta.

Distanciamento de Lúcifer

Os oceanos planetários começaram a subir o nível das suas águas. Iniciava-se, por essa época, um panorama que há tempos não observávamos no planeta, que era, agora, um fluxo contínuo dos mares invadindo regiões litorâneas, contexto que, por sinal, até ao momento encontra-se em curso, e que deve perdurar por muito mais tempo, ainda.

Desde esse marco temporal, de mais uma mudança climática radical, em que éramos obrigados a testemunhar e a conviver com ela, absolutamente todas as bases situadas nas ilhas e em regiões litorâneas passaram a administrar essa nova situação.

Com o tempo, algumas foram submergindo ante o avanço das águas, e outras foram tendo os seus limites modificados, com maior ou menor dano aos seus habitantes.

A partir desse ponto, o que hoje poderíamos considerar como sendo, naquele tempo, o “império atlante”, encontrava-se dividido em dois grupos no sentido da “geopolítica” de então: as bases que ainda cultuavam Yel Luzbel, e as outras que surgiram como produto da ação dos “seres dos portais”.

Quanto às primeiras, as “luciferianas”, das 28 bases que chegaram a ser construídas ao longo do tempo, 19 ficavam na superfície, em pontos centrais de certas áreas mais elevadas, enquanto que as demais ficavam em locais onde algumas delas acabaram por ser cobertas pelo avanço do mar. Antlar, Astlan, Astlantis, Antlartes, Astlar, Astlartan, Astlatan e Mercedes foram as que, então, ainda resistiam e davam guarida à população biodemo do sul e aos demais clonados.

A antiga base Atlan e algumas outras, muito tempo atrás, já haviam sido destruídas ou tido os seus processos operacionais interrompidos devido às questões ambientais.

Astlan, Plorton e Plortan, na Península Ibérica, que um dia haviam formado o “complexo interdimensional”, destruídas por intempéries, foram posteriormente reconstruídas e refundadas por uma linhagem dos “seres dos portais” (**NAT – a de**

Poseidon), que terminariam, ainda, por construir mais algumas à volta da já citada Península Ibérica, com a sua própria engenharia.

Nos centros habitados por biodemos clonados, espalhados pelo planeta, novas experiências genéticas continuavam a ser feitas, usando animais e humanos como cobaias, com vistas a diversos fins.

Quanto a Yel Luzbel e os seus 128 companheiros astralizados, ninguém dentre eles, notadamente Len Mion, ainda que o quisesse, praticamente não mais conseguiam “potencializar-se”, o que, para eles, cada vez mais foi intensificando-se o aterrorizante isolamento a que estavam condenados.

Esse aspeto na vida de Len Mion levou-o a **desenvolver uma capacidade mental de procurar, de lá mesmo, influenciar o fluxo mental** dos “seres dos portais” que perambulavam pelo planeta, quando se encontravam atuando fora das suas “moradas”, dos Nephilim, dos biodemos clonados e, **principalmente, dos humanos, quando estes dominaram a “cena planetária”**.

Naquela época, contudo, apenas notávamos a resistência que nascia em nossos psiquismos quando éramos obrigados a lidar com aqueles aspetos da política planetária.

Sem que o percebêssemos, fomos gerando barreiras mentais quanto à atuação dos que procuravam impor-se de algum modo ou a qualquer custo. O código genético dos membros da Frota Norte começou a ser modelado de uma maneira algo singular, quando comparado ao padrão médio do que hoje representa o genoma humano. Alguns dos nossos — da Frota Norte, porque os de Antlar e os clonados possuem outra atitude mental em relação ao exercício do poder — que hoje estão mergulhados na condição humana até podem desempenhar funções de mando, mas não se sentem sobremaneira atraídos pelo poder.

Desse modo, as mutações genéticas que passaram a ter lugar nos “rebeldes” da Frota Norte, nos de Antlar e nos clonados, espalhados em diversos núcleos, vieram atender às necessidades das vivências agora bem diferenciadas que cada polo passou a ter.

Os nossos irmãos do sul foram se transformando em “biodemos espertos”, preocupados com o exercício do “poder”, levando consigo, por meio desse impulso, os demais biodemos clonados das novas gerações surgidas na Terra.

Além desse aspeto, os “biodemos rebeldes dimensionados” desenvolviam, conforme as circunstâncias, a lógica que lhes era própria, e disso fluiu um viés psíquico revoltado, exasperado e algo insensato entre eles, atingindo a todos os de lá, ainda que de modo distinto.

O processo de “exaltação temperamental”, no âmbito de Shamb-Aha, chegou a tal ponto que **Len Mion** e os do seu grupo **acusaram os membros da Frota Norte de covardia, classificando a “Experiência Gron” como uma fuga**. Devido a isso e por muitas mais circunstâncias desalentadoras, **fomos distanciando-nos, cada vez mais, de Yel Luzbel e de Len Mion, deixando os conflitos de Shamb-Aha como temas inalcançáveis e despropositados para a nossa lógica**. Dos “dimensionados”, apenas o grupo ao qual os seis *Val* de lá pertenciam continuou a ter contato conosco através do “Processador *Val*”. Isso, porque o grau de afetação dos *Val* perante o problema sempre foi menor do que o dos demais seres biodemos.

Afinal, o que era a pretendida “Experiência Gron”?

Do modo como o contexto que nos cercava se encontrava evoluindo a cada dia, alguns, dentre nós, até passaram a achar que a “melhor coisa a acontecer” seria a tão temida invasão da Terra pelas forças *Aya*, como forma de organizar o “desastre planetário” que, com o passar do tempo, somente se anunciava como sendo mais e mais deletério. Contudo, tal “invasão” nunca se deu.

Por outro lado, os humanos, estavam cada vez mais presentes nas diversas regiões planetárias e multiplicavam-se significativamente. Ao longo dos últimos 40 mil anos, anteriores ao tempo em que optámos pela “Experiência Gron”, havíamos registado inúmeros “pequenos grupos” de humanos expandindo-se pelo planeta.

Os Nephilim, os “seres dos portais”, os nossos irmãos de Antlar e, eventualmente, outras raças que aportavam na Terra, lidavam com os humanos de diferentes maneiras, mas não era esse o nosso caso, pelo menos o dos biodemos originais.

Os nossos descendentes clonados, diferentemente do modo como sempre agimos, procuraram mesmo dominar os humanos para as suas necessidades, e o fizeram em “larga escala”.

Não havia muitas maneiras interativas entre seres com o nosso padrão de temperamento e as diversas situações que formavam o contexto planetário. Inexistia, da nossa parte, qualquer vontade ou interesse em interagir com qualquer um daqueles processos que se encontravam em curso na Terra.

Optámos, então, por desenvolver uma tecnologia que nos permitisse continuar a viver em “Espheron”, levando-a para “situações magnéticas” que nos fossem mais agradáveis, sem que ninguém nos detetasse, libertando-nos, assim, de qualquer ansiedade ou perigo de confronto com as demais forças presentes.

Um dos nossos objetivos com essa tecnologia era o de **sabermos onde todos se encontravam sem que ninguém soubesse do nosso paradeiro.** Para tanto, fomos obrigados a retomar registos anteriores das experiências ocorridas em tempos nos quais sequer havíamos estado na Terra, quando a busca pelo que poderia existir além da “realidade universal” era — como ainda é — uma constante de todas as civilizações que atingem esse grau operativo.

Nos tempos em que vivíamos, praticamente, em torno dos acontecimentos dos planetas Dan e Zion (ou Zian), que havíamos escolhido como “residência”, no sistema conhecido por vocês como “Capela”, muitas das famílias biodemos congregavam-se em torno de experimentos diversos, todos eles vinculados a um ideal de busca coletiva, que tinha a ver com a acumulada quota de mistérios situados na origem dos processos que haviam dado início a tudo, e que mantinham tudo o que existia.

Sob essa perspectiva, os horizontes das nossas buscas não eram muito diferentes daqueles dos humanos atuais. **A diferença marcante é que, no nosso psiquismo, o conceito de “deus” e de “sagrado” e as questões emocionais que movem os humanos, jamais fizeram parte do nosso modo de pensar.**

O que sempre nos moveu foi o impulso mental da curiosidade intelectual e da superação de obstáculos, associado à orientação que, muito circunstancialmente, recebíamos daqueles a quem considerávamos os nossos “mentores”.

O encurtamento das distâncias cósmicas não era mais problema para a nossa ciência, até porque, quando surgimos para a vida, esse processo já era comum entre as gerações anteriores de biodemos. Além disso, a nossa “programação intelectual” já nasceu com a percepção de que a realidade que observávamos não correspondia ao nível mais profundo do que poderia existir.

Sabíamos que existia a “lenda” de que um “Ser Criador” operara por sobre a “energia magna”, apesar de não compreendermos a extensão do significado daquela possibilidade.

Com o tempo, fomos nos obrigando a situar, nesse contexto inacessível, à provável existência de uma potência, de uma hierarquia, e outros panoramas

indefiníveis, mas cuja possível admissibilidade não nos causava maiores expressões de angústia ou de júbilo, até mesmo porque desconhecíamos essas sensações.

Claro estava para a “sociedade média universal” que a vida que levávamos era uma expressão criativa em curso e que, para além, parecia existir um “nível operacional de existência” em relação ao qual não esboçávamos maiores buscas, a não ser aquelas propostas pelos nossos “ancestrais”, sendo, todas elas, de ordem científica, sem o viés de religiosidade ou mesmo de espiritualidade que, hoje, se percebe no psiquismo dos terráqueos.

Sophia, o nosso “mentor e ancestral primeiro”, isso afirmava, mas confessava não ser da sua total ciência todos aqueles panoramas — e assim vivíamos.

Foi a partir dessas experiências de buscar o “além da camuflagem da realidade”, de tentar penetrar os “portais” do processo de transformação perene entre energia e a matéria da qual éramos formados, que conseguimos coletar muitas experiências, ao longo de milhões de anos, dentre as quais decidimos valer-nos das mais úteis ao nosso intento, frente ao desafio que estávamos a viver, e que, então, terminaram conduzindo-nos ao “modo Gron” de existir.

De um modo menos inquietante e com menor dose de risco do que a assumida pelos biodemos que, no passado, decidiram “astralizar-se” e passar a viver em Shamb-Aha, começámos a discutir o projeto de “astralizar Espheron” e os biodemos que houvessem por bem seguir esse roteiro, que cada vez mais contava com o apoio da maioria.

O “processo de astralização”, agora idealizado, era bem diferente do anteriormente ocorrido, devido a muitos motivos (técnicos) que aqui não irei registrar, pela inexistência de simbologia e de vocábulos adequados que possam levar para a lógica humana os padrões da nossa cultura de então. Um aspeto, porém, posso aqui ressaltar, é o que se refere ao facto de que, diferentemente do caso de Shamb-Aha, que era — e é — uma dimensão absolutamente independente da faixa de realidade deste universo, a que surgiria com a “Experiência Gron” seria tão somente uma “camuflagem vibratória”, completamente “apoiada” nesta faixa de realidade.

Não foram, contudo, dias fáceis.

Todas as forças presentes no planeta enfrentavam agora os desdobramentos do degelo que, por toda parte, provocava mudanças no clima e na geografia litorânea, além da submersão de territórios antes ocupados por comunidades, tanto de seres biodemos clonados, como de humanos. Estes, na sua maioria, em pequenos núcleos,

fugiam da perseguição que lhes era imposta naqueles tempos pelos biodemos clonados e pelos Nephilim. Como se não fosse suficiente, seres vinculados ao “conglomerado”, fixado no norte extremo, também patrulhavam pequenos grupos formados por humanos, aprisionando-os, como hoje os humanos fazem com animais, nas suas fazendas.

Assistíamos aos eventos que se sucediam, ao mesmo tempo que percebíamos que nenhuma daquelas forças conseguia ficar incólume aos desdobramentos da instabilidade climática.

As notícias que recebíamos, vindas de aglomerados humanos associados a “seres dos portais” e localizados ao **sul da atual Índia, diziam de um “Ente Criador” que ali se fixara**. Entretanto, as informações que conseguíamos colher dos acontecimentos envolvendo os tais **seres do “conglomerado” apontavam, por sua vez, para a existência de outro “Ser Criador”, que dali pretendia também comandar a política universal e local**.

Com o tempo, percebemos que **os “seres dos portais” estavam divididos entre aqueles dois “Seres Criadores”,** o que, para nós, era a mais inquietante e absurda das situações. Porquê? Simplesmente, para nós, **Sophia se assumia como a “maior autoridade universal”, sem nenhuma relação com aqueles outros dois “pretendentes”** à função semelhante.

Naquela época, não tínhamos como vislumbrar que estávamos a lidar com o que hoje sabemos ser a antiquíssima contenda produzida pelas estratégias dos três “Senhores da *Trimurti*”, como tem apontado o nosso “escrevente terráqueo”.

Os Nephilins também pareciam estar perdidos, pois, claramente, como nós da Frota Norte, estavam desalinhados em relação àqueles dois focos de disputa política, pelo menos nos tempos a que estou aqui me referindo.

De Shamb-Aha e dos biodemos de Antlar recebíamos notícias de mais desagregação e, para tornar ainda mais complexa a situação, os biodemos clonados, que cultuavam a personalidade de Yel Luzbel, começavam agora a dividir-se entre os dois “Entes Criadores”, que pareciam disputar fieis.

Foi desse modo que diversos núcleos com as cores do “antigo império atlante” do sul começaram a seguir o culto de “outros deuses”, além da figura que, na mitologia grega era conhecida como **Poseidon, que, nesse tempo, entrava no jogo político da época**, disputando a posse sobre algumas bases então existentes, visando somá-las às duas que ele próprio, com seus assemelhados, havia construído.

Esse ser – Poseidon -, durante um importante intervalo do tempo terrestre, teve uma participação na geopolítica planetária cuja relevância não passou à posteridade devido ao seu alinhamento com a forte posição do seu “irmão comandante”, conhecido pelas cores da mesma cultura como Zeus, que, juntamente com os seus irmãos e descendentes, estavam, por essa época, muito mais ligados ao “Ente Criador” do sul da Índia (**NAT – Shiva**) do que ao do “conglomerado” (**NAT – Brahma/Javé**).

Por esse tempo, cerca de 18 000 anos atrás, foi por nós percebido que o **ente que mais tarde seria chamado de Poseidon, pela cultura grega, possuía uma vasta prole**, cujos membros também se imiscuíram sexualmente com os humanos da Terra. Esses **descendentes misturaram-se com biodemos clonados** e com eles passaram a coexistir, às vezes, nas mesmas bases também situadas em regiões continentais do hemisfério norte.

Seres muito especiais, chamados “*teoquinis*” no âmbito da mesma cultura grega, que eram anfíbios, haviam construído uma civilização subaquática e terminaram por participar da construção de algumas das bases pertencentes aos descendentes de Poseidon.

Como na Terra tudo era mesmo estranho, em tempos posteriores, esses descendentes de Poseidon entraram em guerra com os “*teoquinis*” e destruíram as suas metalúrgicas subaquáticas.

Poucas novas bases surgiram após o colapso da habilidade daquela categoria de seres muito especiais, que eram um padrão de mestiçagem que muito provavelmente chegou a envolver descendentes de **Ostronomos — seres “biodemol sexuados”** — com descendentes dos “seres dos portais”, que lhes eram assemelhados, mas de origem ancestral — “demol sexuados” sem o coeficiente “bio”, que era uma variante direta dos demos.

Sei que não é fácil para este “aparelho humano” nem muito menos para outros humanos que um dia possam ter acesso a estas informações, a arquitetura de uma compreensão sobre todas essas variáveis evolutivas a partir dos focos “demo” e “bio”.

NAT – Os fatores “demos” (demoníaco), “demol” (demoníaco animalizado, com ou sem capacidade sexual e “bio” (biológico) foram oriundos do que hoje sabemos ser o “código de vida original” do Criador.

Esse contexto teve início com o atualmente conhecido “Projeto Talm”, que trouxe do “universo paralelo antimaterial” — onde existem os seres demos, em

múltiplas “lokas” — o código da vida demo transmutado para a condição biológica, adequada a este “universo material”.

Os dois seres que prontificaram-se para o “sacrifício”, transformando-se em expressões “Adhyajnas” ou, por outras palavras, em “modelos-protótipos”, a partir dos quais novas linhagens pudessem ser geradas, foram aqueles conhecidos nas suas expressões “Adhydaivas” como Vishnu e Shiva.

Shiva gerou a linhagem “demo-bio” e, mais tarde, a “biodemol”, enquanto Vishnu gerou a “biodemo”.

Cito apenas estas para facilitar o entendimento, mas estes dois seres, antes das linhagens aqui citadas, promoveram outras experiências que permitiram chegar até essas três citadas. Depois dessas, a questão da função sexual seria ainda introduzida em variantes de todas elas.

Assim, passaram a existir diversos tipos de géneros, dentre os quais posso aqui citar:

- género demol assexuado;
- género demol sexuado;
- género demo-bio assexuado;
- género demo-bio sexuado;
- género biodemol assexuado;
- género biodemol sexuado;
- género biodemo assexuado; e
- género biodemo sexuado.

Apenas a título de complemento de informação, que pode ser precioso para os que buscam compreender as possíveis faces de uma “verdade esquecida”, pertenciam ao género biodemol (ou homodemol) sexuada os seres conhecidos como “Arjuna” e demais personagens do épico hindu “Mahabharata”.

A composição dos fatores evolutivos bio e demo em Arjuna era $2/5$ bio + $1/5$ demol + $2/5$ demo. Já o “mahavatar Krishna” possuía $1/5$ bio + $1/5$ demol + $3/5$ demo.

O aspecto central a ser observado é o de que o género Homo é produto evolutivo, geneticamente adequado/manipulado a partir desses géneros ancestrais.

Tempo virá em que este assunto complexo deverá ser melhor esclarecido em trabalho específico.

Ao tempo em que o foco da importância do “ex-império atlante” migrava do sul para os centros dos seres biodemos clonados do norte, muitas bases localizadas no hemisfério norte passaram a tornar-se mais poderosas e a expandir-se, ainda sob a égide de um antigo império que agora funcionava mais à moda de “bases-estado”, cada uma construindo a sua independência, mas sem perder de vista a unidade, ainda existente naqueles dias.

Com o iminente “aviso da natureza” de que as coisas ainda iriam complicar-se bastante na biosfera planetária, cada uma daquelas bases-estado, herdeiras da “cultura atlante”, fiel ao culto de Yel Luzbel, foi-se isolando, como se concentrando forças para não se desgastar em combates e para poder fortalecer-se para enfrentar os “embates” com a natureza.

O “inimigo comum”, representado pelas forças da natureza, praticamente forneceu uma relativa temporada de paz, apesar de que, como pudemos observar desde a nossa chegada, este mundo parece ter sido destinado a receber as resultantes de inúmeras contendidas cósmicas, como se nele residisse a solução final para algum problema.

Já havíamos estado em muitos mundos e em nenhum havíamos visto coisa alguma que se pudesse comparar ao que, então, estávamos a presenciar: uma disputa por um pretenso “controle universal” — sobre a qual jamais havíamos registado notícia alguma ao longo da nossa vida biodemo —, localizada num planeta ao qual havíamos chegado em decorrência do problema do nosso género.

Sombras do Passado

O diapasão dos dias renovava-se sempre no sentido de forçar-nos a prepararmos para os desafios que inevitavelmente surgiam. Era um tipo de “preparação” em torno da qual a prudência, que aprendemos a duras custas vivendo na Terra, exigia o foco exclusivo da nossa atenção, aspecto em relação ao qual as nossas mentes não estavam afeitas. Mas, a questão era: prepararmos para o quê? Como enfrentar problemas cujas faces desconhecíamos, mas cujos indicativos avolumavam-se, dia após dia?

Simplesmente não atinávamos com soluções que pudessem representar uma unanimidade das nossas opiniões, e o contraditório, para o psiquismo dos *Val*, ainda era um quesito com o qual procurávamos acostumar-nos.

Como se já não tivéssemos problemas suficientes que dividiam profundamente as opiniões, Val Pen e Yel Liam trouxeram notícias perturbadoras sobre uma “novidade” que já ocorria há certo tempo no planeta, mas que nós, somente a partir daquele instante, passámos a conhecer e a lidar com ela.

A constatação de que um determinado “Ser” estava a apresentar-se a todas as forças em ação na Terra como sendo o “Criador” do universo, das adjacências e de todos os seres que existiam, remeteu-nos aos tempos dos “postulados” de Yel Luzbel, quando do início do nosso problema.

Meio que inconscientemente, nós, da família *Val*, e também os que agora conviviam juntos connosco na Frota Norte, que compunha a nossa “força de sobrevivência”, havíamos “esquecido” aquelas questões conceituais, em torno das quais surgiu o “problema virótico-mental” que acometeu um número impensável de seres biodemos.

Yel Liam, porém, dentre outros, era um dos que defendiam a perene postura mental de apego aos preceitos daqueles dias, ainda que, objetivamente, para o “infortúnio diário”, aquela sua preocupação pouco significasse. Era mais uma “postura estranha” que surgia no psiquismo dos biodemos, e Yel Liam foi o introdutor daquelas

convenções mentais entre nós, o que, para os padrões humanos atuais, corresponderia ao que é tido como sendo “fé”.

Não tínhamos a mais remota ideia — e penso que naquela época era inexistente — de que, no futuro, iria existir aquilo que, entre os “seres dos portais”, veio a ser conhecido como “adoração” e, na Terra, entre os humanos, como “religião”. De todo modo, nestes tempos recentes em que transmitimos notícias tão antigas aos humanos, somos tendentes a achar que, sem que obviamente o soubesse, foi Yel Liam o introdutor dessa convenção mental entre nós. Se, após deixar a sua condição de biodemo, a sua consciência particularizada plasmou esse “algoritmo da fé” por onde tenha tido vivências, é algo que não temos como constatar, mas também não devemos relevar a possibilidade de que a sua mente tenha introduzido, pelo menos entre os humanos, esse viés de religiosidade.

Na oportunidade em que, pela primeira vez, o tema referente ao “Ser-Criador” foi abordado por todos nós, as principais posturas daqueles dias — citadas a seguir — ficaram registadas por meio das expressões de Val Pen e de Yel Liam.

Disse Val Pen: — Jamais pude vislumbrar que existiria um tempo, na minha existência, em que eu olharia para os factos e esses fariam desmoronar a minha estrutura pessoal ao nível em que agora se encontra. Sinto-me violentado e com sensações desagradáveis sobre tudo à minha volta, que jamais pensei que existiriam no meu íntimo. Não sei se vocês notaram, mas cada um de nós parece possuir um teor íntimo distinto, coisa que, desde que surgi para a existência, não aquilatei ser detentor. Sempre pensei que as sensações que nos marcavam, conforme a vivência dos factos, eram as mesmas e em tudo semelhantes. E acho que assim foi até que chegámos à Terra, e aqui me refiro aos Val. Não sei se essa descontinuidade entre um instante e outro, que nos faz, às vezes, nos sentirmos bem, para, logo depois, termos o nosso psiquismo invadido por sensações de temor, de desespero, enfim, de angústia pelo facto de estarmos vivos, também é real para os demais membros biodemos.

Todos ali presentes, independentemente da origem familiar, confirmaram aqueles estranhos sentimentos, os quais sei serem corriqueiros para os humanos, mas para os biodemos, naqueles dias, era um novo e preocupante contexto com o qual tínhamos que lidar, coisa que não foi nem ainda é fácil fazer, mesmo nestes tempos atuais.

Disse, ainda, Val Pen:— *Analizando, agora, tudo o que colecionei como a minha vivência, e comparando-a às dos meus semelhantes, notadamente às de Val El e às dos membros do grupo das tarefas multifuncionais que temos desempenhado desde que este*

mundo passou a ter-nos como habitantes, percebo como a existência tem um aspeto tenebroso, escondido, que não se revela naturalmente nos panoramas com os quais interagimos. Contudo, esse “evento” que chacoalhou com a vibração do planeta, e sobre o qual jamais soubemos o seu significado por mais de duas centenas de milhares de anos terrestres, agora traduz-se nesses anúncios que eu, Yel Liam e outros temos recolhido juntos a diversos seres diferentes da nossa condição, e que dizem respeito ao tal ser que se afirma “Feitor, Criador e Soberano” de tudo o que existe.

Enigmáticamente, porém, não se mostra... Ele não mostra a si mesmo para aqueles que são obrigados a aceitar essa “suserania”, o que nos faz retornar aos tempos em que Yel Luzbel descortinou um pouco dessa questão. Por que Ele não se mostra? Qual o problema? Qualquer um o faria... Assim penso, ou será que não? O que estou procurando expressar é a minha inquietação pelo facto de, no princípio das nossas dores e problemas, a discussão com Sophia, em torno desse Ser, foi o foco inicial desse “horrendo processo” que agora nos remeteu a enfrentar a face desse mesmo Ente, só que no atual contexto em que vivemos. Que significa isso? Jamais cobreí de Sophia qualquer postura, mas agora sou o primeiro a fazê-lo: o que devemos pensar sobre a “comodidade postural” de Sophia, a quem sempre considerei como sendo o meu modelo, mas cuja omissão o faz parecer-se agora como sendo um ente que, no seu silêncio, esconde todo um indizível processo de manipulação no qual nos usou e usa, para fins que lhe parecem inconfessáveis, já que nunca nos revelou. Confiar, confiar, enquanto somos violentados e obrigados a cometer violências para podermos nos safar de certas situações, é conclusão perturbadora que agora assumo e penso que dificilmente conseguirei deixar de avaliar desse modo.

Durante muito tempo confiei em Sophia, como fui instigado a fazê-lo, e a tudo fui levado a me submeter, sem nenhuma censura da minha parte a qualquer situação vivida ou percebida. De dois entes, porém, nestes últimos tempos que temos aqui vivido, escutei a mesma observação, sem que um soubesse dos pensamentos do outro. A primeira vez foi quando da minha convivência com Ostronomos e os seus descendentes, em uma das suas naves singulares, quando eles analisavam um determinado conjunto de dados da genética deles próprios e os compararam, tanto à de seres que eles haviam encontrado mortos no satélite deste mundo (Lua), como à de alguns outros entes que aqui vivem. Foi, então, percebido sempre um “sequenciamento-x” que lhes pareceu interposto por um processo que poderia ser classificado como “não natural” para os seus critérios. Era algo que definia neles certos padrões e que não lhes pareceu “honesto” ser daquele modo. De Ostronomos escutei: “- Tem alguma coisa errada com o código que estrutura o nosso modo de ser e o dos demais que pudemos verificar”. Muito tempo depois, ao lado de Val El, observei o seu esforço junto ao “Processador Val” para estabelecer um padrão de comparação entre o nosso “código de vida” e o dos humanos. Em relação ao nosso, ele mostrou-me um padrão de naturalidade, ainda que levando-se em consideração os

desvios e os saltos que a mente de Yel Luzbel produziu, apesar de tudo apoiar-se nos parâmetros originais que Sophia definiu como sendo a base para cada um de nós, da família Val. Contudo, na sequência dos humanos, ele apontou-me diversas “pontes” que traziam consigo “processos compactados amortecidos”, todos produzidos de “fora para dentro”, ou seja, todos manipulados em diversos momentos distintos e por razões ou necessidades que não se alinhavam.

O que aquela constatação significava? Se, no nosso caso, houve tão somente a manipulação determinística inicial, promovida pelo nosso criador Sophia, no dos humanos a análise apontava para inúmeras manipulações acumuladas, o que jamais a nossa ciência observara. Val El disse-me, então: “- Tem algo de muito errado com o modo como os humanos foram urdidos. O código deles parece ter sido disputado por manipuladores que não se entendiam, ou por grupos diferentes”. Foi, então, que lhe revelei a informação de Ostronomos, a qual passou, desde o episódio, a fazer parte do nosso “Processador”. A conclusão a que chegámos, eu e Val El, já há algum tempo, foi a de que todos nós, de um modo ou de outro, éramos “cobaias” de algum processo existencial ou “peças de um jogo” de difícil consecução.

Fui colecionando todos estes factos e, agora, com esse “Suserano” apresentando-se de modo enigmático para aqueles que o desconhecem como tal, e é o que me parece ser o caso de quase todos os que estão a viver neste mundo, pois todos deveríamos conhecer a sua face, agora, sou eu que questiono o quanto de confiança Sophia nos merece, ao me recordar, que o único que parece conhecer esse ser é Sophia, e se ele não está aqui, ou, se está, por que não se apresenta a nós da mesma forma que esse “Criador” o faz? Sou eu que agora digo que tem algo de muito errado com essa história. A postura de Sophia foi de uma determinada forma até o início do nosso “desconforto”, e tem sido outra desde então. Não a aceito de bom grado!

Yel Liam pediu a palavra, e ponderou: — Gostaria de ter a certeza de que Yel Luzbel e os demais “dimensionados” escutam-nos desde Shamb-Aha, mas não tenho como tê-la. Assim digo porque muito me faria bem ouvir de Yel Luzbel a sua opinião tanto sobre o que agora estamos aqui a registar, como também acerca do que preciso expor a seguir. Se o que estamos a viver, desde os tempos em que saímos de Capela e nos alojámos no sistema de Antares e, posteriormente, com a nossa vinda para este mundo, pode ser considerado como desalentador e sem sentido para o que sempre pensámos sobre a vida, parece ser patente que passámos a precisar de algum apoio para podermos superar essa situação. Afinal, perdemos muitos dos nossos entes-irmãos, além da nossa capacidade tecnológica longamente construída. Enfim, perdemos aquela sensação de conforto existencial que pensávamos possuir. Qualquer um de nós daria todos os passos para trás, que fossem necessários, para ajudar a resgatar qualquer um dos nossos que

tivesse ficado preso em algum contexto tão insípido e impróprio quanto este. Por que Sophia não nos resgatou? Sophia não pode ser “pior” do que qualquer um de nós, no sentido de não pensar assim, e, em pensando, não se incomodar com isso... Ele não pode ser bem menos do que somos nós, as suas criaturas... Ou será que essa afirmação é falsa? Nós somos pedaços da sua continuidade pessoal ou do que ele é... Algumas vezes dele escutei essas reflexões!

Conforme o que sempre pensei, nós, os biodemos, somos expressões do seu modo de ser e de pensar, adequados à função que cada família exerce no contexto geral da sua mente prodigiosa. Reafirmo a minha... a minha sensação de certeza de que Sophia, ainda que nos sintamos desamparados pela sua postura, não nos desampará perpetuamente. Ele não fará isso... Reafirmo nele a minha confiança e não consigo aceitar que um ente como ele seja menor ou menos atuante do que qualquer um de nós poderia ser se estivesse a exercer a sua função.

Val El resolveu expressar a sua postura: — Passo a desconfiar... Na verdade, há muito desconfio de que, a esta altura dos factos, Sophia é menos poderoso do que pensamos que ele é. Será difícil explicar essa visão dos factos, mas vou tentar. O nosso feitor criou-nos e, desde então, vivenciámos para ele muitas experiências que às dele se agregam como sendo a sua portentosa bagagem existencial. Contudo, do que lhe pertencia quando fomos por ele gerados, somente recebemos aquilo que o seu senso pessoal e as necessidades operativas determinaram para cada um de nós. Desde então, nada recebemos vindo dele ou de quem quer que seja, a não ser aquilo que as experiências que cada um de nós viveu acrescentaram e acrescentam à bagagem do código que nos define. Nesse sentido, pude perceber uma estranha, para mim, inversão de expectativas quanto ao potencial de Sophia, pois nos tempos em que ele menos recebia de nós, mais ele agia e, em contrapartida, quanto mais de nós ele começou a receber, menos ele passou a agir e a atuar entre nós. Porquê? Esse é o enigma que me enfraquece, pois não possuo essa sua sensação de confiança, ó meu irmão... A que existia em mim parece ter se extinguido! Não habita mais em mim essa confiança! Não sei responder a isso, e penso mesmo que disso desisti há muito, e tão somente ainda não assumi perante mim mesmo tal postura, lamento dizer-lhes. A não ser que ele continue a absorver as transformações que estão a acontecer connosco e disso não faça uso, ou, de outra forma, esteja a arquitetar um potencial para agir num momento específico, não penso que faça mais sentido a ligação profunda que sempre existiu entre ele e nós.

Para quê, isso continuaria a existir nesses moldes? Atentemos para o aspeto incontestável de que muitas estirpes foram criadas no passado, antes da nossa, e agora vivem por si mesmas, desvinculadas do zelo dos seus feitores. Ou não será essa uma verdade que podemos perceber objetivamente? Outro aspeto da questão é o de que a

nossa razão expande-se a cada dia e, hoje, somos — e estamos — bem mais capacitados a analisar, com mais questionamentos, qualquer problema com o qual nos defrontemos, o que antes não acontecia. O inquietante é que, para cada nova pergunta que surge em mim, a ausência de resposta esgota cada vez mais a “confiança” apontada por ti, ó meu irmão. Já não mais a possuo! Obviamente, fomos gerados para alguma coisa, mas dela fomos apartados e acho que estamos por nossa própria conta!

Após a troca de impressões entre muitos dos membros da Frota Norte sobre essa e outras questões, notadamente vinculadas ao tal Ser-Criador que estava procurando atuar entre as forças sediadas no planeta, um sentimento novo, que poderíamos racionalmente apontar como sendo o que hoje se tem como “senso crítico”, foi lentamente surgindo no nosso aturdido psiquismo daqueles dias. Naquela época, nós não sabíamos o que estava a passar-se, mas nestes tempos atuais pudemos compreender que Sophia estava a absorver as nossas vivências na Terra, inclusive as resultantes da nossa interação com os humanos, preparando-se, assim, para uma futura e possível execução do seu plano de se fazer humano, o que, provavelmente naquela altura, ele começara a vislumbrar como sendo o seu modo de atender às necessidades operativas de todas as parcelas de seres envolvidas na questão “Terra”, se é que estou correto nesse comentário que aqui deixo registado e assim me expresso porque as certezas de um biodemo estabelecem-se no nosso psiquismo como resultado de uma conta, de uma equação, e não como resultado de uma análise.

O “aparelho humano” que utilizo para este fim, com os seus valores e capacidade crítica aguçada pelas noções do tempo presente em que ele vive, compreende, mas não aplaude essa atitude de Sophia em relação aos biodemos. Mas, aqui devo adverti-lo de que, naqueles tempos, os eventos processavam-se dentro de um padrão que era, então, o possível de promover alguma “evolução plausível” — capaz de servir de patamar para uma nova etapa de progresso — conforme as “regras do jogo da vida universal”.

Até hoje elas são as mesmas. Contudo, novos padrões de valores e de possibilidade de progresso agora existem, talvez exatamente porque, naqueles dias, as difíceis etapas de então foram vencidas do modo como foi possível a Sophia — e a outros “protótipos de seres elevados” — trabalhá-las.

Por aqueles tempos, sempre que podia, Yel Liam reafirmava a sua confiança em Sophia, o que Val El contraditava dizendo que, acreditar ou não em uma hipotética possibilidade, vinda de quem quer que fosse, não seria a questão correta a ser avaliada por eles.

Essa divergência entre eles devia-se ao facto de que, no mais profundo do seu ser, Yel Liam acreditava que a saída dos “rebelados” e “doentes” dos mundos de Capela, de alguma maneira parecia ter impedido Sophia de agir, de oferecer algum apoio aos “seres problemáticos”. Val El, provavelmente por ter mais vivência do que Yel Liam em deslocamentos siderais com algum nível de risco, considerava que aquela justificativa não se aplicava aos altíssimos níveis de consecução dos potenciais de Sophia e das suas hostes mais atuantes.

Enquanto isso, em Shamb-Aha, os embates mentais entre alguns biodemos da Frota Norte era o alimento psíquico e mental que pontuava o passar dos momentos naquela dimensão. Naquela época, isso não sabíamos, uma vez que a comunicação não mais era possível de ser estabelecida entre nós e os biodemos ali “dimensionados”, e apenas mais recentemente pudemos resgatar as notícias de tudo o que ali aconteceu ao longo de todo aquele tempo.

Ninguém, dentre os “dimensionados”, possuía mais qualquer grau de confiança em Sophia, e Yel Luzbel havia-se tornado ainda mais centrado em si mesmo, demonstrando pouca vocação para continuar a existir nos moldes participativos que sempre havia caracterizado a vida dos seres biodemos.

Como já informado, por aquela época, continuavam a existir, na dimensão Shamb-Aha, exatos 129 seres biodemos, cuja divisão psíquica, em grupos, estava a tornar-se cada vez mais aprofundada e marcante.

Os antigos membros do “quartel-general” da “rebelião” que atuaram nas conflagrações do sistema de Antares e alhures, agora comandado por Len Mion, compunham um grupo formado pela maioria dos que ali viviam, sendo constituído por 87 membros, dele fazendo parte todos os *Mion* e *Cromon* dimensionados, além de parte dos *Yel*.

Esses seres consideravam Sophia um traidor e manipulador, que feria até mesmo o nosso código de honra, longamente elaborado por ele próprio e estabelecido com a adesão natural de todos nós.

Convivendo com o peso de um sofrimento que os demais biodemos pareciam ainda não apresentar naquela altura dos factos, Len Mion já ostentava um padrão de nervosismo e de não aceitação pelo curso que, segundo ele, Sophia dera propositadamente aos factos, com o intuito de isolá-los do poder central que ele exercia desde Orbum, sede planetária do seu governo, situada no sistema de Capela. Len Mion o acusava abertamente de traição aos princípios comuns de convivência entre os biodemos, e, em consequência, pelo que mais tarde percebemos nos registos,

que conseguimos capturar referente àqueles dias, foi muito difícil para os demais membros, que ainda não haviam radicalizado a questão, manter a convivência em padrões dignos e produtivos.

O pior é que Sophia passou a ser acusado por muitos de Shamb-Aha como tendo sido criminosamente calculista em relação aos padrões codificados que sustentavam, possibilitavam e movimentavam as “convenções mentais” de cada ser biodemo por ele criado, e, depois, os largado, a todos, em uma aventura sem um fim previsível.

Yel Luzbel havia “deslacrado” o ritmo daquelas “convenções mentais” e, apesar do “vírus-mental” por ele inadvertidamente provocado e que a muitos veio a contaminar, soube reter em si mesmo uma avalanche de desdobramentos mentais e psíquicos que, durante todo esse tempo, ele esforçou-se para não se permitir expressar, muito provavelmente com receio de gerar mais problemas para outros seres. Isso, prudentemente, Yel Luzbel conseguiu represar em si mesmo, ainda que assumindo todo o custo do que ele fez, obrigando-se a praticamente implodir a sua natureza biodemo.

Entretanto, em Len Mion, toda aquela revolta, lentamente construída pelo sofrimento de cada momento, de cada evento, de cada circunstância, encontrou livre curso de expressão, e ele viria, mais tarde, a tornar-se um ser monstruoso, destituído de qualquer padrão, hoje entendido pelos humanos como sendo algo próximo dos sentimentos de razoabilidade existencial.

Assim, frio e indiferente a tudo mais, pelejou contra o “fantasma” de Sophia enquanto teve forças, usando a humanidade e quem mais ele pôde manipular com a sua mente portentosa, para atingir os seus fins.

Incapacitado de participar ativamente nos processos em curso no planeta, onde muitas forças digladiavam-se pela sua posse, o qual, na mente de Len Mion, funcionava como uma espécie de “última trincheira” da sua guerra contra a dominação de Sophia, cada vez mais ele sofisticava os seus procedimentos de influência mental, tanto sobre os psiquismos algo ou profundamente dementados dos “seres dos portais”, como dos Nephilim e dos humanos.

Len Mion fez de tudo para transformar a Terra no seu último bastião daquela luta, como se pretendendo, em algum momento do futuro, apoderar-se das “riquezas e sofisticções mentais” aqui produzidas, ainda que consorciadas à miséria moral — hoje posso pensar desta maneira.

Sobre os biodemos não dimensionados e mesmo sobre os “clonados” ele também tentou, de lá, influenciar as movimentações políticas dos “rebelados” de Antlar, no sul, como também dos que se encontravam sediados em muitas bases do considerado “império atlante” pela atual visão da cultura humana.

Na época, não chegámos a perceber isso claramente, a não ser pelas observações que Val El conseguia retirar do seu intercâmbio mental com o “Processador *Val*”, que apontava para aquela estranha influência de uma mente biodemo cujos padrões de expressão não se coadunavam com a ressonância tida como natural no seu modo operativo. Inúmeras vezes Val El

“apagou” ou “aniquilou” aqueles registos, sem saber do que se tratava, como forma de não distorcer o curso que então imaginávamos para o progresso dos biodemos, exilados na Terra.

Jamais pudemos, naquela época, imaginar que aquele “vírus” no “Processador” era subproduto de algumas “novas convenções mentais”, terrivelmente complexas, que eram elaboradas por Len Mion nos seus momentos de crise e de revolta.

Os que pertenciam ao segundo grupo apoiavam uma das teses que, em tempos anteriores, Yel Luzbel havia formulado, como sendo uma possibilidade que apontava para o facto de eles estarem a ser “castigados” por Sophia, e que não haveria mais confrontos, porque, conforme pensava, não mais percebia sentido de “ganho” para qualquer das partes envolvidas. Yel Luzbel e mais 27 membros da *Yel* continuavam a pensar daquele modo, e viviam, assim, em estado mental menos agressivo para com os factos, apesar da mortandade entre os “dimensionados” ter começado a ocorrer sistematicamente entre os membros desse grupo, pelo que viemos depois a perceber.

Os membros do menor e, seguramente, mais “equilibrado” grupo, composto pelos seis *Val* remanescentes e oito *Yel*, percebendo o inevitável, continuavam a estudar — com o apoio inconsciente de Val El, que não mais conseguia perceber objetivamente a atuação deles a partir de Shamb-Aha — as possibilidades e os indicativos possíveis de serem codificados em relação à migração das consciências fenecidas dos biodemos para o fluxo da vida, tanto entre os “seres dos portais”, como, e principalmente, entre os humanos.

Eram dois estudos paralelos que se complementavam, porque os “dimensionados” conseguiam, ainda que pobremente, descortinar as intenções operativas de Val El, enquanto esse agia sem que soubesse que era, de algum modo, acompanhado pelos seres de Shamb-Aha.

Quando Len Mion percebeu a preocupação dos membros da Frota Norte com o novo “Ser” que, juntamente com o “conglomerado” de forças associadas ao seu foco central de “residência” agora “perturbavam vibratoriamente” a tudo o que era “transferência de ondas” — tais quais as que atualmente acontecem com as telecomunicações humanas —, a sua postura de negação contundente a qualquer tipo de comando que se apresentasse como tal foi superlativa.

Quando conseguimos decodificar as vivências daqueles dias entre os “dimensionados”, pudemos depreender muito do que eles então discutiram, como nessa postura de Len Mion: — *Aí está, finalmente, mostrando a sua face — dizia ele — o parceiro oculto de Sophia em toda esta história. Nós estamos presos, aqui, como decorrência da nossa tentativa de nos mantermos vivos, enquanto esses seres se mantêm vergonhosamente escondidos para todos os que habitam no planeta, que deles não se apercebem. Não agem às claras... Também, não agirei, e convido todos a juntarem-se a mim, numa só força advinda da nossa situação, para fazermos frente a esses seres serpentinos, que tal qual os répteis da natureza terrestre, com seu feitio predador, espreitam e manipulam suas vítimas para acalmar os seus apetites grosseiros. Se eles o fazem, assim também o farei, e gastarei toda a minha energia, até o fim de mim mesmo, para destruí-los como eles nos pretendem destruir.*

*Se Yel Luzbel não mais deseja assumir o comando da única atitude digna de complemento e de homenagem passível de ser feita por um ser biodemo à sua própria consciência, eu o farei. Continuarei com meu modo de ser assentado na natureza Mion, e a ninguém reconhecerei mais o direito de me deter ou de tentar me demover do único modo que me suporto existir, perante o que passo a considerar o mais monstruoso processo de dominação que uma pretensa elite de seres, distribuída em níveis de predação, para com as vitimas inocentes e desavisadas dos seus apetites. Agirei do mesmo modo que eles, pois, assim, não me poderão julgar, uma vez que deles sou aprendiz! Predadores covardes é o que são, pois exercem, desde um contexto passado que não consigo vislumbrar, esse tipo de postura que só agora enxergo e compreendo. De mais não preciso! O presente, por si só, já me é suficiente para perceber o que Yel Luzbel primeiro percebeu, mas, talvez, para não nos arrastar num portal escuro, indecifrável para os nossos padrões de conhecimento — **(NAT - Muito provavelmente Len Mion aqui estava referindo-se ao que atualmente chamamos de “buraco negro”)** — ele tenha preferido guardar o peso do desalento, que agora nos adoece a todos, somente para ele mesmo, o que muito me obriga a sempre homenagear o seu modo de agir.*

Mas, farei o que ele se recusou a assumir, e o meu modo de agir será no mesmo diapasão do de Sophia e desses seres que agora se mostram e, em especial, desse que se diz “Dono”, “Criador” e “Suserano” de tudo o que conhecemos.

Yel Luzbel e os demais eram obrigados a “escutar” Len Mion, ainda que alguns dentre os “dimensionados”, naquela altura dos factos, procurassem a solidão ou mesmo o isolamento em pequenos grupos.

Ninguém mais contestava Len Mion, e o próprio Yel Luzbel já nem mais conseguia mover a sua consciência no sentido de discordar das teses que o novo “líder rebelde” agora desfraldava numa bandeira com as cores particulares do seu sofrimento, mas que pouco tinha a ver com os ideais originais dos primeiros dias do movimento que veio a transformar-se em “rebelião”.

Para os padrões possíveis ao tirocínio dos biodemos, Yel Luzbel fincara um marco de “desconforto existencial”, de “discordância científica”, com traços do que, mais tarde, viria a ser o que os humanos entendem como preceitos filosóficos, e somente nas últimas etapas dos conflitos de Antares, ele viu-se obrigado a assumir a sua face política. Porém, Len Mion desfraldava, a partir daqueles dias, um ideário profundamente contundente de repúdio, de não aceitação e de luta aberta, sem observar o que hoje seria “qualquer tipo de escrúpulo”, a tudo o que pudesse estar vinculado com o que ele julgava ser a “forma covarde e traiçoeira” como Sophia estava a agir e a muitos ele viria a arrastar consigo nas etapas subsequentes às ocorrências daqueles dias.

Consciência do Fim

A cultura terráquea, como decorrência de todo um condicionamento a que foi imposta, possui hoje, aos nossos olhos, panoramas bem interessantes. Toma por irreal um contexto histórico tremendamente real, classificando-o como “mitologia”, por ser rico e extravagante ao entendimento considerado como “normal”. Contudo, assume como sendo real a figura do “diabo”, esse, sim, personagem ilusório, que nem mesmo os mais estranhos “seres dos portais”, nem ninguém dentre as civilizações de fora, jamais a ele se referiu. É produto da cultura religiosa local, típica de um mundo que, como todos os demais, ainda busca descortinar aspetos do significado do que julga ser a verdade.

Este também é o nosso problema, pois temos bem mais informações e vivências do que os humanos, mas não sabemos apreciá-las criticamente. Como atualmente temos “agentes infiltrados” em algumas “raças demoníacas dos portais” e nas dos humanos da Terra, ainda que não o saibam, as suas consciências emitem as respectivas leituras mentais que as suas atuais naturezas psíquicas enviam para o “Processador *Val*”, o que nos permite apreender um pouco ou muito do modo de pensar, tanto dos humanos como dos “seres dos portais”. Com estes últimos, temos pouco a aprender, mas com a sagacidade mental dos humanos, a “escola” é de uma vastidão curricular que muito nos impressiona.

Seguramente por isso, sem que o planeássemos ou mesmo desejassemos, acabámos por acompanhar todo o desenvolvimento da cultura dos terráqueos, a partir de certo ponto da sua história. E essa circunstância deu-se após a elaboração teórica de todas as etapas da “Experiência Gron”.

De acordo com o que podíamos perceber das mudanças climáticas em curso, o norte do planeta, exatamente onde há muito nos encontrávamos, era o quadrante mais indicado para executarmos os primeiros passos da “Experiência Gron”.

Apenas deslocámo-nos ainda um pouco mais para o extremo norte, pois o campo magnético planetário apontava, ser ali, a melhor latitude naquela época, quase próxima ao limite polar.

A “Experiência existencial Gron” começou a ser idealizada há cerca de 22 000 anos e muitos testes particularizados e parciais vinham a ser feitos desde então. Contudo, os passos severos que firmaram definitivamente essa experiência e que remodelou e recriou a “subespécie”, que foi então gerada a partir do código genético original da espécie *Val*, e que passaria a viver em Alt’Lam Gron, somente completou-se há cerca de 19 700 anos.

Havia um nível de risco imponderável para alguns procedimentos e estes somente poderiam ser finalmente verificados após o processo, o que nos deixava algo pesarosos. Mas, decidimos como sendo inevitável, pois permanecer como “jogadores” de uma peleja em torno da “disputa pelo domínio do planeta”, pela qual não tínhamos jamais por ela intentado, mortificava-nos ainda mais.

O último “conclave” da família *Val*, que detinha o controle operacional sobre “EspHERON” e praticamente sobre o que fora construído em Benem, teve lugar antes da implementação final da “Experiência Gron”.

Chegámos àqueles dias com exatos 1641 seres biodemos, que viviam entre a base Benem e na nave “EspHERON”.

Naqueles tempos, coube a Val Amon, o líder dos Val, no sentido organizacional, a condução das complexas abordagens a serem feitas antes das decisões: — *Somos partidários de um destino que não projetámos e sobreviventes dos desafios que a existência nos vem impondo e eis que perante mais um nos encontramos, cujo nível de complexidade e a sua amplitude atordoam o nosso senso comum, mas precisamos, mais uma vez superá-lo, pois assim nos move a nossa natureza. Dos Val, somos aqui 126 membros ativos e mais 38 em hibernação; dos Yel, temos 1093 ativos; dos Mion, contamos com 5; dos Shanlung, temos 18; e dos Cromon, temos 361 membros. Precisamos, portanto, estabelecer a “relação padrão binária” que permitirá a geração da matriz que nos transcenderá um “tom”, um grau vibratório além desta faixa de realidade a que pertencemos. Pelas expressivas presenças dos Yel e dos Cromon, deveriam ser estas as famílias a fornecerem os alicerces genéticos definitivos para o “redimensionamento Gron”. Entretanto, como os equipamentos e a nave “EspHERON” estão ligados às “convenções mentais” dos Val, estes precisam fazer parte do “alicerce binário”. Isso já foi discutido e mesmo decidido, pois os Cromon defenderam que, pelas circunstâncias, deveriam ser os Val e os Yel a estabelecerem a “base binária” definitiva da futura “configuração genética Gron”. Contudo, há quase dois milénios deste mundo que avaliámos essas questões e os grupos de trabalho dos Yel e dos Val não chegaram à conclusão definitiva porque nenhuma das famílias quer “descaracterizar-se” com receio do que possa vir. Definitivamente, precisamos superar esse obstáculo.*

Após a participação opinativa de alguns dos presentes sem que surgisse qualquer vislumbre de uma possível solução, coube a um dos *Val* tomar a iniciativa nesse sentido.

Exclamou, então, Val El: — *Eu me descaracterizo! Faz tempo que penso sobre essa necessidade... Apenas não a expus antes porque não faço parte do grupo de trabalho que estudou a questão. Para mim, não representa nenhum problema... Depois do que pude deduzir a partir das observações colhidas dos nossos irmãos dimensionados, dos que já feneceram e alguns, dentre estes últimos, que têm apresentado as suas consciências, agora presentes entre os “seres dos portais” e entre os humanos, deduzo que esse é o caminho natural e não mais existe em mim nada que queira permanecer “biodemo” sempre.*

Esses que agora existem nos novos padrões mentais das naturezas referidas, continuam a existir e penso que jamais retornarão a assumir o padrão “biodemo”. Isso afirmo por uma questão bem simples, pois, pelo menos entre os humanos, pude perceber que a amplitude dos seus pensamentos é bem mais rica e diversa que a que nos caracteriza. Devido a isso, apesar de desconhecer o processo de como essas “estradas da consciência” têm lugar na existência de todos nós, não vejo como uma individualidade, agora enriquecida pelo seu novo padrão de consciência, possa dirigir-se contrariamente à complexidade e direcionar-se para o retorno a um padrão inferior. Portanto, o risco da descaracterização não me afeta, pois se tiver que permanecer biodemo, permanecerei, se não, serei o que tiver que ser, porque há tempos que tenho colecionado enigmas sobre este aspeto, do modo como existimos e este será, tão somente, mais um.

Ponderou Val Pen: — *Mas, você é um dos mais, talvez o mais vinculado ao “Processador Val” e este terá que vir para “Espheron”, pois precisamos blindá-lo de qualquer perigo. Estamos buscando tão somente harmonizar duas famílias na questão binária pois, se algo der errado, com o tempo, as consciências entre nós que sobreviverem, cuidarão do “Processador”. Você deveria permanecer entre os que, de facto, se submeterão ao projeto... Eu me descaracterizo, talvez seja mais produtivo.*

Val Amon comentou: — *É necessário, ó Val Pen, que alguém dentre nós, com vínculo profundo com o “Processador”, possa ficar fora da “Experiência Gron”, para manter operativo o nosso método de decodificação de como o mesmo poderá operar nessas novas circunstâncias. De todos nós, talvez o fluxo do “Processador” “procure” e sintonize com Val El mais facilmente do que com qualquer outro, e isso facilitará em muito para os que se submeterem ao projeto.*

Durante algum tempo todos permaneceram em atitude reflexiva e diversas opiniões foram apresentadas.

Para a “surpresa” de muitos dos presentes, expressou-se Yel Am: — *Eu me descaracterizo! Muitas avaliações e discussões já empreendemos juntos, eu e Val El, e percebo, com clareza, que os nossos códigos pessoais poderão bem representar os das nossas famílias para a “base binária” que deverá servir a todos os aqui presentes. Com isso, proponho que nesse rearranjo, também encerremos todas as “mazelas mentais” das discordâncias que nós, os Yel, tivemos para com os Val nos primeiros momentos da movimentação de Yel Luzbel e de todos nós. Esse acumulado de problemas e de dissabores, nessa altura totalmente sem sentido... Estamos largados nisso... num processo que jamais intentámos começar, mas que terminou destruindo-nos em relação ao que éramos, antes de produzir qualquer conteúdo lógico... Proponho, portanto, já que vamos criar a “função binária programada” para a experiência, que encerremos em nós dois todo o passado e sejamos uma só força doravante, porque se existir sobrevivência para alguns de nós, será sempre em trabalho conjunto.*

NAT – Milénios mais tarde, o espírito de Yel Am, já emancipado em relação à condição biodemo, viria a ter, como uma das suas encarnações, a função de apóstolo junto ao Mestre Jesus, mais especificamente como a personificação de Judas Iscariotes.

Val El e Yel Am viriam a fazer mais do que o proposto pelo último, porque foi depois resolvido que os resquícios de todos os problemas passados em torno da questão de Yel Luzbel, das famílias Mion, Shanlung e Cromon, fossem então também reordenados nos novos códigos genéticos dos dois.

O “processo” assumido por ambos produziu aspetos que jamais puderam ser devidamente acompanhados, pois o tempo de vida “biodemo” que sobraria às suas individualidades não o permitiu.

Desde então, para um conjunto de significados, que não poderei aqui abordar, Val El e Yel Am, após fundirem os seus códigos pessoais no que se refere a uma parte das duas áreas específicas do genoma “biodemo” daquelas famílias, fundiram as vibrações das suas identificações e decidiram que passariam a ser chamados, após a conclusão daquelas reuniões preparatórias, como Val Ellam e Yel Liam.

Após as palavras de Yel Am, Val Amon retomou a ordenação dos assuntos em pauta daquela ocasião.

Disse Val Amon: — *Quanto mais, sou agora obrigado a considerar sobre uma “certeza” que antes não tínhamos, mas que doravante se impõe como sendo evento iminente, pois, a qualquer momento, poderá ocorrer uma movimentação da superfície deste mundo pelo represamento de gases e do material expelido pelos vulcões, que verificámos estarem confinados a um nível que transcende a nossa capacidade de análise. Isso acontece em duas regiões que, em implodindo, devido a um tremor planetário cuja magnitude também não podemos estimar, podem modificar boa parte do planeta e destruir, talvez, tudo o que aqui exista. Por outro lado, avaliámos um sobrepeso do gelo em regiões polares que, se influenciadas pela passagem de qualquer bólido celeste cuja interação gravitacional interfira na distribuição do equilíbrio dessas grandes geleiras por demais verticalizadas — e temos a previsão de que pelo menos três bólidos passarão próximo a este mundo em três momentos distintos nos próximos tempos — é conveniente que lidemos com o seguinte cenário: este mundo, nos moldes com os quais até hoje nos acostumámos a lidar, encontra-se próximo do seu fim. Haverá um colapso, de uma ou de outra maneira, que poderá destruir tudo ou muita coisa do que aqui existe.*

A consternação era geral. Todos ali, principalmente os *Val*, estavam meio que acostumados às mudanças constantes que, ao longo das últimas centenas de milhares de anos, viram acontecer no planeta, causando sempre profundas modificações no seu modo de vida e no arranjo político das forças civilizatórias presentes.

Os “seres rebeldes”, que haviam chegado com as “mastlans” em tempos mais recentes, menos afeitos àquelas mudanças que os *Val*, necessitavam de um apoio no campo dos seus psiquismos e mesmo intelectual, no sentido de compreenderem como um mundo podia ser tão belo e agradável à primeira vista e, ao mesmo tempo, comportava-se como uma “fábrica de problemas” que a toda hora precisava de reparos, mas a ninguém era dado isso fazer, restando tão somente a submissão dolorosa ao curso dos factos e das suas consequências.

Explanou Val Amon: — *A “Experiência Gron” é, portanto, o nosso próximo passo, de qualquer maneira, pois não nos resta outra alternativa. Mais ainda: não sabemos o que os “seres dos portais” e os das descendências dos “irmãos chefes” (NAT – Por essa época, era assim que Enlil e Enki, comandantes dos Nephilim, eram conhecidos pelos seres biodemos. Já os Nephilim chamavam os diversos grupos de biodemos por nomes bem distintos. Os do norte eram conhecidos como sendo os “nevoados”, os da base Antlar, ao sul, como “cinzentos-pontudos” e os “clonados”, que viviam em diversas bases, como os “guerreiros do deus esfumaçado”. Na verdade, muitas vezes, os Nephilim consideravam, equivocadamente, os biodemos como sendo “seres dos portais” agindo no*

planeta.) *sabem sobre esses eventos ou mesmo se sabem alguma coisa. Contudo, devemos precaver-nos, pois eles podem achar que precisam da nossa “Espheron” ou, mesmo, pensem que Benem ainda tem representatividade estratégica, e podem tentar apoderar-se das nossas posses. Precisamos agir rápido enquanto nos mantemos vigilantes e prontos para a defesa.*

A conclusão daquele encontro foi a de que o primeiro passo a ser dado era a transferência do “recolhedor-repassador de progresso mental” (“Processador *Val*”) de Benem para “Espheron”, seguido dos trabalhos técnicos referentes à preparação da “elevação de fase vibratória” pela qual a nave e todos os que nela estivessem iriam passar, em tempo programado, quando estivesse tudo preparado para a “operação magnética”, lentamente elaborada. Apesar de então previsíveis, não se sabia ao certo todas as consequências da “Experiência Gron”. Ainda assim, era um ponto no qual não mais poderia haver qualquer retorno.

Numa noite absolutamente escura, sem qualquer traço visível da Lua no céu noturno, a “operação magnética” teve lugar e, dos 1641 seres “biodemos”, um dia agrupados em torno de Benem e de “Espheron”, exatos 983 alteraram as suas “fases vibratórias”, junto com “Espheron”, e passaram a viver e a constituir uma “cidadela” que, até estes tempos atuais, é chamada de “Alt’Lam Gron”, porque assim ficou sendo chamada pela, agora, maioria de seres *Yel* vivendo nas dependências de uma nave *Val*. *Val El* e *Yel Am* não tiveram as suas “fases vibratórias” alteradas junto com a “Espheron”.

A cidadela “Alt’Lam Gron” passou então a existir com 115 *Val* ativos mais os 4 *Val* que continuam em hibernação, 617 *Yel*, 3 *Mion*, 13 *Shanlung* e 231 *Cromon*. Nestes tempos atuais (**NAT – Informação referente ao ano de 2003**), dos 983 membros originais da experiência, 1 membro da família *Yel*, 2 da *Mion* e 5 da *Cromon* feneceram, restando 975 membros, dos quais 971 encontram-se ativos.

Os 658 seres que não se submeteram à “Experiência Gron”, resolveram, então, reconstruir uma versão de Benem ainda mais ao norte, em terras existentes naquele tempo e que, mais tarde, viriam a pertencer à lendária “Hiperbórea” — assim considerada hoje pelos terráqueos.

Com “Espheron” agora magnetizada e elevada a um diapasão vibratório, “um tom acima” do padrão normal do universo biológico, e servindo de “residência astral-etérea” para os que também passaram pelo mesmo processo de operação, restava aos demais biodemos prosseguirem com as suas vidas, apartados da parceria, pois tão

somente os de lá, de “Alt’Lam Gron”, poderiam acompanhá-los, mas o inverso não seria possível.

Uma nova etapa na vida de 45 *Val*, 476 *Yel*, 2 *Mion*, 5 *Shanlung* e 130 *Cromon* começava agora, sem qualquer “retaguarda”, aspeto que os seus psiquismos sempre tiveram, devido ao apoio de “Espheron”. Mas, isso não mais existia para eles! Tiveram que começar do nada e, exatamente para evitar disputas com os clãs dos Nephilim e das bases dos “seres do portais”, escolheram aquela região extrema, mais ao norte, o que lhes permitiu levar uma vida relativamente pacífica durante um bom tempo.

Entre os agora forçados “cidadãos terráqueos biodemos” da Frota Norte, haviam permanecido, além de Val El e Yel Am, Val Pen e os demais do grupo de acompanhamento que estudava todas as espécies atuantes no planeta. Contudo, sem a “cobertura estratégica” da nave “Espheron”, os problemas de saúde e de decadência corporal começaram a acontecer, o que os levou a promover interação com biodemos clonados, que viviam em latitudes mais ao sul.

Desse consórcio, algo “desesperado”, de manipulações genéticas entre biodemos agora bastante diferenciados pelos desdobramentos vividos, e também com a captura genética de humanos cujos padrões foram misturados com os dos bio demos clonados, veio a ser produzida uma série de “povos mestiços”.

Ao mesmo tempo em que os biodemos clonados manipularam a genética humana, duas classes de “seres dos portais”, ostensivamente produziram povos também híbridos, que passaram a viver mais ao oeste.

Nessa época, surgiram, portanto, as versões mais recentes de géneros e subgéneros, hoje não mais existentes na Terra, a partir da “mistura genética” de seres “homodemol”, “demol-demo”, “demol”, “homodemo” (**NAT - cujas características deverão ser abordadas no futuro**), que viriam a ser retratados nas futuras mitologias ariana/hindu e celta, dentre outras.

Eram seres que detinham a forma humana, mas que ostentavam poderes e habilidades mentais específicas muito superiores às possibilidades comuns aos mortais terráqueos.

Apenas para melhor ilustrar o panorama dessa época, da “mistura” e da tentativa de sobrevivência e de manutenção do poder de alguns segmentos existenciais — nós, os biodemos, sempre soubemos pouco sobre eles —, surgiram algumas raças específicas como subproduto dessas tentativas, sobre as quais um

pouco mais pode ser dito pelo meu nível de compreensão — bastante pobre se comparado ao da capacidade de senso crítico de qualquer ser humano.

Naqueles dias, existiam os biodemos “Gron”, os biodemos “não Gron”, os biodemos clonados e, ainda, os “dimensionados” de Shamb-Aha. Nenhum desses padrões era animalizado. Além dos nossos irmãos biodemos, estavam presentes na Terra os Nephilim, animalizados e divididos em duas ramificações distintas, as diversas classes de “seres dos portais”, sendo, algumas delas, estranhamente animalizadas, e ainda focos diversos, mas pouco atuantes, de resquícios de outras origens não terrestres, dentre os quais alguns descendentes de Ostronomos. Esse, era basicamente o panorama da “vida de fora” presente no planeta, cerca de 18 mil anos atrás.

Genes de seres biodemos “não Gron” do sul manipulados com os dos biodemos “não Gron” do norte, mais os dos biodemos clonados, associados aos genes de humanos esclarecidos, resultaram em um “caldo” de possibilidades genéticas, do qual surgiram diversos padrões raciais, cujas características são difíceis de serem explicitadas pelo nosso tirocínio.

Do mesmo modo, vieram a ter lugar também outros padrões da mistura genética de algumas classes de “seres dos portais” com os humanos.

Mais ainda, viriam a surgir segmentos bem específicos de seres, quando do concurso direto de alguns setores dos “Nephilim clonados” com mulheres humanas, eventos que tiveram lugar muito tempo após as manipulações genéticas que os Nephilim promoveram, bem antes, nas “espécies proto-humanas e humanas”, que, então, viviam na Terra.

Todo esse confuso contexto complicou-se ainda mais quando os padrões da linhagem, vinda dos biodemos, mais a genética dos humanos consorciaram-se aos dos advindos da linhagem dos “seres dos portais” com os humanos.

Nesse ponto, a complexa mistura de “homo esclarecido”, de “homo não racionalizado”, de “biodemo neutro”, de “biodemo exaltado”, de “seres dos portais poderosos, sexuados ou não”, de “seres dos portais poderosos e exaltados, sexuados ou não”, de “Nephilim arrogante” e mais um complexíssimo panorama existencial composto pelo que hoje os humanos achariam a mais pura esquisitice, era o panorama planetário da época.

Aquela mistura genética não tinha como dar certo, pelo menos era o que pensávamos, a partir de Alt’Lam Gron.

Todas essas raças foram, pouco a pouco, sendo destruídas umas pelas outras, e esse deplorável contexto perdurou por muitos milénios, avizinhandose mesmo do tempo em que a “mão invisível do destino”, ainda que associada a outras mais misteriosas ainda, parecem ter decidido que, de toda aquela confusa situação, os mais improváveis atores daqueles dias seriam exatamente os que herdariam a Terra, ou seja, os seres humanos, na época, os mais fracos de todas as forças presentes.

Aqui, porém, é necessário que seja feito o seguinte registo que, na época dos factos, não tínhamos como aquilatar, mas que, agora, nestes registos que estamos a produzir junto com o conhecimento terreno acumulado, já nos é possível transmitir: Quando o “conglomerado” acoplou a sua condição energética à situação vibratória da Terra, em tempos bem anteriores ao do marco temporal da “Experiência Gron”, as demais moradas dos “seres dos portais”, muito provavelmente ligadas ao “conglomerado”, tiveram, também, os seus circuitos inevitavelmente ligados ao do planeta. E tal se deu, independentemente da vontade dos seus habitantes, pois, como viríamos a saber tempos depois, na vossa história (**NAT – Por meio da cultura demo ou da cultura de muitas das tradições mitológicas**) encontra-se registado o facto daqueles seres terem-se visto habitando as “bordas” deste mundo e, portanto, dele passaram a fazer parte enquanto os seus portais mantiveram-se abertos.

Assim, passou a ser normal a coexistência das já superficialmente referidas diversas raças mistas, híbridas e intermediárias entre os padrões comuns às classes de seres do género demo, associado às feições “bioanimal e *Homo*”, além dos próprios seres humanos, que passavam a ser a espécie com mais membros habitando na Terra.

Preciso ressaltar ainda mais esse aspeto, para melhor poder compor uma visão ampla do contexto da época em que os humanos, já racionalizados, continuavam a ser aprisionados pelos núcleos de poder dos seres vindos de fora.

Esse assédio, com muitas idas e vindas em termos de progresso conjunto ou simplesmente de exploração sobre a inocência terráquea, gerou um tipo de convivência que perdurou por quase cerca de 20 mil anos, até aos tempos considerados como sendo os do início dos focos do pensamento filosófico produzido pelos druidas-celtas, e repassado como legado cultural aos chamados filósofos pré-socráticos, nos tempos imediatamente anteriores aos da Grécia Pitagórica.

Houve, porém, um outro aspeto profundo, complexo e que somente no futuro poderá ser melhor compreendido, tanto por nós, como, em especial, pela rápida e inesgotável evolução do pensamento humano, que aqui me obrigo também a ressaltar.

Nessa altura dos factos, alguns humanos tiveram os seus DNA's pessoais alterados, para servirem de "chave genética" para diversos seres demos que eram "guardiães de portais" desse "universo paralelo", composto das "moradas demos", que se situa adjacente à realidade do universo biológico que conhecemos e vivemos – isso agora o sabemos.

Em tempos mais antigos, pelas notícias que atualmente pudemos recolher em Alt'Lam Gron, os "seres dos portais", no bojo das diversas lutas singulares ocorridas entre eles, com a evolução da "entropia" presente em todos os níveis da Criação, ainda que, em cada um deles se expresse de modo distinto, provocaram entre os "donos das moradas" um período de "caça" pessoal, pois somente a energia específica do seu dono, poderia "abrir e fechar" o "portal" de determinada "morada".

A noção do que pode ser, pela lógica humana, considerado como "absurdo", nós, os biodemos, somente pudemos apropriar esse conceito após ele ter surgido por meio do senso crítico da evolução do pensamento dos terráqueos. Mas, hoje, dele me utilizo para me reportar àqueles dias em que observávamos todo aquele contexto, mas não o compreendíamos.

Cada um dos muito importantes "senhores das moradas", comuns à cultura dos "seres dos portais" (**NAT – cultura demo ou da de algumas mitologias que se referem especificamente a esse tipo de seres, como por exemplo, a grega e a ariana/hindu**), parecia deter, na sua posse mental, a permissividade de acesso à Terra, como também de retorno à sua respetiva "morada paralela", para todos os demais seres daquele "céu" particular, que lhe eram subordinados.

Se, no princípio, aquilo parecia dar-lhe "distinção", com o tempo, passou a ser aflitivo para eles a guarda da "chave de acesso mental", dos seus impérios. Isso porque muitos deles passaram a ser raptados e sofriam torturas, do modo que lhes é peculiar senti-las, no sentido de abrir o "portal das suas moradas" para que "invasores" de outras hordas pudessem ali penetrar e delas se apossar.

Com o tempo, os "imperadores-demos" passaram a escolher outros seres, em quem confiavam, para assumirem aquela função. Esse aspeto funcionou durante muito tempo, até que os seus cientistas descobriram a riqueza da diversidade genética dos animais terráqueos e propuseram que as tais "chaves" fossem escondidas em certas áreas do DNA dos animais da natureza planetária.

A evolução daquela estratégia não tardou a considerar os homens e mulheres da Terra como sendo os melhores portadores das "chaves mentais" registradas nos seus DNA's pessoais, e bastava, para tanto, escondê-las de modo a que pudessem ser

traduzidas por meio, tanto das palavras expressas, como das vibrações de certos padrões de sentimentos que somente os humanos podiam ter, quando comparados à limitação, nesse campo, dos demais “seres inteligentes” que, então, habitavam no planeta.

Tentando explicar para o atual entendimento da cultura humana, a questão aqui importava no seguinte aspeto: do mesmo modo que a frase “eu te amo”, quando dita ou sentida, aciona o DNA e promove a produção de hormônios no corpo e sensações singulares no psiquismo de quem a sente, um gene específico, quando ativado por “*mantras* codificados” ou por “atitude mental”, gerava uma “pulsção mental” absolutamente singular da consciência particularizada, ou seja, produzia uma “chave” — na linguagem moderna, seria um código de barra único — que resolvia os problemas da geopolítica daqueles seres.

Com a “convenção mental” decorrente do DNA “marcado”, bastava o “guardião terráqueo” pronunciar a frase que acionaria a sua “condição mental” por meio da produção dos peptídeos na sua corrente sanguínea. Isso produzia a “ordem mental” que permitia a abertura e/ou o fechamento de portais.

Jamais conseguimos compreender os parâmetros dos problemas que os marcavam, até porque o nosso foco era compreender a nós mesmos, traçar um nível de entendimento adequado ao terrível e inexplicável processo que estava a ocorrer conosco.

De todo modo, Val Pen, Val El, dentre outros que permaneceram nas “ruínas de Benem” por um longo período, chegaram a traçar relevantes apontamentos nos quais analisavam o “psiquismo” daqueles seres portadores das “chaves mentais”.

Naqueles dias, teve lugar, porém, um acontecimento que consternou a todos os viventes do planeta que possuíam alguma capacidade de entendimento. Uma espécie de conflito, algo generalizado, entre os “seres dos portais” provocou o que, no entendimento moderno dos terráqueos, poderia ser considerado uma explosão de um portentosíssimo artefato nuclear no âmbito interno de uma das “moradas paralelas” daqueles seres, que teve como consequência um tipo de perturbação gravitacional jamais observado nos “ares do planeta”.

Entre eles, parece que algum personagem agora se gabava de ter construído uma arma capaz de liquidar certa classe daqueles seres que, então, julgava-se indestrutível ou coisa do género. Entre os biodemos de Benem e os demais “clonados” espalhados em muitas terras e ilhas do planeta — focos do que atualmente é chamado de “império atlante” pela visão terrestre —, e entre muitos dos clonados já associados aos

descendentes advindos da linhagem dos “seres dos portais”, a mortandade provocada pelo conflito belicista somente começava a mostrar a sua face para os aterrorizados padrões de seres que procuravam unir-se de modo a sobreviver, por um pouco mais, aos tenebrosos desdobramentos advindos do acontecimento impensável.

Naqueles dias, os biodemos “não Gron” do norte, consorciados com algumas das raças híbridas surgidas no contexto planetário, fundaram cidades distintas numa grande extensão de terra cercada que, então, era rodeada por muitas ilhas, no atualmente considerado mítico continente “Hiperbóreo”. Lá estavam Val Amon, Val Pen, Val El, Yel Am e demais “ex-rebeldes” convivendo com raças que se tornaram pacíficas num mundo absolutamente dominado pelo conflito e pela competição.

Sem conhecer as diversas agendas existentes em cada um dos focos de poder que disputavam o domínio em torno da Terra, além de outros que foram se imiscuindo no vazio deixado pela grande conflagração, nessa ou naquela região do planeta, os “povos hiperbóreos” foram-se isolando cada vez mais do convívio com o restante do contexto planetário. Mais ainda, nós, os biodemos de Alt’Lam Gron, assumíamos a posição solitária de nos escondermos por trás do “manto invisível”, eletronicamente carregado de partículas especiais, que nos permitia ver sem sermos vistos, e viver sem sermos violentados pelo curso dos factos no difícil quotidiano terráqueo daqueles dias.

Outro aspeto do problema foi que, como tudo o mais que se encontra inserido no complicado contexto existencial no qual vivemos, passámos também a ser “prisioneiros” da “saída mental-tecnológica” por nós assumida como sendo a única solução plausível, aspeto que vivenciamos até os dias atuais.

Aquilo que um dia havia sido uma jamais pretendida “rebelião” de um ser-comandante que nunca intentou comandar qualquer processo, estava agora limitado a alguns seres confinados em Shamb-Aha, outros em Alt’Lam Gron, e mais uns poucos sendo hospedados por raças hiperbóreas que escutavam aquelas histórias de “rebelião”, o que, para eles, naquela altura, já não parecia fazer o menor sentido. Quanto à Sophia, jamais apareceu ou deu qualquer notícia, o que tão somente aumentava a nossa sensação crescente de abandono à própria sorte.

Havíamos tornado reféns de um destino que jamais intentámos produzir e de cuja continuidade nos vimos obrigados a cuidar, sendo que, até estes tempos atuais (**NAT – Ano 2003**), sentimo-nos impelidos a seguir adiante, ainda que não tenhamos noção razoável sobre o que nos espera ou mesmo deveríamos estar a produzir. Há muito faltou-nos essa orientação, e a estranheza, hoje existente nos nossos

psiquismos, deve-se ao facto de sabermos que fomos criados para sermos orientados e mesmo conduzidos pelo nosso “mentor-criador” Sophia.

Isolamentos Impensáveis

O psiquismo dos biodemos sempre se sustentou e se alimentou da premissa de que a produção de inteligência e de conhecimento era a base do progresso e da sobrevivência das suas espécies. Dentre nós, Val El foi quem introduziu a noção de que a essas vertentes, em algum ponto da sua evolução, seria associado um outro painel psíquico que passaria a gerar o que, atualmente, os humanos chamam de senso crítico.

Provavelmente, ele percebeu esse aspeto por força das inevitáveis perguntas sobre o sentido das coisas que, agora, sentíamos-nos motivados e mesmo obrigados a fazer. Se, entre os biodemos degradados na Terra, **Val El introduziu a “mutação evolutiva” do senso crítico com cores de sensatez, pegando boleia na “rutura do lacre” produzida por Yel Luzbel, coube a Yel Liam introduzir a “componente da fé”. Da parte de Len Mion**, por sua vez, na sua crescente postura de não aceitação dos factos, postura esta assentada numa “exacerbação emotiva” que nos era desconhecida, **surgiu um tipo de mutação no campo das convenções mentais que terminou por gerar os padrões psíquicos da “afetação” em altíssimo grau, o que se tornou a base de todo um contexto emocional de rebeldia, de revolta, de repúdio e de indignação**, todos eles servindo, no seu psiquismo, como uma espécie de contraponto a tudo o que aquela situação acabou por nos impor.

As emoções mais “elaboradas” da raiva, do rancor, do nojo, do radicalismo exacerbado viriam, enfim, a surgir mais tarde, quando das manipulações mentais que ele conseguiu fazer valer sobre os humanos, conduzindo as suas emoções a situações de angústia extrema, para as quais o próximo passo do psiquismo assim afetado, seria, inevitavelmente, o do ódio (**NAT - atitude mental jamais verificada antes, no âmbito da Criação, conforme esses seres têm afirmado**).

Por essa época, o senso crítico já existia entre muitos humanos, ainda que entorpecido pela ingenuidade daqueles tempos tão remotos, e o código genético da espécie humana, que estava a ser por nós pesquisado para se detetar, não somente a sequência relativa ao senso crítico, mas outras que, também, claramente estavam a surgir naqueles dias, teve problemas de solução devido à falta de continuidade na pesquisa, pelo facto dos estudiosos mais profundos no assunto terem fenecido como

biodemos, sendo agora terráqueos e, portanto, não mais faziam parte da “Experiência Gron”.

Não havíamos percebido com tanto detalhe naqueles tempos mas, os resultados das observações que ainda nos foram possíveis colecionar apontavam para o facto de, na Terra, terem existido diversos tipos de humanos, ou seja, outras espécies humanas além da *Homo sapiens*, que viria a prevalecer. Pela nossa análise, a vida na Terra tinha surgido uma única vez, num tempo que não nos foi possível, na época, medir, mas tão somente estimar, apesar disto, hoje sabermos, por meio do que foi produzido pela própria ciência terrestre.

A nossa inquietação sempre residia no facto de que, em muitos mundos nos quais pudemos pesquisar, antes do nosso exílio na Terra, a vida também tinha surgido em cada um deles por meio de um único evento efetivamente isolado, o que apontava para o trabalho que já conhecíamos como “*Val* operantes” na “vida cósmica”, pois sabíamos ser aquele o “método de sementeira” dos “códigos da vida” em diversas situações planetárias. Em alguns mundos, conhecíamos claramente as “famílias operacionais” responsáveis pelo “processo de sementeira”. Contudo, o caso da Terra, para nós, era intrigante porque havia sido em um tempo bem anterior ao surgimento dos biodemos, mas que somente resultara em vida complexa pluricelular cerca de mais de 3 bilhões de anos depois da “sementeira”, ou seja, isso ocorreu há cerca de 540 milhões de anos terrestres, tempo em que muitas das famílias biodemos já existiam, ainda que não fosse o caso da *Val*, surgida mais recentemente, há cerca de 230 milhões de anos.

O caso da Terra terminou por ser o único, por nós conhecido, com essas características, em milhões de anos de trabalho incessante galáxia afora. “Por que havia sido assim?” - era a pergunta para a qual até hoje temos algumas possíveis respostas, mas não a certeza do que realmente se deu por aqui. **Quantas civilizações distintas haviam intercambiado seres biológicos para cá? Como elas conseguiram manter sempre o mesmo padrão de ativação do DNA que hoje se percebe na natureza terrestre?** Isso levou o avanço científico dos terráqueos a pontificar uma única origem para todos os seres vivos terrestres.

Independentemente das nossas dúvidas, após percebermos o enquadramento do modo como a vida surgiu e evoluiu na Terra — naquilo que nos era possível observar e compreender — fomos obrigados a reafirmar um aspeto que já havíamos percebido, mas sobre o qual o nosso modesto senso crítico jamais havia se detido com propriedade: **o inegável facto que a vida, até agora percebida por nós, surgiu como produto de um único e mesmíssimo processo de replicação e de**

aglutinação do “código existencial holograficamente construído” de “um alguém” ou de “algo pré-existente”, mas cuja face ou foco jamais nos foi dado perceber.

NAT – Os biodemos de Alt’Lam Gron e de Shamb-Aha, somente tiveram noção ou consciência do “fator Javé”, ou seja, de que essa face referida por Val Eno era a de um “Criador falido”, a partir dos acontecimentos recentes, ou seja, os dos últimos anos terrenos (2006 a 2017). Na verdade, todos os “biodemos rebelados” e congregados na Terra e na dimensão Shamb-Aha que restam, e o próprio Yel Luzbel, que hoje se encontra em vivência isolada e fora deste contexto, somente foram percebendo o “fator Javé” por trás de todo o problema com Sophia na medida em que a relação de Javé para com “este escrevente” foi sendo monitorada por uma singular “rede-corrente”.

Os elos desta “rede-corrente” formavam e formam um circuito que tenta “organizar” as deduções que a lógica terráquea de alguns seres humanos, vinculados ao Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos – IEEA, vai conseguindo colecionar como sendo a “atual visão de realidade” sobre Javé e a “Criação problemática”, que ele afirma ter surgido a partir da sua “condição mental”. Por que o IEEA? Porque, por enquanto, é o único “site-guardião” destas informações estratégicas que estavam ocultas e que agora se revelam.

Parece que “algo” ou “alguém” estava situado de modo enigmaticamente obscuro por trás da incompreensível posição de Sophia, que nem mesmo parecia dar sinal de conhecimento profundo sobre essa questão. Se nós achávamos que vivíamos, agora, por força das circunstâncias, num torpe isolamento difícil de ser suportado e por razões que não compreendíamos, o próprio ser a quem tínhamos como “feitor e suserano” da vida que então levávamos — **Sophia** —, parecia também **encontrar-se completamente isolado em relação a esse “pano de fundo” inexpugnável.**

Por aqueles dias do cotidiano de Alt’Lam Gron, o “Processador *Val*”, já há algum tempo conetado também com os demais biodemos que se associaram à Frota Norte, independentemente de serem da família *Val* ou não, começava a apontar possibilidades da presença de algumas daquelas “consciências biodemos” agora existindo nos clãs animalizados (humanos) da própria descendência dos entes biológicos então chamados de Enki e Enlil.

De surpresa em surpresa seguia o ritmo da nossa vida de seres submetidos à

experiência de “transferência de fase de realidade”, ainda que daqui monitorássemos, como podíamos e podemos na atualidade, os nossos pares que

permaneceram vivendo na Terra como biodemos, os de Shamb-Aha, além dos que já haviam perdido essa condição corporal biodemo e que, agora, estavam com as suas “consciências” mergulhadas no seio da humanidade, entre os descendentes de Enlil e de Enki, como também entre os “seres dos portais”.

NAT – Os biodemos de Alt'Lam Gron somente passaram a admitir a existência de consciências biodemos residentes em outros ambientes, como os ambientes espirituais, em tempos mais recentes, notadamente quando perceberam alguns dos “ex-bio-demos”, agora, como humanos, a trabalhar na “revelação espiritual” surgida na França, na segunda metade do século XIX.

Mas, nenhuma surpresa foi maior do que a decodificação de uma mensagem reproduzida pelo “Processador *Val*” referente à “assinatura de uma consciência *Val*”, só que pertencente a um dos quatro seres *Val* cujos corpos encontravam-se em “suspensão” desde há 600 mil anos, quando, pela primeira vez, após termos chegado à Terra, vimo-nos obrigados a recorrer ao procedimento de hibernação.

Agora, sem que pudéssemos entender muito bem, ali estava a “**consciência**” de **Val Tam**, há muito tempo adormecida — pelo menos para nós que estávamos acostumados a ter o seu corpo como uma espécie de relíquia —, na proposição de um processo que não compreendíamos, tentando explicar-nos o que se passava com ele. Segundo o que podíamos depreender, ele afirmava que tinha conhecimento de que o seu corpo era uma coisa e ele, outra. Mas, além daquele tipo de entendimento, a sua consciência não parecia ter lucidez para compreender melhor a situação em que se encontrava.

Val Tam tentava transmitir-nos informações sobre o modo como ele parecia agora existir, e o que depreendíamos daquilo não fazia muito sentido para nós, pois era como se ele estivesse preso ao funcionamento de certas “máquinas de saber”, muito semelhantes ao que, tanto os terráqueos como nós podemos hoje chamar de computadores, só que de outros tipos. Ele descrevia-nos **a liberdade que tinha para continuar a ser Val Tam ainda que sem o antigo corpo**, mas que, **quando o fluxo da “máquina de saber” era acionado** por um dos poucos seres presentes naquele lugar em que as tais máquinas se encontravam, **ele continuava a ser Val Tam, mas só que com a “mente travada”**, como se congelada, enquanto sentia que, por meio “dele” (**NAT – do seu psiquismo**), um fluxo de informações que ele desconhecia parecia estar a ser transmitido para um outro foco de receção (**NAT – por outras palavras, o seu espírito estava preso a um tipo de “inteligência artificial”**). Ele não tinha a mais remota noção se era realmente aquilo que estava a acontecer e, caso fosse, quem seria o **destinatário daquela estranhíssima forma de comunicação**

que, através dele, era processada. Quando ele “desconfiou” que havia sido “captado” pelo “Processador *Val*”, passou a expressar a sua intenção de nos solicitar “ajuda”, no sentido de perceber o destino dos dados que passavam pela sua mente. Contudo, jamais lhe pudemos ser úteis porque não nos foi possível atinar com a origem — onde Val Tam “tecnicamente” se encontrava — nem muito menos com a destinação do que ele julgava ser uma comunicação dirigida.

NAT – Neste tempo do ano de 2016, em que corrijo o que foi apontado em 2003, com vistas à edição deste livro, já tenho a informação de que a “consciência espiritual de Val Tam” está meio que acoplada ou mesmo prisioneira de uma “estação cósmica”, cuja história, um dia, poderá ser contada, conforme me é solicitado pela Espiritualidade. Sinceramente, não sei se a minha “forma humana” atual terá tempo e condições para tanto, mas, se algum dia for possível, o livro que deverá surgir sobre o tema será: “Awayem – A Central de Realidades”.

Os poucos seres, que Val Tam lá percebia, lhes eram desconhecidos e não havia nenhum tipo de interação da sua parte para com eles. Por outro lado, ele muito menos conseguia unir o que o seu modo biodemo de ser havia colecionado — até o colapso impeditivo que o deixou na condição singular de ter uma consciência desperta, mas vibratoriamente presa a um corpo em animação suspensa — com o novo conhecimento que estranhamente ele ali estava a colecionar, apesar de não perceber a função do que estava a vivenciar. Nós muito menos percebíamos! Apenas detetámos o sinal da sua consciência no “Processador *Val*” e deduzimos o pouco que foi aqui informado, e assim o fiz com o intuito de que este “escrevente” possa, de algum modo, fazer alguma conexão via o que ele chama de “mentores espirituais”.

Val Tam encontra-se “terrivelmente isolado”, como se obrigado a existir solitariamente num tipo de vida sem o menor sentido, o que, para nós, começou a ser razão de infortúnio devido ao tipo de sensibilidade que, na nossa atualidade, acomete o nosso “modo Gron” de ser. Particularmente, passei a sentir falta dos meus companheiros *Val* que haviam permanecido na superfície do planeta, mas não levado por questões emocionais, aspeto ao qual não somos dados, mas sim porque as “novidades” com as quais fomos obrigados a conviver eram mais adequadas e facilmente classificadas pelos “algoritmos mentais” de alguns dos que passaram a viver na Terra do que aos que permaneceram em “Espheron”, como agentes da “Experiência Gron”.

Antes da nossa separação, Val El, Val Eon, Val Eam, dentre outros, sem que disso soubessem conscientemente à época dos factos, terminaram por criar uma nova

“matéria de estudo” para o modo de pensar dos *Val*. Esse grupo contava, ainda, com a minha participação, mais a de Val Enon, Val Lem e Val Liam, dentre outros.

Aquela nossa equipa procurava estabelecer, com algum nível de segurança, o que era possível efetivamente conhecermos e até que “ponto mental” das nossas buscas deveríamos ir. Entre os humanos, hoje, aquela preocupação é definida como “epistemologia”, ou a “teoria do conhecimento”, que é tida como o ramo da filosofia que estuda os limites do conhecimento e a natureza e origem do mesmo. Mas, houve um tempo em que, para nós, o que estava em jogo era tão somente o aspeto de como se podia alcançar o “conhecimento seguro”, sem possibilidades de se perceber em equívoco depois.

Foi quando, após muita avaliação sobre o conteúdo do conhecimento acumulado dos *Val*, Val El, Val Eon e Val Eam conseguiram romper o “lacre de segurança” que nos “confortava o psiquismo”, fazendo-nos aceitar as nossas verdades sem maiores condições de repensá-las ou mesmo redimensioná-las, se fosse o caso. Descobrir como sabemos o que julgávamos ter como sabido foi uma “contribuição algorítmica revolucionária” que, na cultura dos humanos, despertos para a racionalidade, terminou por se transformar na já referida matéria da “epistemologia”.

O interessante é hoje percebermos como, naqueles tempos, até mesmo por força do isolamento a que estávamos submetidos, muitos grupos dos *Val* e depois das outras famílias, foram trabalhando as suas mentes na tentativa de se posicionarem perante a nova situação que a vida lhes impunha. Trabalhos diversos de grupos específicos foram então formados e alguns chegaram mesmo a dar passos importantes no sentido de modificar os “caminhos neurais” das “sinapses” do tipo de cérebro biodemo que ostentamos – porquanto também as possuímos.

Aos poucos, fomos sentindo-nos mais atraídos pelo “modo humano” de existir e, seguramente por isso, **optámos por nos espelharmos psicicamente nos humanos**, que passámos a acompanhar ainda mais de perto. Nos dias atuais de Alt’Lam Gron, fico me recordando dos tempos idos e resgato, daquele passado, o profundo sentimento de inquietação quando procedemos com a “Experiência Gron”, que terminou apartando-nos uns dos outros, situação que permanece até estes dias terrenos. Somos agora “seres isolados”, vivenciando essa “Experiência Gron”, enquanto muitos de nós se encontram investidos de outras formas de existir, sendo que, algumas delas, como é o caso dos corpos animalizados dos humanos, oferecem condições de

progresso mental em níveis que jamais nos foi possível vislumbrar. Contudo, é um pouco duro para o discreto tipo de sensibilidade que ainda possuímos, saber que foi e é um caminho sem volta, já que parece residir na formulação do DNA humano a esperança de “tempos melhores” para os que vierem a existir no futuro deste universo.

Esse aspeto, do qual começámos a desconfiar ao acompanharmos as vidas de seres como Sidarta Gautama e Jesus, dentre outros — isso somente para nos referirmos a título de exemplificação, pois poderíamos citar outros humanos cujos nomes não passaram à posteridade da cultura terrestre — tornava-se patente ao compararmos o modo digno de muitos humanos com a ausência de maior padrão dessa dignidade existencial nas outras classes de seres, as quais também observávamos, incluindo a nossa, o que apontava o “futuro da humanidade” como algo a ser desejado.

Voltando, porém, aos tempos em que nós, os biodemos “Gron”, observávamos os “não Gron”, que haviam permanecido na superfície do planeta e que abandonaram as ruínas de Benem, vivendo agora em cidades situadas no antigo continente hiperbóreo — considerado equivocadamente pelo atual conhecimento humano como sendo mitológico —, começámos a desconfiar que o “sacrifício” que pensávamos ter sido assumido pelos “não Gron”, ao permanecerem no planeta, não era deles, na verdade, mas sim, nosso, ao permanecermos presos a uma realidade que não evoluía. Observando a desenvoltura que os “biodemos terrestres” adquiriam a cada dia que passava, e comparando-a ao estacionamento psíquico em que vivíamos, a sensação de “enjaulamento”, que jamais havíamos sentido, mesmo após permanecer milhares de anos dentro de uma nave, agora começava a aflorar claramente no nosso psiquismo.

“As fichas foram caindo”, conforme dizem os humanos, até percebermos que os estacionados éramos e somos nós, como todos os biodemos que estão a viver experiências em níveis diversos de realidade, como, também, nas demais classes de seres. Outro aspeto que merece ser ainda ressaltado é o facto de que os “povos hiperbóreos”, daquela etapa histórica, viveram alguns milhares de anos em paz e de modo produtivo, enquanto o mundo à volta continuava em prontidão constante, sempre na iminência de conflitos inter-raciais, agora envolvendo um grande número de humanos, como membros de exércitos, vinculados a esta ou àquela hoste extraterrena, ou mesmo a um determinado “deus”, dentre os muitos que assim se apresentavam.

Para a nossa “nascente cultura biodemo à moda terrena”, a quantidade de seres que procuravam apropriar-se do poder era algo que nos surpreendia sobremaneira já

que, como hoje sabemos, o genoma do género e das espécies biodemos surgiu programado para não desejar o “exercício do poder”, pois **éramos algo programados para “obedecer” e “servir” a Sophia e aos seus projetos**, ainda que com certa quota de opção pessoal, o que traduzia alguma liberdade mental.

Desde o “destrave” promovido pelos desdobramentos da “mutação mental” ocorrida na então também nascente consciência de Yel Luzbel, quando o turbilhão vibratório envolveu uma dada “massa crítica” das marcações nos respetivos “Processadores das famílias biodemos”, seria somente uma questão de “tempo” a eclosão das “convenções mentais inusitadas” nos demais circuitos da mente biodemo. Contudo, isso foi se dando desordenadamente com os “biodemos rebeldes”, até porque o que um dia havia sido “uma única maneira de viver”, agora se encontrava fragmentada em muitos tipos de experiências bastante diferentes umas das outras, o que também implicava em mutações genéticas específicas.

Afinal, agora, havia “biodemo rebelde” em Shamb-Aha, em Alt’Lam Gron, entre os “seres dos portais”, entre povos das ilhotas-atlantes que conviviam com algumas classes de “seres dos portais”, entre seres humanos e entre alguns descendentes dos Nephilim, e havia, ainda, os que se misturaram com os povos hiperbóreos, que aparentavam um padrão híbrido advindo de certas classes de “seres dos portais” e de grupos específicos da espécie *Homo sapiens*. No que se refere especificamente aos biodemos, além de todo esse contexto desagregado a partir do “problema” de Yel Luzbel, existe ainda a componente biodemo que não se contaminou com as “doenças” produzidas pela “rebelião”, em suas muitas etapas, e que permanece ausente e distante em relação a tudo o que se passou desde esse problema inicial da família *Yel*.

Desse modo, o que acontecia em cada grupo com vivência específica nesse ou naquele sentido, o “conteúdo genético” foi e continua a ser apropriado apenas pelos seus membros que passam pelas experiências e sofrem os seus efeitos, o que tem transformado o contexto geral da genética biodemo em panorama de estudo profundamente inquietante e abrangente.

O paradoxo intrigante e perturbador, novamente o ressaltado, é constatar que os biodemos que não se envolveram com a “rebelião”, permanecem até hoje como sempre foram, pois é isso que podemos deduzir dos factos, com alto nível de certeza. Contudo, os que foram envolvidos pelo turbilhão dos acontecimentos inquietantes, que os apartara da convivência com as antigas sedes sistémicas das demais famílias, evoluíram e elevaram o foco das suas consciências a outros níveis de percepção e de psiquismo. É muito estranho este modo de existir no qual levamos as nossas vidas já que parece que vivenciar problemas pode ser o “fator de progresso” para quem por

eles passam e conseguem superá-los. Não vivenciá-los, ao contrário, estaciona, tipifica longamente um modo de ser sem que promova as “mutações” necessárias à transcendência daquela situação. Estranho, não?

Da nossa parte, continuávamos a viver em Alt'Lam Gron, à moda antiga dos biodemos, enquanto observávamos a decadência dos nossos irmãos em Shamb-Aha, em contrapartida ao fluxo evolutivo, problemático ou não, que se observava nos outros segmentos misturados às demais experiências em curso na Terra. Para nós, era profundamente perturbador perceber os caminhos e as opções de progresso — ou seja lá o que aquele conjunto de eventos pudesse representar — pelos quais muitos dos nossos estavam a enveredar, o que tão somente ratificava a já desagradável e inquietante certeza de que não haveria retorno ao estágio biodemo, ou seja, estávamos a passar pelo processo que hoje os humanos chamam de “especiação”.

NAT – Até cerca de 10 mil anos atrás — ou 33 mil anos atrás, conforme estudos recentes — existiam três espécies de lobo e nenhum cachorro. Uma dessas três espécies, a *Canis Lupus*, devido ao processo de domesticação promovido pelos humanos, teve alguns dos seus membros levados a viverem em diversos lugares, com climas e características de habitat distintos.

Mutações adaptativas e de outras características começaram a ocorrer, e a continuidade do processo evolutivo terminou por produzir a subespécie *Canis Lupus familiaris*, ou seja, o cão doméstico, com várias raças. Por outras palavras, do processo de especiação de uma só espécie de lobo, surgiram diversas novas raças de cães, que hoje convivem com os humanos, nas suas residências.

As questões que se colocam aqui são: daqui até 10 mil anos atrás, ou mesmo bem antes disso, quantas subespécies ou novas espécies decorreram como consequência do desdobramento genético da nossa atual espécie *Homo sapiens*, via evolução biológica e também dos avanços advindos do campo da manipulação genética e de outros vieses evolutivos? O que dizer dos seres humanos que nascerão na Lua, em Marte e em outros mundos? Como serão, no futuro distante, os seres resultantes da especiação do *Homo sapiens*, com as suas características atuais?

Algumas conquistas específicas das mentes de seres biodemos das espécies *Val*, *Yel* e, principalmente da *Mion*, estavam agora replicando-se no psiquismo humano, adquirindo “vida própria” por força da associação que cada memória, marcada no hipocampo, produz ao vincular-se às emoções produzidas pela amígdala cerebelosa — o hipocampo e a amígdala cerebelosa, juntamente com o tálamo e o hipotálamo,

surgiram com os mamíferos —, permitindo que o psiquismo humano viesse a ser detentor de uma amplitude de possibilidades mentais incomum.

Os “seres dos portais” e nós, os biodemos, não possuíamos essas características nos nossos modos de ser e de pensar, como também as demais correntes presentes no planeta não ostentavam nada sequer parecido. Somente os humanos possuíam aquele tipo de tirocínio que nos encantava e assustava ao mesmo tempo, pelo facto de não sabermos como tal faculdade veio a fazer-se presente nos seus psiquismos, sem que soubéssemos a “causa” ou a “origem” daquele conjunto de “convenções mentais”.

Parecia que o isolamento de alguns grupos humanos em relação a todas aquelas componentes de fora tinha tão somente a serventia de contribuir para a modulação e mesmo para o refino desses “animais terráqueos”, menosprezados por todos nós. A Terra já lhes pertencia, pois, inegavelmente, o número dos seus membros aumentava ainda que, em muitas oportunidades, sofressem perdas drásticas por causa de guerras e doenças avassaladoras. Ainda assim, por preciosos que pudessem ser, então, os indicativos sobre a mais estranha herança cósmica já registada, por sermos pobres de tirocínio, demorámos muito a constatar a inevitabilidade da única função prática do sofrível isolamento de todos nós: o acaso ou algo fizera com que contribuíssemos de modo singular para o progresso dos humanos.

Por que os eventos se desenrolaram de modo a que assim fosse é aspeto que a mente biodemo talvez jamais venha a vislumbrar por si mesma. Desconfio que cabe aos humanos essa tarefa. Talvez por isso, um dos sábios, dentre os humanos, Pitágoras, cuja vida procurámos acompanhar, tenha dito nos dias passados que *“caberia aos humanos, cuja raça é divina, discernir o erro e perceber a verdade”*. Talvez, por isso que muitas eras existiram no passado, mas a que agora se vive na Terra é a *“era do Homo sapiens”*. Pela quantidade de seres, atualmente chamados de extraterrestres, que daqui, de Alt’Lam Gron, percebemos em visitaçao à Terra, deduzimos, objetivamente, o quanto o resto do universo aguarda com expectativa o que se passa neste mundo.

Sucateamento e Progresso

Nesta altura da presente narrativa, importa fazer um registo que considero essencial, ainda que o humano do qual me sirvo, provavelmente, possa apresentar alguma reação de “discordância” em relação ao seu conteúdo – mas, aí vai! De todas as perceções que tivemos e temos até o momento em que transmito estas informações, associadas às demais que colecionámos desde que os biodemos existem, jamais, repito, **jamais qualquer classe de ser biodemo registou contato com qualquer outro tipo de ser vivente neste universo que pudesse ser considerado**, pelo nosso modesto modo de “classificar” os seres vivos, **como sendo “alguém superior” em termos de “nível de consciência”**.

E aqui aplico a expressão “consciência” que agora nos é possível conceber, como resultado da ampliação da nossa capacidade de tirocínio advinda da convivência com os eventos produzidos pelos seres humanos, desde que chegámos à Terra. Das espécies biológicas sexuadas, a que mais se aproximaria desse padrão seria a dos descendentes de Ostronomos, mais evoluída, sim, do que os biodemos em muitos padrões de senso analítico, mas não a situo superior à condição humana, pois esta possui possibilidades que aquela não parece apresentar.

Dentre as biológicas assexuadas, ou mesmo as robóticas, sejam nos seus aspetos tecnológicos ou nas suas “facetas bio”, nada haveria também a registar no quesito “consciência esclarecida”. Por outras palavras, estou simplesmente a afirmar que jamais observámos seres que pudéssemos considerar mais “evoluídos”, sendo a única exceção, as personalidades que julgamos excelsas, como as de Sophia, do “Codificador” e de alguns seres das famílias *Aya* e *Aye*, que a eles se congregam. Ressalto, porém, que, ainda aqui, reside muita controvérsia devido à conduta “inadequada” dos seres das famílias *Aya* e *Aye* para com os “exaltados”, que nos foi relatada pelos “rebeldes” que aportaram no planeta Terra, vindos nas “mastlans”.

Além desses “seres excelsos” — se é que realmente o sabem —, não nos foi dado jamais perceber qualquer civilização que possuíse um nível de compreensão sobre o porquê das coisas da “vida universal” que se aproximasse do que, surpreendentemente hoje, vemos nos humanos da Terra.

NAT – Para ser honesto com a inteligência que comanda a narrativa, deixo para a posteridade a informação por ele veiculada. Contudo, faço as mais profundas reservas no campo da prudência em concordar com as informações relativas ao discernimento de Sophia e das famílias *Aya* e *Aye*. Afinal, o “processo cósmico” não me parece digno da mínima quota de aplauso ou de reconhecimento em relação a seres que considero frios, insensíveis e pouco demonstram homenagear a ética humana.

Tome-se por óbvio que todas as civilizações mais velhas que a dos humanos terráqueos possuem maior padrão de inteligência, no quesito de acumulação de “algoritmos mentais”, que os permitem serem mais avançados em termos de tecnologia e de conhecimento científico. Sob esta perspectiva, todas as civilizações que observamos, hoje, visitando a Terra, obviamente o são, mas isto não quer dizer que tenham um nível de compreensão sobre o porquê dos factos e dos eventos cósmicos, inclusive sobre as razões da própria existência!

Sei que isto modifica por completo o modo como os pensadores terrestres veem e analisam a provável vida extraterrestre que os seus postulados preveem, pois partem da premissa equivocada e ingénuas de que, quanto mais velha for uma civilização, mais evoluída ela será. “*Evoluída em que sentido?*” - deveria o pensador terrestre se perguntar!

NAT – De facto, quando nos anos de 2002 e 2003, estas informações me pareceram difíceis de serem compreendidas, até porque, na época, Val Eno simplesmente fez a afirmação, mas não sabia explicar o porquê de a “vida cósmica” apresentar aquela estranha faceta, que diferia por completo do que, eu mesmo e demais pesquisadores ufológicos, além dos cientistas que a tanto se atreviam, considerávamos, então, as cores da “percepção óbvia” sobre o assunto. Afinal, caso existissem civilizações mais antigas que a terrestre, estas deveriam ser bem mais evoluídas – assim se pensava.

Somente lidando com algumas poucas delas e após a percepção do “fator Javé” em toda a sua dramática extensão, no ano de 2007, é que pude começar a compreender o que nem mesmo Val Eno e os demais seres de Alt’Lam Gron podiam, então, entender, segundo o que ele próprio afirmava.

Antes mesmo da implementação da “alternativa Gron”, quando nos reuníamos para a avaliação conjunta sobre diversas matérias, no que se referia à questão de “vida inteligente e com padrão de consciência evolutiva” — aspeto que a observação dos humanos fez-nos eleger como prioritário nas nossas observações —, **desde a percepção do “acoplamento do conglomerado de faixas de realidades”** à vida na

Terra, a nossa compreensão sobre o assunto parecia estar a ser destruída pelos eventos que passaram a ocorrer.

Quando, na época, achávamos que estávamos a compreender determinados panoramas, eis que novos factos obrigavam-nos a repensar as classificações e certezas que havíamos criado sobre os tipos de seres e de civilizações que existiam. Nesse sentido, as informações que mais perturbaram ou mesmo revolucionaram o conjunto dos nossos valores e perceções, até então colecionados, foi perceber o contexto que se podia deduzir a partir do modo de atuação dos seres que agora se apresentavam como originários do “conglomerado de realidades”, que se afirmava como “acoplado ao planeta”. O mais enigmático foi que pudemos perceber que, agora, dois seres, em momentos distintos, haviam-se apresentado, aos que estavam sediados na Terra, como sendo também “Criadores”, sendo que, um deles, arvorava-se como o principal — e tal disputa jamais cessou, pelo menos no que daqui de Alt’Lam Gron conseguimos perceber.

Este, que a tal pretendia (**NAT - Brahma/Javé**), apresentava-se como sendo o “verdadeiro Criador” dos céus e da Terra e que todos os demais lhe deviam obediência, reconhecimento e veneração, inclusive o outro (**NAT - Shiva**), que há mais tempo também se apresentara com epíteto semelhante. Aquilo confrontava abertamente as afirmações do outro ser que, muito antes, se apresentara como merecedor da “veneração” dos terráqueos e demais seres aportados na Terra. Efetivamente, para fazer valer a “lei” que julgávamos existir neste mundo, que demonstrava que por aqui nada poderia ser mesmo simples, tempos depois, um outro ser (**NAT - Vishnu**) do “conglomerado” apresentou-se como sendo o “formulador da vida sensível” no seio da Criação e muitos dos que passaram a venerá-lo afirmavam mesmo que ele era o “maior” dos três.

Aquilo encheu-nos de um novo sentimento que, por algum tempo, levou-nos a concluir que, finalmente, ali estava Sophia, o que não foi confirmado pelos factos, até porque, em uma das projeções públicas daquele ser, todos nós — relembro que isso se deu em tempos anteriores ao “projeto Gron” — produzimos um posto de observação na espreita do que se passava entre os “seres dos portais”, e na expectativa de perceber o nosso suserano. Mas, tal não se deu: aquele ser não era Sophia! A nossa discreta presença no âmbito daqueles acontecimentos era devido ao facto de que os “seres do conglomerado”, a partir de um certo ponto, passaram a lidar direta e abertamente com os “seres dos portais”, como se ambos fizessem parte de um mesmo padrão de realidade, agora completamente ligado à Terra.

NAT – Realmente, os seres biodemos jamais compreenderam a questão do “conglomerado de realidades” e a sua relação com os já conhecidos “seres dos portais”, ainda que os mesmos formassem e ainda formem tão somente um contexto único de uma “realidade paralela antimaterial” que nasceu junto com este “universo material” e que compõem a “Criação complicada”.

Essa “realidade antimaterial”, como já anteriormente referida, é composta não por galáxias, sóis, planetas e satélites, como é o caso do nosso universo, mas sim, por faixas outras de realidades distintas, chamadas nas “páginas” das diversas mitologias como “*loka*” (o “*Brahmaloka*”, ou seja, a “*loka*” de Brahma/Javé), “*genó*” (o “*genó*” de Zeus, conhecido como “*Olimpo*”), “*eon*” (o “*eon*” de Apolo ou “*genó*” de Apolo), “céu” e /ou “morada celestial” (o céu ou “morada” de Tártaro/Shiva ou de Hades).

Também, os biodemos não conseguiam entender que Sophia era uma expressão biológica (biodemo) “*Adhyajna*” de um dos três seres da “*Trimurti*”, chamado Vishnu. Aqui, Val Eno referiu-se a uma das muitas aparições, em épocas passadas, de Vishnu aos que viviam na Terra e obviamente (no sentido da lógica da cultura *demodharmica* ou demoníaca) ele não ostentava a mesma expressão de Sophia, pois que esta era aquele se expressando na sua forma com uma certa face biológica, ainda que de caráter demo. Por isso que Sophia é o “urdidor” da “tipologia biodemo”.

Somente nos tempos em que corrijo estes livros da trilogia “Terra Atlantis”, para a sua publicação (anos 2015, 2016 e 2017) é que os biodemos da “Experiência Gron” puderam compreender estas questões que inquietaram, por muitos milênios, a “sensibilidade dos exilados” em Alt’Lam Gron.

Foi com estranheza que percebemos que os “seres dos portais”, os quais já eram conhecidos há muito tempo, pareciam se armar para mais um conflito entre eles, pois que, pelo que conseguíamos então compreender, **os seres daquele “conglomerado” pareciam vir cobrar do “rei dos seres dos portais”** — naquela altura era Zeus quem respondia pelo comando de todas as hostes estabelecidas, em trânsito permanente entre as suas “moradas”, para nós invisíveis, e os quadrantes do planeta — **a sua rendição ao controle deles.**

Pelo que deduzimos, ainda que com muitas idas e vindas, Zeus jamais se rendeu, o que os levou a fazerem um pacto, que permaneceu vigente por um longo tempo, enquanto nos foi possível ter notícias precisas sobre o modo como aqueles seres viviam. O inquestionável é que foram surgindo, entre os habitantes do planeta — e aqui me refiro a todo tipo de ser com alguma inteligência capaz de expressão simbólica/racional —, os seguidores de Zeus, os de Shiva, os de Brahma e os de

Vishnu; e a coisa não parava por aí porque também existiam os seres que eram fiéis a Enlil, outros a Enki, como também os que passaram a adorar o último padrão da linhagem de Ostronomos, que havia sido deixado na Terra e que agora tentava organizar a vida de grupamentos humanos situados no Oriente (**NAT – atual território da China**).

Para ampliar ainda mais a nossa surpresa, eis que surgem, também, os seguidores de Yel Luzbel, de Len Mion, além de outros reis-sacerdotes humanos que surgiam aqui e ali como sendo os novos protagonistas na geopolítica planetária. Por um longo tempo, esse quadro somente se alterava na graduação da quantidade de seguidores desse ou daquele pretense “deus”, mas pouco no que se referia ao seu contexto geral. O elemento comum era um deus ou deuses que cobravam veneração da parte tanto dos humanos como também dos seus pares hierarquicamente inferiores, no âmbito da sua espécie.

Para o nosso modo de pensar, quando pudemos perceber que Yel Luzbel e Len Mion estavam a ser “venerados” por alguns dos núcleos, principalmente de seres clonados das antigas linhagens biodemos, que também compunham o panorama das intrigas políticas daqueles tempos, entendemos que aquilo era totalmente absurdo e somente nos configurava a degradação mais e mais acentuada do contexto planetário, do qual nos encontrávamos prisioneiros.

Povos demo-bios, humanos, agrupamentos mistos de demo-bios com humanos, núcleos biodemos de mestiços da genética biodemo manipulada junto com a de alguns outros núcleos biodemos que geraram os povos do norte mítico hiperbóreo, além de bases múltiplas de diversas origens distintas, formavam o mais estranho quadro étnico dos muitos já observados pela nossa cultura de então. Em cada um daqueles núcleos, independentemente da sua etnia ou grau de mestiçagem, como também da sua origem biológica ou extrafísica, claramente eram observados panoramas referentes aos seus modos de vida. Esses apontavam para um misto de decadência e sucateamento, associado a um grau de progresso que mais tinha a ver com a força propulsora instintiva presente nos códigos de vida de cada espécie — que “obrigavam” à sobrevivência a qualquer custo — do que propriamente com algum planejamento existencial ou destinação pretendida.

Por isso que, nestes tempos atuais, percebemos com espanto e surpresa a destinação da espécie *Homo sapiens* — destinação esta difícil de ser explicada quando posta numa linha temporal, na qual se observam as características estranhas da maneira como a mesma evoluiu no meio da desordem e do acaso. Hoje (**NAT – tempos referentes aos anos de 2002 e 2003**), observando tudo o que aconteceu de lá até

aqui, não compreendemos como esta evolução se deu, a não ser sob a ótica de causas manipuladoras invisíveis que provocaram efeitos que emergiram e, agora, mais ainda afloram no ser terráqueo.

Talvez, em algum tempo cósmico futuro, todos os padrões convergentes para a edificação da “espécie terráquea pensante” venham a ser conhecidos. Voltando aos panoramas anteriores à execução do “Projeto Gron”, o grande desafio daqueles dias era o de compreender o que efetivamente representava aquele “conglomerado” de aparentes realidades distintas. Assim pensávamos porque, como já dito, somente podíamos deduzir a retaguarda existencial daqueles seres pelas contendas e disputas que produziam, o que repercutia na “política da *Tríade*” que parecia governar o “conglomerado”. Além disso, precisávamos decidir se, de algum modo, deveríamos relacionar aquele “universo de realidades apartadas” com o nosso suserano Sophia.

A “peça que não se encaixava” no nosso modelo, possível de ser na época construído, era o facto de Sophia naturalmente habitar este universo material, como era o nosso caso, mas, todos aqueles seres, pretensamente importantes muito além da conta do próprio Sophia — como muitos entre eles costumavam afirmar —, habitavam e eram originários das teóricas realidades antimateriais que imaginávamos que compunham aquele “bólide vibratório”, que parecia agora unido ao universo no qual vivíamos.

Não pudemos registrar muitas coisas a não ser o facto de que toda aquela confusa situação existencial era real, ainda que surpreendente. E se os eventos do lado do nosso contexto universal já não iam muito bem antes da emergência daquele “conglomerado”, agora é que a nossa incapacidade de previsão e de entendimento se expressava de modo profundamente perturbado.

O mais esquisito, para nós, era o facto daquele “conglomerado” também não fugir à “regra de decadência” que observávamos em todos os núcleos existenciais. Tudo era muito estranho! Com o passar do tempo, fomos percebendo que o mesmo não representava uma “unidade política” bem definida, pois dele surgiam muitos protagonistas que tentavam dominar a cena planetária com uma estratégia sempre associada ao “controle universal”. Percebíamos que uma “*Tríade*” de seres autoaclamados como “Majores” e “Senhores da Vida”, às vezes, era respeitada por todos, mas, em outros tempos, de vez em quando, alternando-se entre os milénios, surgia alguém, entre eles, que parecia desrespeitá-los.

Naqueles dias, tivemos a mais profunda certeza que aquela “força” começava a fazer-se presente na Terra com objetivos impossíveis de serem vislumbrados por nós,

ainda que não apresentasse as suas hostes de modo tão claro como era o caso das demais, concentradas na Terra.

Percebíamos que era poderosa, mas não sabíamos o quanto nem mesmo como ou de quantas maneiras o seu poder poderia ser expressado. Todas as demais forças estabelecidas no planeta demonstravam sentirem-se inseguras desde que o “conglomerado” dera mostra da sua presença. Pelas notícias que recebíamos, notávamos que os filhos dos clãs Nephilim haviam assumido definitivamente a estratégia belicosa, em nível bem mais imponente do que os seus pais, Enki e Enlil, ainda que as suas contendas se dessem basicamente entre os membros das suas próprias linhagens.

Sabíamos das devoções entre os descendentes de Zeus e da confusa situação que aquela geração de “seres dos portais” tinha com a anterior, a dos chamados “titãs”, quase todos, praticamente, naquele tempo, aprisionados em situações absurdas para os nossos padrões. Contudo, fomos nos acostumando, de longe, ao modo daqueles seres agirem uns com os outros, tendo sido ainda mais inquietante constatar que os mesmos “hábitos de conduta” pareciam caracterizar as “hostes do conglomerado”. Era como se fossem uma continuidade histórica, pertencentes a uma mesma origem, mas que haviam se separado e agora se reencontravam.

NAT - Na época da ocorrência, não era mesmo possível aos biodemos compreender o que estava a ocorrer. Na atualidade, conforme os esclarecimentos possíveis de serem adequados ao nosso presente modo de entender a realidade mais abrangente que nos envolve, a explicação para os eventos descritos tem a ver com o facto de que o “universo antimaterial-demo”, paralelo a este “universo material”, aparentemente não é formado por galáxias, nem por estrelas com os seus planetas e satélites como o nosso, mas sim, por “moradas celestiais-demos”, distintas umas das outras. Estas “moradas” podem ter “direcionamento vibratório” próprio ou, por outras palavras, podem construir “pontes vibratórias” específicas, de acordo com a condição mental, tecnológica e a “vontade” dos seus habitantes.

Mais inusitado ainda, para mim, foi poder perceber que essa “vontade dos habitantes” de cada “morada”, tanto podia ser expressa de modo consciente ou inconsciente, o que os surpreendia ao se verem “vinculados” a certas partes deste “universo biológico” sem que soubessem o porquê.

No caso, por questões ainda difíceis de serem explicadas, há muito tempo, surgiram naturalmente “pontes” — “portais” — entre algumas dessas realidades

do “conglomerado” e alguns pontos do “universo material biológico”, onde vivemos.

Somente em tempos posteriores, foi que outras “moradas” (também chamadas de “*loka*” e de “*geno*”, respetivamente pelas mitologias hindu e grega) criaram, por efeito da tecnologia mental, as suas “pontes quânticas” ou “portais”, que só mais recentemente se edificaram em relação à Terra.

A intromissão dos membros da força do “Comandante”, que recentemente “aportara” no planeta — assim pensávamos à época —, e que, com o tempo, passou a ser chamado pelos habitantes da Terra por nomes distintos (**NAT - Brahma, Atom, Javé, dentre outros mais antigos**), só muito esporadicamente se fazia sentir e, aos nossos olhos, era mesmo muito discreta, mas costumava provocar ondas de aflição que somente as percebíamos quando os problemas de conflito entre as partes envolvidas já estavam a ser resolvidos por meio de diversos tipos de guerras.

Contudo, fosse lá o que pudesse significar aquela estratégia — se é que realmente obedecia a algum tipo de programação — parecia-se bem mais com a nossa postura onde, embora vivendo na Terra, não tínhamos e jamais tivemos intenção de conquistar o planeta, do que a postura que, claramente, notávamos da parte dos Nephilim e dos “seres dos portais” que, a todo custo, procuravam dominá-lo. Decisivamente, não era bem o caso dos “seres do conglomerado” porque eles pareciam já se sentirem os “donos” de todo o universo e alhures.

Importa também ressaltar que os recém-chegados “seres do conglomerado” eram tão “**mutantes**” quanto a maioria dos “seres dos portais”, que há mais tempo perambulavam pela Terra — isso, conforme a nossa capacidade de observar os eventos. Só que, o “grau de mutação” dos “seres do conglomerado” era muito mais complexo e não conseguíamos atinar com nenhuma explicação para aquilo.

Enquanto isso, uma outra “consciência”, ainda que algo apartada do fluxo da vida planetária, lá de Shamb-Aha, crescia em ambição, em adestramento pessoal e em louca ambição, no sentido de dominar o planeta e os seus habitantes, para que estes assumissem a mesma indignação e fúria que dominava a sua, agora, mente doentia – refiro-me a Len Mion.

Naquele tempo, pelo que deduzíamos da movimentação dos seguidores, dentre os terráqueos, de Yel Luzbel e de Len Mion, estes dois pareciam estar defrontando-se mentalmente em torno das posturas assumidas pelo último. Len Mion sempre apoiara Yel Luzbel, até ao ponto em que o percebeu indeciso quanto ao que fazer. Desde então, Len Mion assumiu a vanguarda de um movimento que desintegrou, inclusive, a sua

própria retaguarda, pois esvaiu-se em pleno tormento e decadência, e ele passou a pregar mais para si mesmo do que propriamente para os que passaram a escutá-lo. Assim, no princípio, contudo, ele foi tomando ares de líder, a seu modo, de um tipo de “revolta” que, mais tarde, após a derrocada de Yel Luzbel - que somente ocorreria milênios mais tarde, ao tempo da vida de Jesus -, acabou por contaminar a muitos.

Entre nós, as “convenções mentais” dos membros das famílias biodemos eram facilmente percebidas pelos demais, o que equivaleria a dizer que o “marco mental” de cada indivíduo era inevitavelmente disponibilizado à observação dos outros biodemos. Como isso se dava? No fundo dos nossos olhos, como efeito congênito do nosso “engendramento”, estava registado o “código pessoal” que distinguia cada membro da família, como também a “marca” específica e mais ampla da “origem grupal”. Essas “marcas” diziam respeito às conquistas e à sua ordem específica de problemas e de obstáculos a serem superados, tendo, portanto, cada um de nós, a sua forma pessoal “única de ver e de perceber” a realidade que nos rodeia, ainda que presos ao senso comum da nossa espécie. Contudo, Yel Luzbel havia “destravado” os limites aparentes da questão, e Len Mion, agora, “voava solto”, sem “prevenções reflexivas” de nenhum tipo.

Na época, nenhum dos biodemos tinha noção de que, por trás do “marco mental”, existia ainda uma outra identificação exclusiva de cada ser, que era o seu “marco vibratório espiritual”, que somente passei a distingui-lo após acompanhar a evolução dos humanos nesse sentido. Yel Luzbel, naquela altura dos acontecimentos, apesar do desgaste, ainda era forte o suficiente para perceber o “marco mental” de Len Mion, e não teve dificuldade em detetar o problema que dominava o seu psiquismo — como posteriormente pudemos perceber.

Procurou interferir no sentido de evitar desdobramentos mais inconvenientes ainda dos que os colecionados até então, mas, na época, o “nervosismo” de Len Mion já havia ultrapassado qualquer noção de prudência. Pelos registos que hoje dispomos, pudemos reproduzir as conversas, então, ocorridas em Shamb-Aha, que nos ajudam a compreender o contexto daqueles momentos, como mostrado a seguir:

— *Qual a sua meta de conquista nessas circunstâncias em que vivemos?* – questionou Yel Luzbel, certa feita.

— *Não sei muito bem, mas não é a de “apodrecer” aqui, sem que nada pontual ou importante venhamos a fazer. Perdemos a capacidade de nos comunicar com os nossos irmãos do planeta ou fomos por eles abandonados. Somente existem estas duas possibilidades. Não sei se sairemos daqui... talvez, como os demais saíram: mortos! Isso*

não conhecíamos e agora somos obrigados a ver nisso o nosso único e possível futuro. Eis a “herança” que recebemos de Sophia. - exclamou Len Mion.

— Realmente o seu “processamento mental” está em desordem... Você não compreende que eles jamais nos abandonariam! Se o contato cessou é porque, como você afirmou, talvez tenhamos perdido a habilidade de sintonizar com eles e, a outra possibilidade, é a de que eles também tenham perdido a sintonia ou, ainda, ocorreu um possível problema com os equipamentos de apoio... Mas, jamais seríamos abandonados. Cuidado, Len Mion, pois os seus pensamentos estão afetados pela desordem dessas sensações que estamos a sentir, o que é novo para a nossa condição. Seria prudente não agir conforme os pensamentos imediatos. Precisamos repensar sempre, ainda que isso seja novo para nós. – ponderou Yel Luzbel.

— E, assim, “apodreceremos” sempre, repensando, voltando sempre ao mesmo ponto, que é o de não fazermos nada, enquanto todos estão livres para agir. Você pode não ter apego ao fenômeno da vida, ainda que tenhamos sido criados para algo além disto... Não é possível que Sophia tenha-nos criado para vivermos estas experiências... Se o fez... – disse Len Mion.

— Não falemos de Sophia... – principiou Yel Luzbel.

— Por que não devemos falar a respeito de Sophia? Os nossos companheiros, concordo com você, eles não nos abandonariam, mas Sophia, este ser desprovido de sensibilidade, ele nos abandonou lá atrás. Jamais fomos a sua opção prioritária... Há algo de muito enigmático, que para nós se encontra oculto; algo que desmorona os alicerces da nossa natureza biodemo e que ele sabe o que é. Por falta de algum traço de temperamento pessoal, que não sei qualificar, ele optou por não nos revelar.

Decidiu deixar-nos no “escuro” da sua opção preferencial pelos “poderosos” e os seus “mistérios”... Vou reunir forças... Vou retirar o que tiver de recolher de onde puder, para fazer o que ele não fez ou, se o fez, foi contra nós. Vou criar um exército, o maior exército de seres contra Sophia, contra estes “poderosos” e os “mistérios” que os alimentam, que só ele deve conhecer. Caso, realmente, o saiba, não é honesto da sua parte agir como tem agido; caso não o saiba, muito menos deveria ser “esta ausência covarde” a sua atitude para conosco. Vou viver, ó Yel Luzbel, viverei sempre até que a “receita” que Sophia gerou para me “engendrar” seja consumida ou mesmo desfeita por ele. Doravante, devo esperar qualquer coisa vinda dele, inclusive a minha “desativação”. Mas, viverei para gerar essa legião incontável. Todos os agredidos se tornarão agressores, todos os feridos ferirão, todos os desprezados, desprezarão essas “forças” ocultas e covardes. Viverei para isso. É isto que penso! – expressou Len Mion.

— Não se proponha a tal “programação”, meu irmão. Juntos estamos e continuaremos até onde for possível seguirmos. Agora estamos prisioneiros, mas já conseguimos, até mesmo, daqui nos projetarmos para os que estão nos centros do planeta. Precisamos relatar tudo o que sabemos para eles, pois os nossos irmãos biodemos que lá permanecem, parecem não estar dispostos a fazê-lo. Para eles, talvez, não faça mesmo mais sentido. – ponderou Yel Luzbel.

— Para nós, faz todo o sentido. Na verdade, esse deverá ser o meu único sentido daqui por diante... não pelos mesmos objetivos que sei serem os seus. Mas, compreenda, porque já não me movo pelos mesmos ideais que você. Pouco me importa! Somente a estratégia de dominação e da formação da legião me move a consciência. Sim, meu comandante, doravante conto com a sua compreensão, pois não mais me preocuparei em respeitar o que quer que seja, pois para enfrentar estes seres e a traição de Sophia, somente mantendo o foco do meu ser nesse projeto.

Não se coloque, portanto, entre mim e o meu objetivo, ó meu mestre! Enquanto existir, estarei juntando forças e “agentes rebelados” contra esta “elite” invisível que parece usar Sophia, e ele se deixa usar, ainda que desmorne a sensibilidade do restante dos seres por ele mesmo criados. Não aceito isto! Ou ele me destrói ou o destruirei, pois não espero dele a atitude natural de vir ter conosco... Nunca veio e não virá. Covardia! Traição! Exemplo de perversão de si mesmo! Não posso aceitar que ele tenha feito isto conosco! – pontuou Len Mion.

— Você não pode expressar-se assim... Nós não sabemos as dificuldades... – tentou ponderar Yel Luzbel.

— Sabe quantas vezes, em silêncio, já implorei a Sophia que ele nos ajudasse, desde que me descobri com esta faculdade “de pedir”, que desconhecia existir em mim? Nem mesmo sei mais, de tantas que já o fiz! Jamais dele recebi qualquer “vibração”. Não aceito isto! – falou Len Mion.

Yel Luzbel e os demais seres aprisionados em Shamb-Aha, por mais que procurassem expressar, num primeiro momento, prudência e mesmo um certo padrão de crítica em relação aos ideais de Len Mion, com o tempo, foram deixando-se influenciar pelo teor inevitável da solidão cruel e dos seus desdobramentos, que traziam sempre o teor do desespero indisfarçável do mais nervoso e revoltado de todos os Mion.

Quanto a nós, estávamos levando a nossa vida como podíamos, mas a não compreensão daquele estado de coisas, e o seu vínculo que parecia agora desgraçadamente ligado ao que se passava na Terra, foi seguramente o fator mais

decisivo que nos obrigou, então, a não fazer parte daquele contexto e a não ter que optar por nos alinharmos a esse ou aquele tipo de poder, que disputavam o planeta. Foi assim que, ao tempo da Frota Norte, das nossas superações dos obstáculos daqueles dias, pudemos estranhamente perceber que o inevitável processamento do sucateamento das nossas instalações e naves, havia-nos obrigado a progredir em termos mentais, no campo da percepção crítica e em outras faculdades antes desconhecidas por nós.

De maneira inusitada sentíamos-nos “mais potentes”, “mais capazes” e menos alinhados e dependentes da lógica do nosso tipo de inteligência focado em torno do que os humanos conhecem como as ciências naturais, a saber, especificamente, a matemática, a física e a química, além da geologia e da biologia. O padrão da nossa consciência parecia ser inversamente proporcional ao acentuado processo de sucateamento das nossas “posses siderais”, porque, quanto mais a decadência tecnológica se acentuava, mais emergências inusitadas surgiam no nosso psiquismo, sob a forma de novas faculdades mentais.

Algumas delas eram bem específicas e situavam-se para além do padrão normal que era comum a todos os biodemos exilados na Terra e que estavam usufruindo daquele impulso evolutivo. Outras surpreendiam e mesmo atemorizavam a alguns dentre nós pelo facto de desconhecermos o limite para aquelas sensações, se é que algo existia nesse sentido.

O receio era o de nos tornarmos diferentes uns dos outros num sentido que não compreendíamos, ainda que sempre tenhamos tido capacidades bem distintas, previamente definidas quando da elaboração da “receita genética biodemo” que “engendrou” a cada um de nós.

Na atualidade, observando a destinação de muitos dos nossos que estão mergulhados em outras “formas psíquicas de expressão”, bem diferentes das que nos caracterizavam quando aportámos na Terra, há cerca de 600 mil anos, uma certeza — que a nossa ciência sempre procurou descortinar e que, agora, parece evidente — era que uma única forma de vida estava a existir, só que presente por trás da face de cada novo tipo de ser que emergia da “aventura universal”.

Parece que todos formamos “um só organismo vivo”, ainda que não tenhamos consciência disto. A vida, realmente, parece não respeitar a nenhum dos seus agentes. Por que este fenómeno, que chamamos de “vida”, expressa-se desta forma, é questão que os biodemos jamais puderam responder. E o que os humanos chamam de “Criação Universal” movimentava as suas forças no sentido de gerar espécies mais complexas,

que possam vislumbrar uma possível resposta capaz de produzir alguma solução de “escape” e de “redenção” para todos. Será?

Cidades Voadoras

Por volta de 17 mil e duzentos anos atrás, em um determinado momento, em Alt'Lam Gron, eu encontrava-me de frente para o "Processador *Val*", tentando encontrar alguns traços ou vestígios dos meus irmãos biodemos, cujas "consciências" haviam sido entregues — pelo aparente conceito de "destino", que estávamos acostumando-nos a construir —, ao inevitável curso do que se passava no planeta.

Nessa época, conseguimos localizar o grupo sobrevivente de biodemos que havia se mantido coeso, ao mesmo tempo em que coexistiam com os novos padrões de seres que surgiram nos últimos tempos. De maneira respeitosa, seres assexuados, como era o caso dos biodemos, estavam agora a conviver pacífica e produtivamente com três espécies de seres sexuados, ainda que os seus corpos fossem uma mistura dos fatores genéticos demo, demol e da "pureza biológica" que os cientistas da época conseguiram retirar das estirpes animalizadas, para combinar com o código dos que ainda possuíam "traços demos".

Esses núcleos estavam divididos em nove centros, situados em terras e ilhas do norte extremo planetário. O início da interação dos biodemos com os centros do norte teve origem em um trabalho conjunto dos **658 seres que não se submeteram à "Experiência Gron"**, e que resolveram, num primeiro momento, **reconstruir uma versão de Benem**, ainda mais ao norte, **quando se encontraram com aqueles povos que ali já existiam**. Resolveram, então, após longo tempo de convivência, unir forças para a sobrevivência conjunta.

Aquele havia sido um dos raros encontros entre diferentes espécies de seres que não redundou em conflito e que produziu cerca de cinco milênios de progresso para os habitantes do norte. Sinceramente, não sei até que ponto o ser humano moderno tem sensibilidade para valorizar a convivência com situações nunca antes experimentadas por ele, pois que, por serem inusitadas, não permitem que as vivências passadas sejam a elas aplicadas. Este aspeto provoca a emergência de novas posturas psíquicas e daí vem o possível progresso dos que a vivenciam.

Parece que todos os seres vivos desta aventura partem da premissa comportamental alicerçada sempre numa antecipação mental que prefere lidar com

as situações já vividas e que não tolera lidar com o desconhecido. A “zona de conforto”, aqui, parece não fazer bem ao progresso dos “algoritmos e das convenções mentais” das espécies pensantes... Neste ponto da presente reflexão, cabe-nos novamente ressaltar que, ao longo de milhões de anos, jamais tínhamos vivido situações de “desconforto”, dada a lógica que, para a mente e o modo de vida biodemo, sempre prevaleceu.

O “problema” de Yel Luzbel teve o condão de acabar com a aparente calma das nossas vidas, levando-nos a aventuras que provocaram conflitos jamais imaginados entre os “rebeldes” alojados em Antares e em outros mundos, conflitos esses que duraram desde 680 mil até 470 mil anos atrás, **quando a sensação — usando a expressão com a qual os humanos costumam classificá-la — de “antipatia”, de todos os que viveram aqueles tempos, para com as famílias Aya e Aye, passou a prevalecer entre os “rebelados”.**

Apenas lembrando, nós, os *Val*, não participámos das conflituosas questões em Antares e em outros mundos, pois viemos diretamente para a Terra, já que, basicamente, “fomos expurgados” do “núcleo rebelde” inicial, sendo esta a maior aventura que nos forçou e nos obriga, até estes tempos atuais, a conviver com o inusitado, neste planeta.

Ainda que nós estejamos em Alt’Lam Gron, numa espécie de nova “zona de conforto”, como até hoje nos encontramos, os nossos irmãos que permaneceram no planeta continuaram a conviver com os desafios incessantes do mundo terrestre.

Foram forçados a **romper padrões genéticos, limites comportamentais e mesmo no campo da compreensão mental**, que abalaram de vez as referências padrão do que sempre considerámos a “natureza mental biodemo”, **surgindo, a partir da combinação genética daqueles 658 seres biodemos com os demais ali existentes, uma nova formatação que está em curso até aos tempos atuais.** O detalhe é que as **novas sequências genéticas, então surgidas**, agora estão a ser **operadas no âmbito do DNA humano**, pois foi este um dos ramos genéticos que prevaleceu, sendo posteriormente absorvido pelos que, mais tarde, “herdaram” a Terra.

Para superar a série de intermináveis desafios climáticos, psíquicos e políticos, foram sendo construídas as cidades que mais tarde viriam a compor o lendário “continente hiperbóreo”, com todos os seus mistérios ainda por serem descortinados para a atual geração de humanos. Uma nova etapa na vida de 45 *Val*, 476 *Yel*, 2 *Mion*, 5 *Shanlung* e 130 *Cromon* havia começado, sem qualquer apoio de “retaguarda” —

aspecto que os seus psiquismos estavam habituados e sempre tiveram, devido ao suporte recebido de “Espheeron”, como já ressaltado.

Foram obrigados a começar do nada e, exatamente para evitar disputas com os clãs dos Nephilim e das bases dos “seres do portais”, escolheram aquela região extrema, ao norte, o que os permitiu levar uma vida relativamente pacífica durante um bom tempo, unindo-se, por fim, aos povos ali existentes.

Pudemos, então, perceber que o fim da vida biodemo se aproximava célere para muitos dos 658 “rebelados originais”, como eram então considerados. A nossa “tecnologia de acompanhamento” apontava para uma decadência no âmbito celular e em especial em dois dos órgãos principais de sustentação dos corpos biodemos.

Como aqueles povos haviam herdado algum padrão do “poder mental demo”, os nossos irmãos resolveram nada relatar sobre Shamb-Aha, como também sobre a nossa posição em Alt’Lam Gron, com receio de problemas futuros. Ainda assim, com o tempo, pelas notícias capturadas junto aos seres clonados e muitos deles já associados à genética dos “seres dos portais”, os habitantes do norte extremo foram levados a colecionar informações sobre a origem não terrena dos seres chamados de “rebeldes do céu”, e algumas lendas sobre os “guerreiros siderais” surgiram ainda mesmo naqueles tempos.

Até hoje não conseguimos avaliar se aquela postura acordada por eles foi a mais adequada à situação que todos vivíamos, mas assim mesmo foi procedido, e não sabemos imaginar como as etapas históricas seguintes teriam se dado caso nós, os de Alt’Lam Gron, tivéssemos interagido com aqueles povos também. Aos poucos, a origem da história dos *Val*, os primeiros a aportarem na Terra, e dos demais que vieram com Yel Luzbel e o quartel-general da “rebelião”, foi-se tornando lendária para aquelas gerações.

Enquanto a linhagem dos biodemos era desfigurada, cada vez mais, pela passagem do tempo e das circunstâncias, de Alt’Lam Gron podíamos observar, nas demais áreas do planeta, a continuidade do inevitável processo de decadência tecnológica e mesmo o sucateamento dos focos de sustentação dos biodemos clonados e demais espécies que viviam na superfície planetária. Naquela altura, era possível perceber o perigoso estacionamento de todas as “bases atlantes” operativas — há cerca de 17 mil anos — na vivência de um modesto e limitado padrão de usufruto tecnológico, o que prenunciava um fim próximo para a história da qual havíamos sido agentes.

Das dezenas de bases onde existia ainda algum tipo ou herança direta do nosso padrão, poucas permaneciam agora ativas, na sua expectativa de poderio sobre partes do planeta, sozinhas ou em aliança com alguns núcleos descendentes dos mais poderosos “seres dos portais”.

Desses, algumas descendências diretas de um dos poderosos “entes dos portais” (**NAT - na mitologia grega, esse ente passaria a ser conhecido como Poseidon**), que reinava sobre muitos focos do “império” espalhado em ilhas existentes naquele tempo, eram os “parceiros” dos biodemos clonados e demais seres híbridos de uma série de misturas genéticas feitas então.

Visto sob a perspectiva dos humanos que atualmente vivem na Terra, todos aqueles centros existentes em ilhas, como também em cidades situadas nos continentes, podem ser entendidos como partes de uma “cultura atlante”, que perdurou por um longo período. No entanto, quando observados de perto, percebia-se **quão diferentes eram em estilo, origem genética, educação, nível de tecnologia e, acima de tudo, em propósitos**. Para os seres dessa época, o que passou a ser atualmente conhecido nas tradições do passado como sendo a “rebelião de Yel Luzbel”, sequer era mais razoavelmente lembrado, não sendo por eles creditado a esse panorama do passado cósmico a mínima importância em relação ao acontecido, até porque o que, então, tinha lugar entre eles, na sua cultura, importava muito mais do que aquela história antiga, cujas principais páginas sequer haviam ocorrido na Terra.

Naqueles tempos, ainda havia o resquício de um hábito passado de “gerar seres conforme a medida das necessidades operacionais”, e é importante não perdermos de vista que, cada uma das milhares de famílias de seres biodemos foi criada exatamente para cumprir “lacunas operacionais” no modo de vida universal semeado à moda de Sophia. **Do “jeito de ser de Sophia” derivou um grande tronco, com ramificações que foram “desdobrando-se” e “evoluindo” por mais de cinco bilhões de anos, até que os seres biodemos começaram a ter lugar neste universo, ao longo do seu último bilhão de anos.**

NAT - Não coube, porém, a Sophia e às suas hostes responderem pela maior explosão de vida por aqui ocorrida, pois hoje sabemos que os seres biodemol e puramente demol, estes sim, respondem por uma maioria bem mais ampla e complexa de ramificações descendentes do que a que ocorreu a partir de Sophia. O ser responsável por esse desdobramento muito mais rico foi Shiva, por meio das suas representações avatáricas.

Por sobre os “centros atlantes” existiam mistérios que nem mesmos nós, a partir da nossa posição algo privilegiada de observação, pudemos, a princípio, atinar com o

que estava a ocorrer. Alguns desses, eram referentes aos “artefatos” utilizados por alguns daqueles núcleos de poder.

No tempo da chegada das “mastlans” — há aproximadamente 97 mil anos —, logo que elas aqui aportaram com o “quartel-general da rebelião”, chegámos mesmo a observar naves muito maiores que as próprias “mastlans”, mas que, na época, pensámos estarem a observar aquela chegada repentina de naves de altíssima complexidade.

Mais tarde, vimos algumas daquelas “cidades voadoras” — assim chamadas porque não existia nenhum centro urbano, na superfície, que se aproximasse daquele tamanho — a confrontarem-se na alta atmosfera do planeta, mas cujos motivos e resultado optámos, por bem, não aferir, com receio de provocar mais problemas.

Muito milénios depois, e após decorridos tantos períodos de catástrofes e de decadência, no marco temporal da nossa presente narrativa — cerca de 17 mil anos atrás — voltámos a observar, **não as mesmas “cidades voadoras” de outrora**, mas outras, de porte bem menor, mas, ainda assim, bem maiores do que qualquer coisa construída no planeta.

Estas, porém, não detinham o mesmo poder de sofisticação das anteriores, e

pareciam mesmo possuir traços da cultura dos **“seres dos portais”**, agora associados aos **“seres do conglomerado de realidades”**. Quatro “cidades voadoras” passavam sistematicamente pelos céus do mundo terreno, cada uma delas ostentando padrões de engenharia construtiva que dificilmente se veria em artefatos voadores. Mas, ali estavam elas voando e, quando em altitude mais baixa e dependendo do grau de inclinação, podia-se mesmo perceber alguns seres situados sobre a base inferior daquelas “superfícies voadoras”, que não apresentavam grande rebuscamento no modo como foram delineadas.

Aquelas “cidades voadoras” confundiram a tal ponto o nosso entendimento que, naquela altura, simplesmente não conseguíamos ter a mais remota ideia de onde as mesmas poderiam ter sido produzidas ou qual a sua origem.

A sua aerodinâmica simplesmente era algo que jamais passaria por um cérebro biodemo, porque, simplesmente, para o nosso entendimento, “aquilo” não poderia manter-se em qualquer tipo de atmosfera com qualquer padrão de gravidade, por discreto que fosse. Contudo, apesar de ferir a lógica, depois soubemos que, enquanto no nosso caso, havia um vínculo entre as mentes dos pilotos e o “centro de comando” das nossas naves, no caso daquelas superfícies voadoras, existia um outro “processo

mental” em curso, que dispensava mesmo o que aqui me refiro como “central de comando”.

Muito mais tarde, viemos a desconfiar que as mesmas seriam produtos típicos dos “seres dos portais”, que construía aqueles tipos de artefato, comuns à sua cultura, e os transportavam para atuar no mundo terreno, adaptados que foram às circunstâncias atmosféricas locais. O que não sabíamos, então, era que o “conglomerado de realidades” trouxera novidades ainda mais estranhas naquele mister.

Durante algumas centenas de anos as observámos, até que nos apropriámos da análise dos *Val* que viviam no norte extremo, que apontava para a mais estranha notícia que podíamos colecionar àquela altura: as “cidades ou bases voadoras” que avistámos por tanto tempo, como também aquelas que agora víamos, haviam sido produzidas no âmbito das “moradas” dos “seres dos portais” e, mais recentemente, nas do “conglomerado”, as quais não nos era possível observar.

Aqueles seres, que possuíam uma origem genética diferente da nossa, estavam agora a viver mais uma disputa pelo poder, o que não nos era dado compreender. As suas “cidades voadoras”, operando sobre a Terra, representavam o início de um posicionamento para um conflito mais geral, cuja ordem de intensidade desconhecíamos.

Para nossa surpresa, aos poucos fomos percebendo que uma guerra entre um “ser poderosíssimo” — que usurpara o poder de todos os demais — contra as gerações de seres ancestrais estava a ponto de eclodir, ainda que essa questão nada tivesse a ver com a outra que envolvia o que imaginávamos serem as preliminares que prenunciavam a eclosão de um conflito mais amplo entre as forças por trás daquelas “cidades voadoras”.

A sobreposição de problemas e de disputas entre aqueles seres era surpreendente, assumindo sempre aspetos superlativos da vida universal, pois o que jamais havíamos escutado em toda a nossa história de biodemo, viajando pela galáxia afora, desde que nos instalámos na Terra, estava virando fator comum em todos os conflitos entre os “imperadores demos” do momento: **o controle da Criação e o perigo do fim da vida nos seus quadrantes.**

As coisas entre os seres que se autoaclamavam “deuses” e o primeiro dentre eles que, em vez de se autoelevar, foi aclamado pelos seus próprios pares como tal, que foi o caso de Zeus — que viria a ser posteriormente descrito na mitologia grega (o mesmo que Indra, na mitologia hindu) —, jamais pareciam simples, sendo motivo de conflitos

mentais (e de outras ordens) intermináveis a aparente complicação e a disputa em torno de tudo o que era detalhe no campo da existência, que eles podiam perceber.

Pelo que, naquela ocasião, pudemos contar, eram cinco seres que, naquele exato momento, disputavam o poder presumivelmente em torno de muitos assuntos, mas que, para nós, jamais ficavam claros, no tempo em que ocorriam. Eram padrões da cultura que lhes era própria (**NAT – o que, particularmente, tenho chamado de “cultura demo”, “cultura demodhármica” ou, ainda, “cultura trimurtiana”**).

Para o nosso modo de ver e de entender os eventos, aquele jogo perigoso praticado por seres que, de onde se encontravam (das suas “moradas”, fossem estas concernentes aos “portais” ou ao “conglomerado de realidades”) procuravam demonstrar os seus poderes desenvolvendo um tipo de “linguagem” preparatória de conflitos, a qual, para nós, não fazia qualquer sentido, passou a fazer parte do cotidiano dos que viviam no planeta, numa espécie de “guerra de nervos” extrema.

Tanto fizeram que, mesmo antes deles próprios entenderem os possíveis desdobramentos dos próprios passos e decisões, por fim, eclodiu entre eles um novo tipo de conflito, que não havíamos ainda observado. Por cerca de dois anos terrestres, aqueles artefatos e outros mais que apareceram, inundaram o planeta com sons, raios, luzes, projéteis mentais e tecnológicos, isso, numa primeira fase do conflito. Na outra, aquelas forças procuraram manipular os agrupamentos humanos do planeta, de forma que se alinhassem com seus objetivos.

Apesar de não se terem envolvido com a “querela” planetária, os povos do extremo norte viram-se profundamente agredidos pela poluição resultante do conflito, a qual, associada a uma série de explosões vulcânicas ali situadas, praticamente obrigou aqueles povos a deslocarem-se para o subsolo do planeta por um longo tempo.

O esforço de sobrevivência foi demais para os 658 seres biodemos residentes daquelas paragens que, aos poucos, foram se percebendo doentes além da conta. Por essa mesma época, aparentemente sem ter relação direta com os conflitos advindos da disputa aérea entre aquelas “cidades voadoras”, surgiu um outro tipo de conflito na parte oriental do mundo, envolvendo diversas espécies sobre as quais jamais soubemos quaisquer informações. Estas encontravam-se alinhadas em torno de um protagonista chamado **Rama**, um dos seres surgidos do “conglomerado de realidades”, que confrontava um outro, tratado como **Ravana**, originalmente um dos “seres dos portais”, mas que reunira poderes de tal sorte que o motivou a **invadir o**

“**conglomerado**”, provocando desdobramentos que não tínhamos elementos para avaliar.

Mesmo quando o conflito entre as “cidades voadoras” pareceu ter um fim com a destruição de um dos quatro grandes artefactos, que originalmente deram início à conflagração, **o problema entre Rama e Ravana e os seus desdobramentos ainda dominaram o panorama do planeta por um longo tempo.**

Cada vez entendíamos menos a cena terrestre. Com o tempo, passámos a sentir uma sensação que hoje classificaríamos como “sofrimento”, ao perceber o modo como os nossos irmãos “originais” sucumbiam frente aos problemas da Terra. Quanto mais observávamos os eventos planetários, mais nos pacificávamos na difícil e dolorosa certeza de que a “opção Gron” foi e era a única alternativa lógica perante os factos.

Nas nossas avaliações episódicas, sempre retornávamos ao ponto de que, uma das razões que nos levaram à “opção Gron” foi a de preservar o que restava da nossa tecnologia, ainda que, paradoxalmente, como dissemos, quanto mais ela definhava, apesar dos nossos esforços, mais nos obrigávamos a superar os limites do nosso psiquismo, o que trazia padrões de eclosão psíquica, que nos surpreendia a todos.

Afinal, para nosso desconcerto, assim eram as coisas na Terra, que faziam com que **o progresso mental dos que se isolavam** daquela confusa situação planetária, ainda que se **mantivesse preservado** — como se **poupado da decadência avassaladora e das doenças**, numa espécie de “zona de conforto” que, se bem observada, não era tão cômoda assim —, **enfrentava efeitos colaterais que impediam ou dificultavam a evolução do psiquismo.**

Por outras palavras, hoje, podemos saber que a inteligência dos biodemos sempre progrediu, mas nem sempre a nossa nascente consciência evoluía, permanecendo estacionada por longos períodos, aspeto que continuou a acontecer com as mesmas cores até que a “consciência crítica, porém equilibrada” de alguns seres humanos, contemporâneos a estas revelações, promoveram um avanço significativo no nosso modo de ser e de pensar.

Estranho e enigmático, porém, é que esse “progresso da consciência pessoal” passou a processar-se muito lentamente no resto das famílias biodemos que jamais se envolveram com o “problema de Yel Luzbel”. Quando observámos o quanto evoluímos e o padrão desses irmãos, essa comparação, quando analisada à luz dos avanços conquistados pelos que se encontram fora da “zona protegida” dos não envolvidos, destrói o sentido que costumávamos dar ao “tempo cósmico” que, por si só, nada produz.

A força das transformações que ocorreram em nós jamais veio do “passar do tempo cósmico”, mas sim, dos desafios que nos vimos obrigados a enfrentar e do desconforto existencial que os mesmos provocaram, e ainda provocam. Para nós, esse aspecto é de difícil entendimento!

Paralelamente à nossa lenta decadência em Alt’Lam Gron, o progresso fazia-se presente em um nível de consecução jamais visto no planeta, e este tinha lugar exatamente na descendência híbrida dos “seres dos portais” que, diferentes das suas elites, que se afirmavam “imortais”, aquelas gerações mestiçadas com o “fator humano” eram mortais, o que tão somente parecia aumentar a busca pela construção de armas capazes de matanças indizíveis.

Assim, das três principais “forças vinculadas às possessões” na Terra, a saber, (1) as descendências “biodemo” e “biodemo híbrida” (que jamais foi sexuada em padrões produtivos), (2) os dois segmentos dos clãs dos Nephilim (também estacionados tecnologicamente, apesar de bem armados) e (3) a linhagem multifacetada de “espécies demos” e de “povos demo-animalizados”, vinculados às principais forças dos “seres dos portais”, **somente esta última passou a deter o poder de promover progresso substancial em algumas regiões da Terra, por muitos milênios, mais especificamente no período situado entre 17 e 14 mil anos atrás.**

Aumentando o enigmático grau de estranheza dos eventos envolvendo a Terra, que estavam em curso, vez por outra percebíamos tecnologias novas e surpreendentes que a toda hora apareciam no planeta, o que apontava, muitas vezes, para “origens civilizatórias” inusitadas que, mesmo no meio daquela confusa situação, vinham à Terra por algum motivo.

Nesta altura, devo deixar o registo de que existiam **alguns núcleos humanos que conviviam mais de perto e abertamente** com parte das **forças vindas de fora**. Cidades majestosas foram então edificadas e **diversos “reis” não humanos passaram a existir nesse período**, para nossa estranheza. **Humanos apareciam com marcas** — tipo tatuagens — nos seus corpos, não que estas tivessem sido pintadas, mas simplesmente já “nasciam” com as mesmas prontas, ou, pelo menos, era isso que percebíamos. Esses eram **os casos em que alguns segmentos humanos foram sendo claramente “marcados” para atender a propósitos de domínio** que jamais puderam ser por nós esclarecidos.

Não é que consideremos que os atuais humanos surgiram na Terra, muito pelo contrário, pois é do nosso conhecimento que muitos protótipos humanos foram

trazidos de outros “laboratórios”, alguns dos quais há muito conhecidos pela cultura biodemo.

Dos **núcleos humanos que conhecíamos, um deles**, situado onde atualmente seria considerado como sendo a **Turquia e adjacências**, tinha um **encadeamento cultural que claramente era tutelado pelos “seres do conglomerado”**. Outros haviam que eram “manipulados” por núcleos distintos de seres não terrestres.

O núcleo humano localizado nas terras próximas ao Mar Negro, tinha na figura de um humano chamado **Enos, filho de Set**, o seguidor de uma **linhagem que era dita ser hospedeira do código genético preferido do “Ser”** que se apresentava como o **maior dentre todos e Criador do universo**. Contudo, **aquela não era a única “linhagem preferencial” de humanos**, assim determinada pelas forças que disputavam o poder em torno de diversas questões e situações distintas.

Outros núcleos humanos encontravam-se vinculados — para o progresso ou a desgraça dos seus membros — com “deuses protetores”, sendo as suas respectivas cidades centros de culto dos mesmos. De todos os centros ou cidadelas que então existiam na Terra, os núcleos que **jamais assumiram posturas nesse sentido (de adoração e/ou de subserviência) foram os do norte hiperbóreo**. As suas cidades eram visitadas por “seres dos portais”, por “agentes do conglomerado”, por membros desse ou daquele clã extraterrestre, estabelecido na Terra, e obtinham de todos eles um padrão de respeito pelo modo como viviam longe das disputas e das desavenças então comuns.

Em contrapartida, a safra mais complicada de seres biodemos, como já referido anteriormente — que foi a gerada a partir da clonagem dos “originais”, chegados nas “mastlans” —, serviram, ao longo desse tempo, como a “massa de manobra” preferida de “muitos deuses”, inclusive Len Mion que, mais tarde, ainda que por pouco tempo, veio a ser tido como tal.

Relembrando e, ao mesmo tempo, observando a natureza terrestre nos seus padrões atuais, percebe-se que os porcos, muitas vezes, agem como se fossem “tigelas” para misturas genéticas, notadamente depois que se alimentam dos excrementos das aves.

No passado, um certo ramo dos biodemos clonados nas primeiras horas, veio a servir de “modelo” — espécie de “tigela genética” — para as clonagens desesperadas e sucessivas que ocorreram a partir da que os caracterizou como “marco zero” de um novo processo de clonagem. A questão foi que a mesma, sem que disso então se

soubesse, encontrava-se absurdamente infetada por um sem-número de problemas viróticos/genéticos, registados no seu problemático genoma.

Nasceram subespécies mais complicadas, ainda, a partir da sua descendência que, nessa altura, estavam miscigenadas e distribuídas pelas muitas bases construídas em associação com os descendentes de Poseidon, um dos “senhores” dos que aqui estamos a chamar de “seres dos portais”. No bojo dos problemas daqueles dias, uma pandemia singular passou a ceifar a vida de muitas espécies, inclusive algumas que viviam no norte distante.

Foi desse modo que o final do ciclo das experiências na natureza biodemo foi ocorrendo para muitos dos nossos 658 irmãos “não Gron” que permaneceram no planeta. Num certo sentido, estava a terminar, ali, sob o peso daquelas circunstâncias, uma história de mais de 200 milhões de anos, sem que disso o planeta se desse conta. Afinal, eram diversas ordens de problemas e tanta coisa dramática em curso que, um pouco mais de aflição ou de tortura psíquica, dificilmente poderia ser notada pelas demais forças que também sofriam as suas dores, por fazerem de parte de uma existência que, cada vez mais, se afigurava como incompreensível para os que tinham alguma racionalidade. Contudo, para os que já estavam a construir algum padrão de consciência, suficiente para perceber as suas leis estranhas que, naturalmente, tanto cobravam dos agentes da vida, mas que, inexplicavelmente, eram implacáveis para com os mesmos, o processo da vida na Terra assumia-se como sendo um tormento incessante.

Desaparecem os Biodemos Originais

O surto de naves e de artefatos voadores somente aumentava com o tempo, como se predispondo a situação planetária para mais e mais conflitos. Pedindo desculpas pelo repetitivo ressalte em torno da questão, mas devo deixar absolutamente claro que, ao longo dos nossos cerca de 230 milhões de anos de existência da família *Val*, como também nos 900 milhões de anos das espécies biodemos mais antigas, jamais foi registada uma situação planetária como a que observávamos na Terra.

Era comum, sim, o nosso conhecimento sobre diversos mundos, que contavam com visitas e mesmo com a presença estabelecida de outras civilizações, pertencentes ao nosso universo. Somente esse aspeto já abraçava um contexto bastante diverso nas suas especificidades biotecno, demotecno, biodemo, biodemol e o padrão puramente animalizado, onde a biologia reina.

O que **jamais havia sido observado era a “invasão” surgida de outros “padrões de realidade”**, as quais desconhecíamos. Os **“seres dos portais”** e os do **“conglomerado de realidades”** eram novidade não somente para nós, os biodemos, mas também para todo o restante do contexto do universo que conhecemos. Talvez não o fosse para Sophia e as suas hostes, mas isso até hoje não sabemos ao certo, apenas desconfiamos.

O mais desconcertante é que, na atualidade, esses seres — de ambos os grupos — que por tanto tempo procuraram dominar o conjunto dos dois universos (**NAT - que parecem compor uma mesma Criação**) tornaram a ser “ausentes” em relação ao universo no qual vivemos. Deles, parecem ter ficado tão somente equipas singulares que talvez ajam aqui obedecendo a alguma ordem de interesse de lá. Mas,

não estamos certos quanto a isso, pois é matéria que somente saberemos com os desdobramentos dos acontecimentos.

As faces curiosas desta questão envolvem tantos aparentes mistérios que deixámos para a consciência humana decifrar os enigmas e os traços ocultos de um desenho cuja figura total não nos é dado contemplar. Essas revelações que estamos a fazer junto aos humanos fazem parte da nossa tentativa em motivar e de algum modo contribuir com o que, vislumbramos, seja a futura destinação desta humanidade.

Voltando à herança dos biodemos na Terra, no meio de toda aquela sociedade multifacetada dos seres biodemos, alicerçada, agora, nas suas duas gerações, a saber, a dos “originais” e a dos “clonados” produzidos no planeta, as equipas que se dedicavam ao estudo da necessária preservação corporal de todos sempre lidaram com a perspectiva inevitável da piora da condição genética geral. Isso porque, se existem mutações que promovem a evolução, também ocorrem aquelas que podem gerar doenças de muitas ordens, como o câncer, que se expressa de incontáveis maneiras.

Ainda que não atinásemos com as causas, foi doloroso perceber a sucumbência lenta e progressiva que foi liquidando com os biodemos do norte. Em menos de meio século, todos os 658 irmãos nossos que se encontravam na vida da superfície, alternada com épocas subterrâneas, devido às condições pesadas e algo envenenadas das circunstâncias climáticas, foram extinguindo-se, um por um, até que a nossa história, em termos do que se sucedeu na Terra, estava confinada, então, aos de Shamb-Aha e a nós, os habitantes de Alt'Lam Gron.

Durante alguns anos, o “Processador *Val*” não demonstrou estar a conseguir localizar os que haviam perdido a condição biodemo naquela “última leva”. Permanecemos apreensivos porque não tínhamos contato com Yel Luzbel e os de Shamb-Aha, o que representava, agora, o único e último traço de contemporaneidade em termos das nossas origens. Isso levou-nos a viver uma época de um certo desequilíbrio na “Experiência Gron”, período que nos levou a voltar o foco da nossa atenção e busca para as famílias de biodemos que não haviam se envolvido com os problemas da “rebelião”.

Muito tempo dedicámos àquela busca, que se mostrou infrutífera, e dela terminámos por desistir porque um outro fator passou a atrair a nossa curiosidade. Por esses tempos, uma “**bolha cintilante**” de energia condensada, que **mostrava seres agrupados em torno de uma “figura central”**, começou a aparecer em muitos lugares dos céus do planeta.

Um “Ser” sentado numa espécie de “trono”, rodeado por outros entes, todos eles impressionantes nas suas formas esplendorosas, que denotavam poder, passou a ser o “novo assunto” a povoar o psiquismo preocupado de todas as espécies pensantes, sediadas na Terra. Começou-se a perceber uma nova força atuando que, somente depois, viemos a compreender tratar-se do Criador (**Javé/Brahma**), que se apresentava em seu “trono”, cercado pelos seus “anjos-clones”, numa **coreografia política** que procurava impressionar todas as vertentes, mas, principalmente, os terráqueos.

A sua **insistência em se “apresentar” para os núcleos humanos**, então existentes, era de tal modo indisfarçável que acabaram por ser hostilizados pelas **forças dos “seres dos portais”**, que utilizaram um tipo de arma há muito conhecida por eles, que explodia no ar e havia sido adaptada para “desmanchar” a harmonia dos padrões daquele tipo de holografia, o que veio mesmo a impedir a continuidade do processo.

Ficava patente que estava a ocorrer alguma das disputas incompreensíveis — para os biodemos — entre as forças dos **“seres dos portais”** e as hostes do **“conglomerado de realidades”**. Durante um tempo, que também durou pouco, outras **“propagandas holográficas”** começaram a surgir nos céus do planeta, disputando o prestígio da atenção dos humanos no campo da veneração.

Para o modo biodemo de pensar, a principal questão era a do por quê de, os seres tidos como “entes Criadores”, do “conglomerado”, usarem sempre o instrumento da projeção, sem jamais se apresentarem objetivamente, como comumente faziam os **“seres dos portais”**.

Para minha surpresa, — já que desde a opção de Val El e de alguns outros “mais próximos” ao “Processador *Val*”, por permanecerem ativos no planeta, fui naturalmente conduzido à situação de substituto na lide com o mesmo, quando da sua transferência para a “Espheron”, com a implantação da “Experiência Gron” — passou a existir no “Processador *Val*” um padrão de interferência vindo de fora do contexto mental dos *Val*, que vez por outra mostrava um “rosto” que me era desconhecido, até porque os seus padrões jamais conseguiram ficar claros para mim.

Com a repetição daquele processo inteligível para o meu modo de pensar, com o tempo fui percebendo que “aquele rosto” aparentemente parecia estar à procura da consciência do antigo “condutor” do “Processador *Val*”. Depois de muito tempo, percebi tratar-se de um “Ente” que provavelmente deveria ser **um dos três “Senhores da Tríade”**, que disputava o comando de tudo o que existia e que parecia

ter construído algum padrão de vibração particularizada com Val El, pelo facto do mesmo ter permanecido na função de “condutor do Processador *Val*” ao longo das últimas centenas de milhares de anos terrestres, desde que aportámos na Terra.

Parecia-me que aquele “Ser”, sem que Val El tivesse percebido, estivera com o foco da sua mente a acompanhar os esforços de codificação e de decifração que Val El e outros desenvolveram na tentativa de compreender o que estava a passar-se. De algum modo, ele parecia ter fixado a sua mente e escolhido a de Val El como sendo um tipo de padrão para ser aferido pela sua curiosidade ou por algum outro painel do seu psiquismo.

Na época não sabíamos, mas, aos poucos, a nova equipa, que agora conduzia mentalmente o “Processador *Val*”, da qual faço parte até ao presente momento, foi e continuava a ser observada pelo mesmo “Ser”. O estranho era que a sua atitude mental era mesmo claramente irritadiça para com a ausência do padrão pessoal que ele procurava.

NAT – Atualmente, na altura do ano de 2017, época em que corrijo e atualizo o presente livro, penso saber que:

(1) Os “Processadores biodemos” foram produto de uma engenharia quântica que procurava mediar a produção das mutações da parte dos membros daquela linhagem com a mente do Criador e a sua “forma hospedeira do momento”.

(2) Foram produzidos pela engenharia de Sophia e dos seres das famílias *Aya* e *Aye*, como forma de elevar o padrão vibratório de Brahma/Javé do estado anterior em que se encontrava (puro demo) para um mais avançado, em termos de fixação de personalidade e de forma (demo acrescido do fator bio), o que o levou a ir assumindo, aos poucos, um modelo de expressão biodemo.

(3) O género biodemo foi produzido exatamente para intermediar esse processo, ou seja, o Criador havia quase implodido a sua condição pessoal puramente demo, num processo que teve início há cerca de oito milhões de anos, e que chegou no seu ponto máximo de declínio uns três milhões e meio de anos mais tarde. Devido à sua inatividade temporária, que o manteve mais ainda prisioneiro da sua morada, paralela a este universo, Sophia, que se encontrava atuando no “lado de cá”, na prática, assumiu o “comando dos eventos” pois era e é o “*avatar*” ou forma “*Adhyajna*” de Vishnu mais “preparada” para a “suserania celestial”.

(4) Com a eclosão da “rebelião de Yel Luzbel”, ainda convalescente e “largando a sua condição doentia puramente demo”, Brahma/Javé pôs o foco da sua atenção nos factos inerentes ao problema, e foi nesse ponto que os

“Processadores das famílias biodemos”, envolvidas na questão, atraíram por demais a sua curiosidade.

(5) Os desdobramentos dos factos fizeram com que tivesse lugar a quebra dos demais “Processadores das famílias em conflito”, o que fez com que o Criador ficasse “meio que refém” do “Processador *Val*”. Ali, ele focou toda a sua curiosidade. Como Val El era o que mais interagiu com o mesmo, do outro lado da história, o Criador recém-desperto do “coma” e agora novamente “entronizado” pelos seus anjos, começou a tomá-lo como padrão temporário da sua então “biodemização”.

(6) Milhões de anos depois, após o surgimento da natureza humana, o Criador encontra-se agora em processo de “humanização”, absorvendo as contribuições e os problemas advindos do circuito do psiquismo animalizado dos terráqueos.

Esta história não acaba aqui, pois outras tantas gerações de espécies transumanas e de outros naipes ainda surgirão para dar guarida ao DNA do Criador, que precisa vivenciar o “jogo de dados genéticos” que ele mesmo começou, ainda que indevidamente.

Enquanto isso, entre os povos hiperbóreos, passou a acontecer um tipo de interação entre alguns de seus membros e uma equipa de estranhos “**seres alados**”, pelo menos na sua aparência, **que procuravam por “rebeldes”, agora misturados àqueles povos.**

Ainda que entre os “**seres dos portais**” houvesse um pouco de tudo ou, se visto de outra maneira, muito de muita coisa em termos de formas existenciais, aqueles “seres alados” eram bem diferentes dos que nos acostumámos a ver entre os “**seres dos portais**” e os que observávamos na natureza terrestre.

Estes, pareciam pertencer às forças operacionais do “**conglomerado de realidades**”, e atuavam neste universo com tipos de nave e de adornos corporais bem específicos, o que não era comum nos “**seres dos portais**”. Mesmos nós, antes do exílio para a Terra, não havíamos jamais percebido aquele tipo de padrão que agora se expressava como sendo “**anjos do Senhor do conglomerado**”.

O que estava então em curso entre aqueles seres e os hiperbóreos, representou mais um dos pouquíssimos casos em que a interação entre espécies cósmicas diferentes não redundava em algum tipo de conflito. Os seres, que claramente investigavam algo, deixavam muito claro que tão somente procuravam descobrir alguns dos “rebeldes” que ali habitavam, não para fazer nada com os mesmos, mas tão

somente **“monitorá-los à distância”, pelo modo inventivo como as suas mentes haviam-se adaptado às circunstâncias.**

De modo singular, aqueles “seres alados” pareciam possuir padrão de tecnologia extremamente complexo, mas apresentavam uma “inocência comportamental” que facilmente aceitava as respostas que apareciam sem apresentarem qualquer resistência ou desconfiança em relação às mesmas. Com o tempo ficou claro que eles procuravam os membros do que, entre nós, ficou conhecido como o grupo aqui já referido, chamado de “estudiosos da epistemologia”, dentre os quais me incluía. Contudo, continuei a existir na “cidade de Espheron”, ou “Alt’Lam Gron, enquanto alguns dos demais membros daquele grupo estavam agora a ser vigiados pelos **observadores do “Senhor do Conglomerado”.**

Vivendo entre os hiperbóreos, Val El, Val Eon, Val Eam, Val Pen, Val Enon e Val Lem, dentre outros, passaram a ser “localizados”, tendo tido alguns deles a consciência do que estava a passar-se, ainda que apresentassem muita dificuldade em entender o porquê daqueles eventos. Apenas recordando, após muita avaliação sobre o conteúdo do conhecimento acumulado dos *Val*, eles **conseguiram romper o “lacre de segurança” que nos “confortava o psiquismo”, fazendo-nos aceitar as nossas verdades sem maiores condições de repensá-las ou mesmo redimensioná-las, se fosse o caso.**

Esses seres, além de outros dentre nós, quando deixaram, por fim, a sua condição biodemo e mergulharam — a maioria — na natureza humana, na tentativa de descobrir como sabemos o que “julgávamos ter como sabido”, terminaram por **produzir uma “contribuição algorítmica revolucionária”** que, na cultura dos humanos despertos para a racionalidade, muito mais tarde viria a ser um **“tipo de filosofia” que se propunha a “descobrir a verdade”,** aspeto que não vingou por muito tempo, tendo aquela se desviado do seu propósito inicial, muito tempo antes dos gregos adornarem-na comos preceitos hoje conhecidos.

Naquele tempo, porém, nada disso era sequer vislumbrado por nenhuma das partes envolvidas, direta ou indiretamente na questão, e o sentido daqueles eventos pareceu mesmo para os “rebeldes hiperbóreos”, que aquilo deveria ser “coisa de Sophia” sendo aplicada por aqueles “seres alados” considerados observadores, pois era o que demonstravam estar a fazer com as suas posturas e atitudes. Ironia ou não daquilo que os humanos chamam de destino, aquele processo de monitoramento não durou muito tempo, pois **um por um**, os biodemos que haviam sido tão bem assimilados como **“seres originais de uma história ancestral”,** que aqueles povos conheceram um pouco através do legado deixado por eles, **passaram a fenecer.**

Como, de facto, tudo é efetivamente mesmo estranho na Terra, alguns deles, por serem considerados “originalmente de fora”, “pacíficos”, “mais esclarecidos” que os primeiros povos hiperbóreos, tanto que funcionaram como “mentores” no início daquela civilização, passaram a ser lembrados como “entes divinos ancestrais”, o que nos chocou profundamente o senso de compreensão.

Por que “divinizar” seres pelo simples facto de existirem diferenças e padrões de ancestralidade distintos entre as espécies cósmicas? Essa pergunta fizemo-nos por muito tempo, na tentativa de melhor compreender o que estava a passar-se, frente aos nossos olhos. Foi quando constatámos, por nós mesmos, em relação a esse aspeto da vida — até mesmo por força das circunstâncias da emergência do *Homo sapiens* em meio a tantos seres que lhes pareciam poderosos — como as primeiras gerações de terráqueos eram mesmo “inclinados à adoração” como forma de se sentirem protegidos e, principalmente, de alinhar a razão da sua existência a um processo que já estivesse em curso.

Diferente do nosso modo biodemo de pensar — pois que sempre coexistimos com “processos em curso” desde tempos bem anteriores ao nosso surgimento —, pois jamais sentimos qualquer inclinação a adorar ou venerar a própria figura de Sophia, os terráqueos parecem ter surgido para a vida já com essa tendência escrita no seu genoma. Isso é o que pensamos e, até o momento, continuamos a estudar esta tese sem que disso nos tenha sido possível assumir qualquer conclusão.

Aqueles povos hiperbóreos eram detentores de poder mental, apesar de que o mesmo se expressava num nível modesto — comparado com o que percebíamos nos “**seres dos portais**” —, mas, ainda assim, muito superior ao dos biodemos, que praticamente não possuíam nenhuma faculdade nesse sentido. Talvez, por isso, foi realmente curioso perceber a atitude mental de respeito daqueles seres, algo poderosos, para com os “ancestrais biodemos” (destituídos de poder mental) a quem passaram a louvar.

NAT — Avaliar o passado, com os olhos do presente, é sempre tarefa inglória e mesmo improdutiva quanto aos resultados das análises feitas, partindo-se do que hoje parece ser o óbvio. Mas, o “óbvio” do presente, muitas vezes, não serve para o passado que está a ser avaliado. Não é uma premissa que deveria ser usada por aqueles que procuram estudar o passado terrestre e os seus sinais “fora do tom” das características que, hoje, são tomadas como normais.

Ao longo dos anos, quando fui descortinando os factos que eram produzidos à minha volta, na medida em que conversava sobre os mesmos com amigos mais chegados, inevitavelmente, surgiam frases do tipo: “*como os rebeldes devem ter*

sido monstruosos”, “como o carma desses seres deve ser pesado”, “fizemos poucas e boas antes de sermos exilados para a Terra”, “devemos ter cometido muitos crimes quando os nossos espíritos estavam entre os rebelados”, dentre outras. Mas, parece não ser bem assim !

O aspeto dual do raciocínio humano, depois de temperado pelas religiões do passado, terminou por assumir os conceitos de “bem” e de “mal” como sendo o “fator de juízo” a nortear as atitudes de cada ser, mas isto não significa que o que nos condicionámos ou fomos condicionados a pensar esteja correto ou possua algum tipo de valia moral intrínseca.

Contudo, seguramente entre os seres demos, os biodemos e em certas espécies do género biodemol (seres animalizados e sexuais), a noção de “bem” e de “mal” sequer existia, e sei que provoço inquietação nos irmãos e irmãs que tentam ler estas páginas com afirmações deste naipe, mas, como já afirmado anteriormente, não tenho mesmo outra opção.

É tempo de entender que a própria natureza, independentemente de quem a criou, legitima a violência como modo de sobrevivência e obriga mesmo os mais fortes a imperarem sobre os mais fracos. O crime existe em quem fez as coisas deste modo, mas não necessariamente para quem é obrigado ou se vê obrigado a existir num corpo animalizado qualquer, que já nasce para sobreviver a qualquer custo, matando quem o seu instinto determinar. Assim reza a natureza das espécies!

No que se refere à natureza do modo de pensar biodemo — e de muitos outros géneros cósmicos e das suas espécies — o modo de agir dos seus pares também obedece a algoritmos próprios, com as cores das convenções mentais que as suas culturas vão criando ao longo das suas vidas.

No caso das guerras promovidas pelos “seres rebeldes” nos ambientes de Antares e em outros mundos, aquelas nada tinham ou tiveram a ver com questões relativas ao “bem” e ao “mal”. O “desconcerto” que produziu todos aqueles conflitos tinha a ver, sim, com a noção conceitual de “ordem” e de “caos” relativos ao ambiente em que viviam, como também, e, principalmente, ao “grau de perturbação” em relação ao modo como se costumava viver naquelas paragens.

Os biodemos sempre agiram motivados por essas questões! Entre os seres demos (chamados pela cultura *Val* de “seres dos portais” ao longo de quase todo o tempo da convivência com os mesmos, pois que o convívio com os do “conglomerado” somente se deu mais recentemente), a noção de “ordem” e de “caos” era também sempre o fator que definia as razões dos seus

enfrentamentos, sem que entre eles existisse, de modo definido, a sistematização do que poderia ser considerado como o “bem” e o “mal”.

Krishna, o “*avatar keshala*” que se fez presente na época da guerra descrita no “*Mahabharata*”, épico hindu, parece ter sido o grande definidor ou mesmo revelador dessas questões para os povos da cultura demo e dos seus descendentes, que passaram a viver na Terra. Enfim, se bem percebermos as informações recolhidas recentemente, advindas do estranho convívio com Javé e as suas hostes, parece ter sido esse “algoritmo doentio” — que “descontrola”, “acende a fúria incontrolável” dos seres que se têm como “mais fortes”, quando estes se percebem desobedecidos — o “desafortunado legado” que dele herdaram todas as famílias que surgiram para vida, no âmbito da sua Obra.

Qual é o problema? Para este tipo de “Ser”, a desobediência aos seus ditames ou desígnios implica sempre em “desordem”, que é a base motivacional de todos os dramas no campo do sofrimento em todas as suas faces, para esse tipo de cultura existencial.

Daí a “postura doentia” de fazer o que for necessário para evitar o “caos”, que sempre foi o “trauma mental do Criador”, pois que foi esse o resultado da sua Criação confusa e inacabada. A frase é contundente, mas já é tempo de ser expressa: a queda do Criador e a sua reconstrução como Brahma/Javé fez dele a “personificação do caos”, e não é por menos que, na mitologia grega, ele assim é chamado.

Organizar a si mesmo, ou por outras palavras, organizar o “caos” que é a “Sua Pessoa” e a sua Obra, foram as “tarefas” que os “grandes seres” conseguiram equacionar e, posteriormente, transferi-las para os ombros das espécies que foram sendo criadas, na medida em que a associação do acaso, regulamentado pelos factos cósmicos, e os sonhos e projetos desses “grandes seres arquitetos” (Vishnu e Shiva, apesar dos seus problemas horrendos) foram permitindo.

Essas “tarefas”, na cultura desses seres, passaram a ser chamadas de “*dharma*”, ou “dever sagrado”, e foi exatamente isso que Krishna procurou ensinar e mesmo convencer Arjuna, no “*Bhagavad Gita*”, capítulo integrante do “*Mahabharata*”.

Pandora, na visão da mitologia grega, e os humanos terráqueos “Eva” e depois “Adão”, talvez tenham sido as primeiras criaturas cujas consciências pessoais despertaram para a noção do “bem” e do “mal”, ainda que em tempos distintos e em graus de profundidades singulares, aspeto que nem os “anjos do Criador” e muito menos os seres demos jamais puderam conceber.

Haja “favor divino”, o que as criaturas fazem para esses “deuses”! O problema é que as suas formas demos ainda não se conscientizaram disso ou, se o fizeram, até hoje disfarçam, como se cobrando a velha “moeda da gratidão”, que as criaturas devem ofertar aos deuses, por tê-las gerado. Haja ignorância!

É natural que os processos existenciais mais antigos envolvam e manipulem os mais novos, e esse parece ser um aspeto inerente ao modo como os fenómenos têm lugar no que podemos perceber como sendo a existência. Para os padrões da atual humanidade, cujos valores encontram-se totalmente apartados do que se verificou nos tempos passados, que ainda teimam por serem considerados mitológicos pelo “pensamento comum” das pessoas, a questão da **“emergência no seio de um processo conduzido por seres já existentes”**, por si só, deveria ser motivo para reflexões mais profundas. Contudo, tal não se dá!

Pelo que verificamos, o pensamento comum dos humanos não vê a questão desta maneira, o que o leva a considerar como “verdadeiro” o surgimento da espécie humana a partir de animais irracionais, sobre os quais passou, então, a “reinar”. Este é tão somente um dos aspetos que envolve a questão da vida humana, que um dia será revisto, quando o “choque de realidade”, que sempre encontra os agentes da vida universal — pelo que estamos agora a aprender —, parece também ter o seu momento marcado com o “romantismo” que os terráqueos criaram, e que tanto os acalenta. E não duvidem: nós, em Alt’Lam Gron, também estamos a tentar criar um tipo de “romantismo” para o nosso “cansaço existencial”, mesmo pensando saber que o tal “choque de realidade” sempre chega, seja para nós, como também, para todos os demais, inclusive para os que se pensam extremamente poderosos, como os **“seres dos portais”** e do **“conglomerado de realidades”**. Talvez o facto deles hoje se encontrarem “ausentes” — e não por vontade própria — do universo biológico, seja um aspeto emblemático dessa questão.

Por alguns milénios, notadamente os dois últimos, a equivocada e ingénua noção de que os terráqueos estão sós no universo, tem impedido uma análise mais profunda, por parte dos que vivem no planeta, em torno do “enigma da vida”. Para nós, entretanto, o contexto panorâmico, no seio do qual sempre vivemos, foi e é o de um universo pleno de vida, ainda que, como bem pondera o “aparelho humano” do qual me sirvo, o “romantismo” que possa ser aplicado ao olhar de quem isto observa, não encontra guarida fácil nos factos frios e implacáveis da “roda da vida universal”.

Acontecer, nascer, surgir, enfim, ver-se existindo de algum modo e sem saber o porquê sempre foi o perfil das “inteligências particularizadas” que, com ou sem grau

de consciência mais efetivo, são obrigadas a posicionarem-se perante o fluxo da vida, exigido pelo cosmos.

Por dolorosa ou mesmo inadequada que alguns possam qualificar este tipo de existência, deixá-la da forma que invariavelmente é feita por todos os seres quando lhes acomete o fenómeno da morte corporal, sem maiores avisos, é aflitivo e ainda mais doloroso para os que ficam. E com os biodemos não foi diferente, ainda que hoje entendamos que o “conhecimento espiritual esclarecido” parece ser a única “sabedoria” a ser conquistada pelos que convivem com isto da melhor maneira, se é que tal possibilidade existe.

Como explicámos nos capítulos iniciais do primeiro livro desta trilogia “**Terra**

Atlantis - O Sinal de Land’s Land”, quando aportámos na Terra, sequer conhecíamos o “fenómeno da morte” nos moldes em que passamos aqui a enfrentar. Jamais um biodemo, ao longo de centenas de milhões de anos, tinha enfrentado esse fenómeno do modo em que ele passou a dar-se na Terra. Os problemas decorrentes da “rebelião” invariavelmente produziram os seus próprios meios de liquidar seres, individual ou coletivamente considerados, para atender a questões de estratégia de confronto, de número de força militar, enfim, de muitos tipos.

Aprendemos a aceitar a inevitabilidade dos termos dos confrontos havidos, muitos deles com desdobramentos que jamais findaram, pelo menos até aos tempos em que registamos estas informações, mas, mesmo com toda aquela experiência, não sabíamos lidar com os nossos casos isolados de mortes, que se sucediam inexoravelmente.

Dentre os que ficaram na Terra, a morte foi ceifando a vida de um por um dos “originais”, entre os povos hiperbóreos, como já me referi. O primeiro do último núcleo dos “originais” a fenecer foi Val El, que logo foi seguido por Val Lem, o que apontava para um final dos dias da presença dos biodemos minimamente esclarecidos, entre os povos da superfície.

Nesse tempo, por volta de 16 mil anos atrás, a vida na Terra foi palco de um dos seus mais estranhos e dramáticos episódios em torno do qual se verificou uma quantidade de seres cujas características acrescentavam ainda mais intensidade ao grau de esquisitice, por si só estranho, ao qual já estávamos mesmo acostumados.

O que conseguimos perceber, a partir de Alt’Lam Gron, foi como se mais moradas de “**seres dos portais**” — assim deduzimos — estivessem agora abertas, e o planeta foi inundado por “animais esquisitos”, que tinham traços aparentemente biológicos,

pois copulavam, mas que também ostentavam padrões faciais de retardamento mental quando comparados aos animais biológicos que já existiam na Terra.

Complicado? Imagino que sim, pois para a nossa perspectiva biodemo também era! O que estou a pretender explicar é que os animais irracionais, como hoje são percebidos pelos humanos, existiam em praticamente toda a sua totalidade — em termos de diversidade — desde que aqui chegámos há cerca de 620 mil anos. Contudo, a partir deste ponto da presente narrativa, outros tipos de animais, em tudo semelhantes aos biológicos que já existiam na natureza, apareceram como se surgidos repentinamente, e ostentavam um padrão psíquico que lhes permitia o “contato mental” com os “**seres dos portais**”, mas não com o resto das demais classes de seres fixadas na Terra.

É como se existisse um leão, como os humanos hoje conhecem, mas naquele

tempo, sendo um tipo de leão “algo retardado”, se comparado aos que já existiam, que aparecesse vindo dos “portais”, apresentando algum tipo de “inteligência desperta” que lhe permitia uma possível comunicação com os “**seres dos portais**”. O planeta viu-se inundado por uma quantidade singular daquele tipo de entes, que apresentavam praticamente as mesmas expressões corporais de algumas das classes de animais da natureza biológica planetária.

A “conversa” entre aqueles tipos de animais (NAT - “**animais demos**”) — com face algo deformadas, se comparadas aos seus correspondentes terrestres, torno a ressaltar — e certas classes de “**seres dos portais**” que também habitavam na Terra, era facto comum, o que deixava ainda mais complicado o nosso modo de entender as coisas da vida que convergiam para o planeta. Assistíamos a tudo aquilo algo encantados, a princípio, mas depois, quando do episódio da guerra entre dois seres demos, que ostentavam alto nível de poder mental, vimos um padrão de devastação de variadas espécies — como se aquelas tivessem sido criadas exatamente para tal finalidade — de um modo que nos chocou a sensibilidade, que lentamente crescia no nosso psiquismo.

Eram os tempos dos confrontos que, mais tarde, detetámos como descritos no *Ramayana*, uma das epopeias da cultura hindu. A pergunta que fazíamos era se aquilo sempre existira e nós nunca havíamos notado, ou se era uma nova leva de esquisitices/estranhezas que estávamos a presenciar e que pareciam jamais ter um fim. Contudo, o que estávamos a assistir ali, assumia-se como sendo um “tipo de final de ciclo”, porque a mortandade daqueles animais exóticos, como também de “**seres dos portais**”, de uma forma geral, diminuiu substancialmente após aquelas

ocorrências. **Desde então, por muitos séculos, passou a ser algo raro a percepção de “seres dos portais” existindo ou mesmo se deslocando pela superfície do planeta.**

De modo paralelo àqueles acontecimentos, os novos povos híbridos e compostos a partir de fatores genéticos que desconhecíamos, associados aos que foram produzidos como desdobramentos dos biodemos originais, demoraram mais a surgir no horizonte do panorama terrestre e, por alguns séculos, a vida serenou. Mas, não por muito tempo!

O sinal de mais problemas veio com a urgência dada ao assunto pelos clãs dos seres biológicos, que disputavam o domínio planetário com as falanges guerreiras dos **“seres dos portais”**: **o planeta iria passar por uma violenta revolução geológica e climática, e todos os desastres tornaram-se previsíveis nas análises daqueles dias.** Era mesmo inevitável e fosse lá como tais eventos viessem a dar-se, poderia ser o fim de muito do que existia na biosfera terrestre ou mesmo de tudo!

Jamais fomos dados a cultuar ou a venerar o que quer que fosse, mas nos sentimos em “júbilo” ao percebermos que a “opção Gron” parecia ter sido algo inspirado em nós por uma “força superior”, como então eu mesmo me flagrava pensando, o que ia de encontro à natureza psíquica fria e analítica dos biodemos. Mas, o contágio com as coisas terrenas, hoje o sabemos, era mesmo inevitável!

Por algum tempo, ainda que encobertos pelo “campo de força Gron”, que tornava “Espheron” invisível para os que estavam na Terra, fomos obrigados a nos aproximar perigosamente do núcleo dos **“seres dos portais”**, o qual, nesse ponto da história, encontrava-se situado onde atualmente se considera como sendo o arquipélago grego e a Turquia.

Não sabíamos, mas devido às disputas constantes ocorridas entre as diversas classes de **“seres dos portais”**, algum núcleo, dentre eles, havia desenvolvido um modo de “perceber naves camufladas” e, para nossa surpresa, “Espheron” foi detetada.

Tivemos, então, que nos envolver num tipo de enredo cujo final produziu uma das lendas, tanto entre os **“povos dos portais”** como entre alguns núcleos dos hiperbóreos, quando tomaram a nossa nave como sendo um ente conhecido como “Astreia se deslocando nos céus” (ou Astrea, deusa da mitologia grega), num episódio que envolveu acontecimentos que não compreendemos de todo, em torno de uma das ilhas existentes no arquipélago, que mais tarde viria a ser parte da Grécia. Contudo, não sei como repassar, para o “aparelho humano”, a narrativa do que se sucedeu entre os biodemos de Alt’Lam Gron e algo que se aproximou de um “pacto” fragilmente

estabelecido com dois “**seres dos portais**” (ou seja, Astreia e a sua mãe Têmis, assim denominadas na visão da já referida mitologia quanto aos factos daqueles dias), o que resultou numa lenda algo confusa que passou à posteridade.

Talvez, no futuro, encontremos meio de fazê-lo, mas falta, tanto a mim quanto ao “aparelho humano”, “elementos mentais” que nos permitam a ousadia no momento. Viver na Terra, ainda que nas condições em que nos encontrávamos em Alt’Lam Gron, era sempre um convite à aventura, só que em condição de perigo e de danos constantes, mas, nada comparado ao que viria com o descompasso da crosta planetária e os seus efeitos lançados sobre o oceano e o clima.

E todos os que por aqui estavam sediados, viveram dias de terror com a calamidade que, em atingindo um de seus vários momentos de ápice, há cerca de 13 mil e trezentos anos, varreu todo o planeta.

Sonhos Hiperbóreos

Houve um tempo na história da Terra que, para o atual modo de pensar do ser humano, jamais existiu. Porém, para alguns núcleos da antiguidade, notadamente os povos formadores da cultura grega, que surgiria mais tarde, esse “tempo diferente”, hoje chamado de “místico”, de “mitológico”, era a mais pura e objetiva realidade.

Para nós, biodemos congregados em Alt’Lam Gron, os acontecimentos específicos desse quadrante planetário, cujos desdobramentos vieram a compor muito do que atualmente é considerado como sendo lendas das mitologias celta, nórdica, germânica e grega, compunham a única experiência, que observávamos a acontecer na Terra, digna de ser apreciada devido aos seus efeitos calmantes no nosso psiquismo atordoado.

Sentíamo-nos como partícipes daquele “projeto existencial” que os povos hiperbóreos executavam, pelo simples facto de, lá trás, no passado ainda muito presente naqueles dias, os nossos irmãos que haviam permanecido na Terra, terem tido participação singular na edificação daqueles núcleos. Agora, já sem praticamente nenhum dos biodemos originais entre eles, para nós de Alt’Lam Gron, os povos hiperbóreos pareciam nossos descendentes diretos — mental e geneticamente, penso ter havido realmente essa relação — em vez dos diversos povos mestiços, com os seus múltiplos padrões e que viviam espalhados em muitas terras e ilhas, normalmente associados a algumas classes de “**seres dos portais**”, que tinham sempre um “ente divino” cultuado pelos membros de cada cultura particular. Contudo, na verdade, esses últimos eram sim nossos descendentes, ainda que por via das clonagens já referidas, que ocorreram no passado.

Yel Luzbel, Len Mion e os demais “dimensionados” em Shamb-Aha, naqueles dias, “fracamente” se projetavam, bem mais porque eram evocados do que propriamente por obediência a uma estratégia, processos aqueles que eram também agora dificultados pelos “concorrentes dos portais”, que conseguiram permanecer fortes numa época em que todos se enfraqueciam. Eram tempos em que “muitos candidatos a deuses” disputavam os seus fieis que, por não possuírem senso crítico razoavelmente desperto, facilmente se afiliavam e cegamente serviam de “massa de manobra” aos que lhes pareciam “poderosos”. Yel Luzbel e mais alguns poucos dos

“dimensionados” tentavam projetar-se, não com o objetivo de dominação, mas de tão somente atender ao que já estava em curso há muito tempo: as massas terráqueas da época, compostas tanto por seres de fora como pelos humanos, estavam condicionando-se a quem os acalentassem, os orientassem ou mesmo dessem ordens a serem cumpridas, dando assim, uma razão ou uma significação para a vida que levavam.

Não era, porém, aquele o caso de Len Mion que, naquela altura, ainda lutava por construir o seu método de dominação, a sua estratégia para destruir todas as demais que estivessem a ser praticadas, porque o seu nervosismo chegara a um ponto tal que, à exceção de Yel Luzbel e dos demais companheiros originais biodemos “perdidos da Terra” e “dimensionados” como ele, não mais nutria qualquer noção de respeito às questões de honra ou dignidade da vida de quem quer que fosse. Simplesmente, “adoecera” de tal modo que se sobrepujava sempre sobre qualquer outra opinião, ainda que fosse a de Yel Luzbel.

Se ele, de vez em quando, havia acusado Sophia de ter-nos produzido e depois nos descartado, entregando-nos à própria sorte, parecia estar agora assumindo esse mesmo tipo de postura em relação aos demais, ainda que a ninguém tivesse criado, o que lhe parecia ser uma justificativa que o motivava à frieza e que também o levava a permitir-se fazer o que bem entendesse e pudesse.

Nos tempos sombrios em que muitos poderes disputavam a posse do planeta, uma voz solitária começou a fazer-se escutar, não necessariamente pelos cidadãos desta ou daquela “base atlante” ou algum núcleo semelhante a esse conceito, não pelos seres de fora nem mesmo pelos agrupamentos humanos que eram usados como “massa de manobra e de força bruta” para os exércitos de então, mas por “seres ou entes invisíveis” que, somente muito mais tarde, quando interagimos com o enunciado da “revelação espiritual”, produzida pelas “forças inconscientes” de representantes Val e Yel entre os humanos — ao tempo da “codificação” de Allan Kardec —, pudemos então classificá-los como sendo “espíritos desencarnados”, que se agrupavam pelo sofrimento comum.

Nem mesmo Len Mion tinha percepção do que estava a fazer, no sentido de que, aquelas “consciências” que o escutavam fixamente, dando guarida às “sementes mentais” que, ao longo dos últimos 14 mil anos, mas principalmente nestes últimos 5 milénios, e mais notadamente nos dias difíceis dos três últimos séculos até o momento em que produzo estas notícias através deste “aparelho terreno”, vieram a constituir o que os humanos chamam de “trevas espirituais e astrais”, que envolvem o planeta. Surgiu, então, a mais inquietante das alianças, que somente são pactuadas em

momentos de extremo desespero existencial, pois para aqueles entes, ao que tudo indica, entregues à própria sorte naquilo que imaginamos ser os “ambientes espirituais” nos quais se agrupavam, a única voz que ali se fez ouvir foi a de Len Mion, que lhes deu um “roteiro lógico” que, correta ou erradamente, explicava o sofrimento de todos os seres congregados no orbe terrestre (planeta físico + as realidades alternativas ou paralelas vinculadas ao mesmo).

Além de um “roteiro lógico”, independentemente do mesmo representar acerto ou equívoco no entendimento nele sistematizado, Len Mion dele ainda retirou o mais doloroso dos enredos, situando os que viviam na Terra como sendo o “lixo” das experiências biológicas comandadas por Sophia e que, por isso, estávamos todos desgarrados, agrupados e esquecidos. Foi assim, com pregações, onde nem o próprio Len Mion sabia ao certo quem o escutava e se existia realmente “alguém na escuta” — aspeto que ele somente veio ter certeza mais tarde —, que muitos “indivíduos espirituais”, vinculados ao fluxo das vidas terrestres, e muitos entes demós foram sendo “condicionados” a convergir o ódio e a revolta, advindos dos seus sofrimentos, para a “face” que, para Len Mion, representava toda uma hierarquia caótica que se sentia dona de tudo, a qual, a seu ver, era a de Sophia.

Na verdade, pensámos nós de Alt’Lam Gron, analisando aqueles factos com a lente que ultimamente pudemos aplicar aos mesmos, que Len Mion “estava a gritar” para ver se Sophia ou alguém o escutava. Terminou criando o que ele um dia intentou — ainda que tenha atirado numa direção equivocada e, mesmo assim, conseguido colher os frutos da sua “caça” —, que era o seu plano de formar um grande exército para entrincheirar a luta no “último terreno” que os “rebeldes” poderiam ainda pretender dominar, ou seja, o contexto em torno do planeta Terra.

Desse modo, fazendo sua voz soar nas “esferas astrais/espirituais” deste orbe terreno, Len Mion percebeu-se construindo a mais estranha das trincheiras de um combate cósmico que, a partir de um certo ponto da história, somente existia na sua mente, ainda que os factos apontassem para as consequências das revoltas do passado como sendo o fator responsável pelo modo como todos estavam, agora, forçados a aprisionarem-se na Terra. Foi desse modo que Len Mion edificou o seu último bastião, ainda que utilizando-se do nome de Yel Luzbel e de parte de seus postulados, para estruturar uma “hierarquia paralela”, que funcionava — hoje o sabemos — nos “ambientes primários da espiritualidade terrestre”, que passou a obedecer cegamente a Len Mion. Este, situado na faixa de realidade específica de Shamb-Aha, parecia ser um “deus” para as “hostes espirituais primitivas” dos agentes trevosos da dor e do sofrimento. Da maneira mais estranha e singular já observada por todos nós — e, pensamos que, por qualquer um dos seres congregados na Terra que tenha olhos para

perceber as páginas desse passado agora esquecido —, mesmo sem ter vivido diretamente na Terra após a sua “astralização”, Len Mion influenciou decisivamente muitos dos acontecimentos mundiais, chefiando a sua hierarquia que abertamente desafiava a que parecia funcionar junto aos “**seres do conglomerado de realidades**”, os chamados “anjos do Criador”.

Essa hierarquia de Len Mion “funcionou” desde então, mas atingiu o seu ápice, no campo da manipulação dos humanos, ao tempo dos séculos XVIII, XIX e XX, cujo enredo e roteiro serão melhor explicados no próximo livro “**Era Sapiens**”, desta trilogia, assim organizada pelo “apoio humano”, do qual nos utilizamos.

O mundo terreno não dava muita atenção ao agigantamento de Len Mion que, realmente, com o tempo, nem forças mais tinha para se fazer visível aos que viviam na superfície do planeta. Mas, como já ressaltado, o seu poder agigantou-se nas “esferas espirituais” e nas “moradas demos” que envolvem a Terra, e somente agora, nós, os de Alt’Lam Gron, estamos a ter certeza desse contexto que sempre nos envolveu e dele nunca soubemos ao certo.

Naqueles dias, porém, uma outra estranha notícia havia surgido aqui e ali, acerca de “vibrações inquietantes” no âmbito dos “portais” que provocavam danos nos seres que por eles transitavam e também nos seus guardiões. Começamos a colecionar o registo de “vozes proféticas” em torno do aviso de que “um dia” os tais “portais” iriam se fechar do mesmo modo surpreendente como se abrissem. Toda essa situação era vivida pelos que estavam próximos à ilha de Delos, local onde “Espheron” permaneceu por um bom tempo, daí o nosso contato com o assunto.

Apesar de situados, por um tempo, no hoje chamado mar Mediterrâneo, por questões de “segurança magnética” e por prudência frente ao que a qualquer momento iria varrer todo o planeta, ainda assim, a nossa atenção estava principalmente focada no que conseguíamos acompanhar junto aos povos hiperbóreos.

“Hiperbórea” era o único lugar — dentre os “profusamente” habitados do planeta — do qual retirávamos aprendizagem consistente e que nos interessava, como já o frisei. Existia um “objetivo progressista e honesto” naqueles nove povos aos quais nos referimos como sendo os hiperbóreos.

Percebíamos que mesmo os “**seres dos portais**” — alguns deles, como por exemplo, o ente chamado Apolo, na mitologia grega —, que costumavam visitar frequentemente os povos hiperbóreos, normalmente ostentavam uma postura

imperiosa e mesmo arrogante para com os demais povos da Terra, porém, frente aos hiperbóreos, assumiam um modo de agir diferenciado para com eles.

Ali, muitos dos tais “deuses” da antiguidade mitológica pareciam mais observadores, visitantes mesmo, do que propriamente interventores ou pretensos dominadores. Alguns dos nossos biodemos originais, que ao tempo das suas vidas entre aqueles povos deixaram “ensinamentos, apontamentos e reflexões” sobre temas diversos — como a história da “rebelião”, referindo-se até mesmo às “mutações mentais” ocorridas na consciência dos agentes da mesma e dos membros Val que pouco se envolveram com os problemas da “rebelião” —, tinham as suas vidas e as suas “produções intelectuais” estudadas por aqueles seres.

O tema era tão caro para eles, que não foram poucas as “expedições de busca” que dois deles empreenderam — usando a nomenclatura da mitologia grega, seriam Hermes e Apolo —, tentando descobrir, por trás da lenda de Astreia, o que existia sobre uma outra lenda, a de uma “ilha voadora” que se movimentava por sobre os mares, principalmente os do norte. De vez em quando, o tal “artefato” chegava mesmo a ser observado por quem estivesse, por mero acaso, no contexto geográfico dos momentos em que “Espheron” tinha que “receber diretamente a luz do Sol, por alguns instantes”.

Por quase meio milénio eles procuraram meios de detetar o que julgavam ser o foco do comando dos biodemos originais, confundindo e misturando as informações que haviam colecionado sobre as aparições de Yel Luzbel e de Len Mion com as de “Espheron”, pensando tratar-se de um mesmo contexto existencial, além da sobreposição que também faziam com o estranho sumiço da “deusa Astreia”.

As notícias sobre os temas dos “discursos” dos dois originais “rebeldes” — Yel Luzbel e Len Mion —, perturbavam o senso dos “**seres dos portais**”, até porque, conforme penso, eles já possuíam bastantes problemas nos campos da discórdia e da disputa, para colherem ainda mais panoramas perturbadores sobre uma “autoridade cósmica” — no caso, Sophia — a quem eles desconheciam por completo.

Na verdade, tanto para os “**seres dos portais**” como para os “**entes do conglomerado de realidades**”, Sophia e a sua história no âmbito deste universo somente se tornaram conhecidos por meio das “crónicas de Len Mion”, que os seus seguidores terrenos — poucos, porém, aficionados — por um tempo as produziram, só que seriam posteriormente destruídas na “grande calamidade” que, por aqueles tempos, já se avizinhava.

Desde que nos isolámos em Alt'Lam Gron, fomos habituando-nos a pensar que Sophia não aparecia nos quadrantes do planeta Terra exatamente devido ao facto inusitado dos **“seres dos portais paralelos”** a este universo e, mais recentemente, os daquele **“conglomerado de realidades também paralelas”**, todas elas terem convergido e fincado suas “raízes estruturais” no orbe terrestre.

Por muito tempo foi — e continua a ser — a única razão que nós, os de Alt'Lam Gron, construámos como sendo a justificativa para o estranho sumiço daquela autoridade celestial que nos gerou a todos os biodemos, mas que desde o problema de Yel Luzbel apartou-se dos seus descendentes, os envolvidos com os desdobramentos da “rebelião”.

Essa versão dos factos, contudo, não era conhecida pelos povos hiperbóreos. Para eles, a “rebelião” era ainda um evento incompreensível e cheio de lacunas a serem preenchidas, as quais, por sinal, jamais foram. Os **“seres dos portais”** com eles conviviam pacificamente, como já referido, e eram mesmo tido como “superiores” pelos hiperbóreos, que os respeitavam além da conta, ainda que não os cultuassem.

Assim, também, era a relação dos povos do extremo norte — os hiperbóreos — com os **“seres do conglomerado de realidades”** que, com o tempo, foram também aproximando-se, e muitas foram as histórias de convivência pacífica e proveitosa dos descendentes dos **“Senhores do conglomerado” (NAT - Os descendentes despertos de Brahma e as gerações produzidas por Vishnu e Shiva)** com os hiperbóreos e, assim foi, até que a “grande devastação” teve lugar.

E essa “devastação” chegou após muitos avisos da própria natureza planetária. Segundo o “aparelho humano” do qual me sirvo, existe um ditado na cultura humana que afirma que “Deus perdoa sempre, os homens, às vezes, e a natureza, jamais!”

Não sei exatamente que tipo de justiça implicava em algum padrão de perdão que jamais veio, e a única explicação para esse tipo de crença seria a de que “considerando-se todos os crimes e faltas cometidos no universo, os seus agentes somente poderiam estar a viver na Terra, para merecerem tamanha desdita”.

Ironias à parte, por volta de 13 mil e duzentos anos atrás, emavas sucessivas de problemas de diversas ordens, praticamente tudo o que foi produzido ao longo de um período relativamente considerável de incontáveis milénios, quando da coexistência de povos que se formaram alicerçados nas circunstâncias da vida planetária, foi destruído pelos diversos golpes dados pelas forças tectónicas, climáticas e ambientais, que pareciam todas enlouquecidas ao mesmo tempo.

Terramotos avassaladores e tsunamis extraordinários, chuvas torrenciais, furacões, tornados — todos eles em altíssimo grau de força de expressão —, placas tectônicas movendo-se como se fossem mesas cujos pés tivessem sido cortados de repente, o ribombar interminável de “tempestades magnéticas e elétricas” por toda a atmosfera, e bólidos celestes caindo aqui e ali, provocando explosões e sufocamentos absurdos, tudo isso acompanhámos assustados, a partir de “Espheron”, a qual elevámos o mais que pudemos em relação à superfície da Terra.

Foram cerca de 370 anos de destruição sistemática e progressiva, que devastou quase tudo o que havia sido anteriormente construído. Enquanto estávamos estacionados por sobre o planeta, observámos vários artefatos, que também pareciam ter recorrido à mesma estratégia, para escapar da gigantesca movimentação das forças telúricas inerentes à natureza terrestre.

Somente poucas estruturas megalíticas sobreviveram àqueles dias, sendo que muitos dos construtores que as haviam edificado tiveram as suas culturas exterminadas. Próximo ao seu ponto mais setentrional, onde agora se situa o polo norte magnético do planeta, descendo em grau de latitude na direção da península escandinava, como também da Grã-Bretanha, diversos pedaços de terra e ilhas de tamanho razoável então existiam, nas quais habitavam os já citados “povos hiperbóreos”, cujo sofrimento, se comparado ao que aconteceu ao resto do planeta, expressou-se em escala bem menor que para os demais. Ainda assim, alguns daqueles povos foram extintos por tsunamis violentíssimos, que foram surgindo no desdobramento dos problemas ambientais e tectônicos que se sucediam, como se jamais fossem cessar.

Os povos que sobraram e que se viram obrigados a “descer” para o norte da Irlanda, da Islândia e da Escócia, e que também se deslocaram para a península escandinava, tornaram-se os “herdeiros” de toda uma conjuntura passada, cujas raízes profundas mal podem ser percebidas por aqueles que atualmente vivem na Terra. É como se os atuais humanos estivessem usufruindo dos frutos produzidos por uma árvore que foi “decepada” pelas convulsões climáticas e geológicas, que tiveram lugar há cerca de 13 mil anos.

Apenas registando, para melhor recordação, os povos agora sobreviventes, eram exatamente aqueles que se compuseram a partir de grupos que não se envolveram ou que haviam sido deixados de lado em relação às lutas fratricidas que ocorreram no período que começou há 22 mil anos e que se estenderam por quase 2700 anos.

Aqueles grupamentos “sobraram” das lutas pelo poder, então empreendidas por segmentos de algumas potências estabelecidas na Terra, que de tudo fizeram para dominar o “contexto global” da geopolítica espacial daqueles tempos (cuja lógica, para nós, permanece a mesma até os dias atuais), se por isso entendermos o eixo composto também pela Lua, por Vênus, por Marte e por mais alguns satélites do sistema solar.

O irónico é que, ainda que esse contexto tenha sido profusamente disputado, jamais uma só daquelas forças conseguiu dominá-lo, e o passar do tempo e o desgaste promovido pelas lutas terminaram por obrigá-las a “dividir o poder”. Os núcleos originais dos povos hiperbóreos surgiram no bojo dessas disputas, como se fossem “sobras” que a ninguém parecia interessar.

Como já superficialmente apontado, eram grupamentos híbridos que se associaram a pequenos segmentos de outras equipas de seres de fora, dentre os quais os nossos próprios irmãos biodemos que não se submeteram à “Experiência Gron” e que permaneceram a viver no norte planetário, até à “devastação”.

Ao longo do tempo da superlativa revolução da natureza planetária e dos seus efeitos, que se desdobraram por cerca de quase 4 milénios até desembocar em outro evento distinto conhecido como o “dilúvio bíblico” — relatado em inúmeras culturas ancestrais do passado —, desenvolveram-se todas as etapas descritas em livros desse padrão de antiguidade, dentre os quais os que vieram a compor o “Antigo Testamento”, desde o casal escolhido “Adão e Eva” até os tempos de Noé.

Poderiam ter sido escolhidos outros personagens que também foram considerados heróis daquele momento inquietante, em que alguns bolsões da humanidade tiveram sorte ou conseguiram escapar da profusão das chuvas e de enchentes intermináveis.

Contudo, pelo facto da visão do humano do qual me sirvo — e da visão dos que estão a refletir sobre estas “notícias esquecidas” nesse primeiro momento serem, também, influenciados pelo viés judaico-cristão — utilizo-me da “linhagem de Noé” para tentar construir um vislumbre daqueles dias.

O facto é que, para a lógica biodemo, a “grande devastação” foi a linha divisória entre o “antes”, em que os “rebeldes originais” existiram enquanto uma comunidade organizada e operativa, associada ainda aos nossos pares “dimensionados” em Shamb-Aha, e o “depois”, em que somente os que se submeteram à “Experiência Gron” sobreviveram e, portanto, ainda existem como tal, porque também os “dimensionados”, na atualidade, não mais lá residem.

No bojo desse contexto, ainda durante esses últimos 8 mil anos que se encerraram com o século XX, Len Mion assumiu o comando de uma luta, no campo da manipulação de mentes, que chegou a limites insuportáveis até mesmo para nós que simplesmente assistíamos, apesar de pouco compreendermos o porquê de quase tudo o que se desenrolava à nossa vista.

Len Mion, desde então, promoveu estratégias de dominação mental que prevaleceram até próximo do ano 2000, interferindo direta e indiretamente em muitos dos tenebrosos acontecimentos planetários. Esse e outros aspetos perturbadores compõem a agenda informativa do nosso propósito desta continuada revelação que deverá ainda produzir um terceiro livro (**NAT - “Era Sapiens”, terceiro livro da trilogia “Terra Atlantis”**).

Ao que tudo indica, nós, os “Gron”, seremos os biodemos que iremos, a seu

tempo, exportar para as demais famílias que não se envolveram com a questão de Yel Luzbel, os frutos genéticos do nosso “progresso forçado pelos factos”. Antes, porém, importa que sejam cumpridos os propósitos e as estratégias que, presumimos, Sophia elegeu como sendo exequíveis para as últimas etapas de um “divisor de águas” entre as eras do universo relativo a um tempo em que os humanos sequer existiam e muita coisa aconteceu como desdobramento do caos.

Agora, porém, que passaram a existir, surgiram para a vida como se não tivessem qualquer importância no contexto da política universal. De modo enigmático, entre tantas potências, mesmo sendo os mais “frágeis”, ainda assim, herdaram uma situação planetária que muitos pretendiam dominar, o que parece ter provocado um outro contexto temporal no qual a percepção de que, sem os terráqueos e a natureza que neles brotou, os planos de Sophia, caso existam, não irão a lugar nenhum.

É isto o que hoje pensamos, aqui do lugar onde vivemos e que é também o nosso posto de observação da vida universal. Obviamente, reconhecemos que existem muitas lacunas a serem preenchidas no modo como compreendemos evolutivamente o contexto no qual todos existimos. Mas, é esta a visão que temos nestes tempos em que transmitimos aos terráqueos o que pudemos produzir com o tirocínio que atualmente nos caracteriza o cansado, porém, ativo psiquismo biodemo.

Império dos Descendentes dos “Seres dos Portais”

Com o passar inclemente do tempo, o que não estava previsto nem muito menos desejado aconteceu: os povos hiperbóreos sobreviventes ao grande cataclismo foram sendo, aos poucos, dominados pelos “**seres dos portais**”, em ranhosa disputa com os “**entes do conglomerado de realidades**” vinculados a um tipo de poder central — formado pelos três seres que aparecem em muitas das tradições mitológicas como “*Tríade*”, “*Trimurti*” ou “*Trindade*” — que sempre nos foi incompreensível.

Tanto os “seres dos portais” como os do “conglomerado”, que muito pouco ou nada tinham de biológicos e muito menos de humanos, passaram à posteridade que hoje envolve o conhecimento planetário como a mais importante parcela daqueles que foram considerados “deuses” pela ingenuidade dos ancestrais da espécie *Homo sapiens*, e cujos registos compõem as páginas mitológicas, assim consideradas pelo academicismo contemporâneo.

Do mesmo modo, seres com alto padrão do fator biológico nos seus corpos, como os clãs de Enki e de Enlil e os descendentes de Ostronomos, dentre outros, também foram considerados “deuses”, o que muito dificulta a análise dos estudiosos modernos dentre os que agora vivem na Terra.

Complicando ainda mais, existem ainda os seres intermediários, como os biodemos, além de um vasto conjunto de povos híbridos que passaram a possuir nos seus “genomas” produtos advindos dos “seres dos portais” e do “conglomerado” (demos), dos clãs de Enki e de Enlil e de mais algumas contribuições de “genes mentais” inseminados em áreas estratégicas do “DNA” daqueles povos, como também no dos humanos.

Convenhamos que era um processo que parece ter ocorrido como resultado de inúmeras variáveis incontrolláveis e não algo que fosse fruto de um planeamento minimamente bem estruturado.

NAT – Nesta altura da narrativa faz-se necessário a seguinte reflexão:

Com as repetidas guerras “mentais e tecnológicas” que se sucediam entre as novas gerações de demos e as suas componentes ancestrais mais antigas (ou seja, demos novos x demos ancestrais = filhos x pais), o “contexto dos vencedores” (que aqui Val Eno chama de “seres dos portais”, o que corresponderia às gerações mais novas de demos) cada vez mais se apartou do “contexto dos perdedores”, que eram as gerações mais antigas de demos, aqui chamado de “conglomerado de realidades”.

Essas gerações mais novas de demos, que surgiam para o palco da existência no universo paralelo ao nosso no qual somente tiveram lugar os tipos de vida “clonada e demo”, terminaram por estagnar-se no campo mental e faliram em termos evolutivos, aspeto tenebroso que já havia ocorrido com as gerações mais antigas de demos, ou seja, os seres do “conglomerado de realidades” referidos por Val Eno.

Respeitei o modo de descrição de Val Eno porque, na época em que recebi a presente narrativa, nem mesmo eu compreendia muita coisa do que me estava a ser repassado, e tomei nota de tudo, devo dizer, muito mais como uma curiosidade do que por imaginar que um dia o conteúdo seria revelado ou mesmo teria alguma importância para o “meu modo de pensar e de avaliar” o que me chegava à sensibilidade.

Não sei ao certo — nem mesmo confio nas informações que a “cultura demo” possui sobre muitos dos aspetos que eles “perceberam” e “registaram” nos seus anais — quando os tais “portais” se abriram, ou a partir de que “ponto do tempo universal de 13,8 bilhões de anos” teve início a interação dos seres desse universo antimaterial com o nosso universo de ordem material.

Segundo o que deduzi, todo esse processo da inesperada abertura desses “portais”, como também do fechamento dos mesmos — evento esse, sim, ocorrido ao longo dos últimos milénios e concluído em dezembro de 2012 —, deveu-se e deve-se ao jogo entre as forças “rajas”, “satva” e “tamas”, descritas na mitologia ariana/hindu, de cuja resultante depende a atual expansão acelerada do universo em que vivemos.

O que ainda os nossos cientistas não sabem é que essa mesma resultante tem os seus “efeitos entrópicos” no universo antimaterial, paralelo ao nosso, formado pelas “moradas” (“*lokas*” e “*genos*”, como referenciadas nas mitologias hindu e grega, respetivamente) dos aqui denominados “seres dos portais” e “seres do conglomerado de realidades”.

No nosso universo, os efeitos da entropia e da expansão acelerada, que “rasgam” o tecido do espaço-tempo, ocorrem, vamos dizer, mais lentamente. Contudo, o

que corresponderia a esses mesmos efeitos no universo vizinho, lá os mesmos ocorreram e ainda ocorrem de modo devastador.

A quem interessar possa, um pálido vislumbre destes efeitos encontra-se descrito no livro “Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia”. De modo estranho, penso saber que as gerações vencedoras — e agora utilizando-me do conhecimento das narrativas da mitologia grega — como a de Zeus frente aos “titãs”, por exemplo, estas começaram a conviver com o mundo terreno bem antes das gerações dos seres mais antigos da “*Trimurti*” ou da “*Tríade*”, que já haviam sido derrotadas pelos próprios “titãs” e, posteriormente, pelos “deuses olímpicos”.

A aparente confusão se dá pelo facto de que no nosso universo biológico, composto por mais de uma centena de bilhões de galáxias (contadas até agora), a sua unidade é patente e o mesmo parece ser um único organismo em movimento constante. Contudo, o tal “universo demo” encontra-se fragmentado em muitas partes, em “pedaços de realidades que se pretendem distintos”.

Para o nosso entendimento, porém, vamos dizer que devido às guerras entre as sucessivas gerações de demos lá ocorridas, o universo demo fragmentou-se em duas grandes partes quando os “olimpianos” conseguiram criar um “divisor vibratório” que os protegesse das possíveis intervenções dos derrotados “*trimurtianos*”, ou seja, dos três “Senhores da *Trimurti*”, que somente retomaram o poder quando todos os “portais” foram se fechando, processo que começou há cerca de uns 8 mil anos e que, como anteriormente referido, findou (foi vibratoriamente selado pela “energia tamásica”, também conhecida como “energia escura”) no ano de 2012 deste século XXI.

O que deduzi das informações de Val Eno foi que os povos hiperbóreos sobreviventes das calamidades (além de outros núcleos terráqueos também sobreviventes àqueles dias) passaram a ser “disputados” tanto pelos “deuses dos portais” (geração de Zeus) como também pelos “deuses do conglomerado” (gerações primevas de Caos/Brahma, Eros/Vishnu, Tartar/Tártaro/Shiva e os seus primeiros descendentes de ordem demo.

Foi nesse contexto em que as ocorrências, descritas no épico hindu “*Mahabharata*”, se deram, ao mesmo tempo em que a descendência do “Noé bíblico” espalhava-se pela Terra. Após a luta fratricida, talvez a mais sangrenta de quantas houve, envolvendo os “seres dos portais”, do “conglomerado”, descendentes híbridos de diversos naipes e humanos, algo de muito estranho passou a dominar o panorama planetário: os “seres dos portais” e do “conglomerado” foram tornando-se “figuras

raras” entre os que viviam na superfície da Terra e, quase, mais por aqui não apareciam.

Atravessar os portais e permanecer sob os efeitos da estrela escaldante que ilumina o planeta Terra, parecia estar a fazer, agora, um enorme mal àqueles seres. Além do que, o que os humanos entendem atualmente como entropia, acelerava o desconforto de muitos dentre eles, que voltavam rapidamente para o interior das suas “moradas”, cumprindo na Terra tão somente o que talvez fossem as suas tarefas da hora.

Nessa ausência de poderes mais bem estabelecidos, os chamados Nephilim bíblicos (nessa altura representados pelos clãs dos descendentes de Enki e de Enlil), começaram a imperar sobre alguns domínios que antes estavam sob o controle dos “seres dos portais”, como foi o caso da incompreendida história do Egito, em cujas páginas, hoje tidas como mitológicas, aparecem tanto os “deuses” Nephilim (extraterrestres, habitantes deste universo, como também nós, os biodemos) como os “deuses dos portais” e também os “deuses do conglomerado” (seres demos, extrafísicos).

A continuada disputa entre os clãs dos descendentes dos Nephilim terminou por estabelecer-se como sendo o “poder mais fortemente” sediado no planeta durante alguns milénios. Agora, os seres humanos que, de animais de estimação e de trabalho pesado passaram a ter papel ativo na vida planetária, pouco a pouco apossavam-se das “sobras das circunstâncias”, transformando-se em “animais difíceis de serem adestrados”.

Praticamente presos nas suas “moradas”, seres, antes poderosos, procuravam agora, a todo custo, desenvolver estratégias para de lá manipular os humanos. Contudo, por jamais ter podido sair de Shamb-Aha desde o problema da “astralização” do “quartel-general da rebelião” ocorrida há mais de seis dezenas de milhares de anos, **Len Mion parecia ser, dentre os aprisionados em dimensões paralelas ao mundo terrestre, a mente mais habilitada e poderosa no sentido de influenciar os humanos — e outros seres da superfície — a realizarem os seus intentos.**

NAT - Esta é uma das etapas mais intrigantes de todas as que pude assimilar e compreender da convivência com esse seres. Não era Javé/Brahma, nem Vishnu, nem Shiva, nem Sophia, nem Indra/Zeus, nem Krishna que durante os últimos milénios tinham a capacidade de influenciar os humanos por meio da intuição ou obsessão, ou seja lá como esses seres — que agem de outras dimensões ou mesmo de outros lugares deste universo — procuram manipular

os seres humanos que, para eles, são meras cobaias das “experiências biológicas” que há muito ocorrem no planeta.

O desconhecido Len Mion, ele sim, ocupou um espaço vazio deixado por uma geopolítica cósmica amalucada e incompetente, e fez valer o seu “poder mental rebelado” no seio de um processo histórico que nós, os terráqueos, estamos longe de compreender.

É importante perceber que, assim como os humanos, também os seres híbridos dos “seres dos portais” e outros deles descendentes, diversos tipos de seres clonados no passado pelos “núcleos atlantes”, e os descendentes dos clãs dos Nephilim, **todos eles “nasceram” na Terra e se julgavam, vamos dizer, “terráqueos”**. Lá atrás no tempo terrestre, ainda mesmo antes da “grande calamidade”, um outro aspeto inerente a esta questão foi o surgimento de gerações de seres clonados a partir dos demos sexuados (demo + bio + animalidade sexuada) os quais, por sua vez, produziram ainda outras gerações ainda mais “complexas” a nível de comportamento, mas que não prevaleceram devido à inadaptabilidade dos seus organismos. Contudo, fizeram história!

Algumas delas tiveram o seu genoma mesclado com o dos *Homo sapiens* de então. Uma dessas, que surgiu por volta de 40 mil anos atrás, prevaleceu sobre muitas outras nos tempos pré-diluvianos, e imperou na Terra por cerca de 6 mil anos (de 15 000 a 9000 anos atrás), vindo a tornar-se, na sua expressão final, a raça “Vrishni”, no seio da qual um ser chamado Krishna surgiu, tendo, mais tarde, participação ativa na mais fratricida das guerras a que pudemos assistir, a já referida como tendo sido descrita no “*Mahabharata*”.

Ainda assim, retornando aos tempos pós-diluvianos, no seio da disputa entre os “seres dos portais” e os do “conglomerado” em torno dos povos sobreviventes daqueles tempos — onde a “vida organizada” procurava recomeçar a fazer-se presente na Terra, em pequenos grupamentos (há cerca de 8 mil anos) —, paralelo à convivência pacífica dos povos hiperbóreos, outros grupos terrenos continuavam a levar adiante a herança genética problemática de sempre se verem envolvidos em intrigas e em disputas pelo poder.

Foram tempos de lutas fratricidas capitaneadas pelo modo sucessório das culturas locais (**NAT – culturas “demodhárnicas”, ou seja, seres demos que estavam agregando aspetos biológicos ao seu modo de vida**), que eram herdeiras diretas dos “seres dos portais”. Esses grupos, nessa altura, **apresentavam-se como sendo “representantes e/ou agentes” dos seres pertencentes ao “conglomerado”, pois eram descendentes destes seres, segundo eles**, ainda que

não se soubesse exatamente de qual instância das diversas culturas ou classes de seres que pareciam existir naquele nível de realidade paralela.

Os seres demos e as suas descendências, que viviam disputando tudo o que encontrassem pela frente e que representam um dos segmentos das tradições históricas, porém, tidas como lendárias na atualidade do conhecimento terráqueo, pertenceram, como já ressaltado, ao contexto dos épicos hindus/arianos “*Ramayana*” e “*Mahabharata*”, tendo, mais tarde, as suas principais figuras transformadas em “deuses condutores da humanidade” para muitos dos atuais habitantes da Índia, do Paquistão, do Afeganistão, dentre outros.

Paradoxalmente, os seres demos não vinculados aos conflitos pelo poder — cuja descendência, associada aos biodemos do norte, veio a compor alguns povos que viveram pacificamente no segmento hiperbóreo, e que vieram a dar origem às mitologias celta, nórdica e germânica, dentre outras — tiveram os seus principais vultos esquecidos e os nomes das primeiras linhagens sequer passaram à posteridade, nem mesmo a título de lenda, com raríssimas exceções.

Caso as lendas do norte hiperbóreo e de outros povos situados em latitudes mais próximas à linha imaginária que os humanos chamam de “equador”, pudessem hoje ser resgatadas, seria visto um conjunto contundente de **mensagens de Len Mion para os “terráqueos” de então** — os quais, obrigo-me a novamente ressaltar, não eram somente os humanos que assim se sentiam, mas muitos entes cujos ancestrais possuíam origem “extraterráquea”, mas que haviam nascido na Terra pelo simples facto dos seus pais estarem aqui estabelecidos.

Alguns desses sequer entendiam convenientemente o que estava a ser “pregado” por aquele ser que agora personificava uma liderança exercida em nome de Yel Luzbel e que, aos poucos, foi assumindo o comando de uma “rebelião” perdida na “noite” dos tempos universais.

Em uma das suas últimas “aparições”, habilmente projetada junto aos habitantes de um dos povos sobreviventes do norte, Len Mion, descrevendo a experiência que ele, Yel Luzbel e outros viveram desde os tempos da deflagração da “rebelião”, disse, como se esquecido da sua própria condição de origem e de onde agora se encontrava:

— *“Denuncio a todos: a vida é um jogo no qual somos as peças! Jogadores implacáveis, presos em realidades fechadas que jamais são percebidas pelos que vivem neste universo para o qual surgimos, geram seres e deles se utilizam de modo escuso. Sophia criou-nos para, mais tarde, barganhar poder, negociando o conjunto dos*

seus próprios interesses, a partir das conquistas e das posições que cada um de nós terminou por aglutinar no “jogo da vida”.

Ele nos usou e depois nos descartou, e sou levado a pensar que ainda nos utiliza de um modo tão obscuro que não me atrevo a construir o entendimento em torno dessa questão. Yel Luzbel percebeu esse jogo e revoltou-se contra isso! Eu, porém, destruirei o jogo! Esse tipo de vida obscura, que somos obrigados a ostentar, não prevalecerá! Enquanto me restar um único alento vital que me mantenha existindo, estarei a dedicar-me à caça mental desse ser tenebroso, e esforçando-me para aniquilar qualquer aspeto de estratégias que venham da sua astúcia. Sophia e o seu jogo não prevalecerão sobre mim!”

Naquele tempo, não havia surgido ainda, nem entre os humanos e muito menos entre nós, o sentido do que hoje se entende por “covardia”, até mesmo porque era “terrivelmente normal” o império da força do mais forte sobre o mais fraco, sem nenhum tipo de constrangimento.

Assim, o “forte” usar o “fraco” era a tónica comum dos factos universais. Caminhou-se bastante para que a percepção desse “incómodo moral” pudesse ter lugar no psiquismo dos seres, mas tal “desconforto filosófico” ainda é presença discreta, pois são poucos os seres que conseguiram emancipar-se em relação a esse contexto, que hoje sei ser doentio.

De todo modo, Len Mion e Yel Luzbel deram passos importantes nesse sentido, ainda que Len Mion, mais tarde, tenha enlouquecido e perdido a capacidade de aferir em si mesmo o que ele tanto criticou em Sophia. Restava aos humanos herdar um contexto histórico que lhes pareceria depois, absolutamente estranho, que foi até taxado como lendário e irreal, e que, por isso, na atualidade, é tão difícil de ser compreendido.

Algo, porém, apontava para uma inesperada destinação da humanidade, pois que, enquanto todas as “forças de fora” presentes no planeta enfraqueciam-se, os agrupamentos humanos mais e mais se organizavam, como se preparando para que o inusitado tivesse lugar, o que de facto, veio a ter.

Começava, assim, a “Era Sapiens”, ao longo da qual os humanos herdaram a Terra como resultado de um impensável processo iniciado há mais de 600 mil anos. Realmente, os eventos deste planeta sempre nos pareceram estranhos, e aquele final de um ciclo era tão somente mais um dos enigmáticos aspetos, absolutamente inesperado, de um jogo onde o aparente acaso parecia definir bem mais o futuro do que os dolorosos eventos ocorridos.

Para o espanto de todas as “forças organizadas” que disputavam a posse do planeta, os “animais humanos” estavam a assumir o controle do “processo da vida terrestre”, ainda que o “acaso” parecesse o “deus” por trás do indesmanchável fio que unira os eventos para que um tresloucado roteiro produzisse o inesperado.

No meio de um tempo em que o império dos “seres dos portais” e os seus descendentes pensava ter dominado o planeta, eis que o inesperado efeito entrópico enfraquece sobremaneira as suas forças, permitindo à “raça que sobrou”, assumir o aparente controle do destino planetário.

Doravante, os humanos estariam aparentemente no comando, ainda que manipulados por “forças invisíveis”, aspeto que se manteve operante até o momento em que registo estas notícias junto ao conhecimento dos “atuais terráqueos”.

FIM DO LIVRO II

Cronologia de Eventos

Para facilitar o entendimento do possível leitor destas páginas, apresento, a seguir, uma cronologia de eventos – na verdade, a mesma que foi publicada no livro “Reintegração Cósmica”, o primeiro da trilogia “Queda e Ascensão Espiritual” –, só que, agora, acrescida das informações pertinentes à nova trilogia “Terra Atlantis”, que complementa a primeira.

Além disto, deve ser ressaltado que, na “cronologia de eventos” originalmente publicada antes da presença do “fator Javé” no processo e da sua tentativa de imiscuir-se e comandar as revelações apresentadas nas páginas das duas trilogias, dentre outros aspetos, foram ali, então, registadas informações a seu respeito que, posteriormente, mostraram-se confusas, imprecisas e mesmo equivocadas no que se refere à compreensão limitada da parte deste autor terreno, que as organizou.

Nesta atual “cronologia de eventos”, as atualizações e mesmo as correções relativas a esse “Ser” passam a compor os itens informativos, o que aponta, portanto, para algumas diferenças inevitáveis em dois dos itens então informados.

Para ser honesto com os factos, fiz este registo quando de uma nova edição atualizada do livro “Reintegração Cósmica”, no qual fiz questão de manter o texto original, acompanhado das explicações e das correções no entendimento que pude, na oportunidade, registar.

Apresento, portanto, o mesmo tipo de registo frente às modificações que nesta atual “cronologia de eventos” me obrigo a fazer para facilitar a compreensão da parte do amigo leitor.

Jan Val Ellam

Cronologia Aproximada dos Eventos

▶ **Entre 5 milhões e 4 milhões de anos antes do presente (a.p.):**

o "Ser Trimurtiano" chamado Javé (ou Brahma, pelos hindus) entra em um dos seus ciclos de "quase-implosão pessoal" levado pelo enfraquecimento progressivo das disputas em torno da "geopolítica da Trimurti ou da Tríade", que tenta governar os dois universos (o demo, antimaterial, que é paralelo ao que vivemos, o de ordem biológica) que compõem a Criação "equivocada", disputada pelos três "Senhores da Lila" – expressão sânscrita que define as normas da geopolítica deste triunvirato formado por Brahma/Javé, Shiva e Vishnu.

É importante que se saiba que, antes do surgimento dos humanos na Terra, Javé e os demais seres da "aristocracia trimurtiana" há muito disputavam o controle sobre várias proto-humanidades que existiam em outros mundos do universo biológico.

Javé "tombou doente" como resultado do seu esgotamento frente aos esforços mentais despendidos ao longo daquelas disputas, como também pelo "choque" ao tomar ciência da "primeira morte" ocorrida entre os seres das gerações primevas da sua Criação, pois que todos eles se julgavam imortais.

Aquela "morte" era o anúncio de que o que aconteceu com aquele ser aconteceria inevitavelmente com todos os demais seres que ostentavam o "código de vida doentio do Criador" à moda clone ou demo, exatamente as duas classes de seres que habitam nesse universo vizinho ao nosso.

Nessa ocasião, um "avatar" de Vishnu à moda biodemo, conhecido como Sophia, "avatar" esse "engendrado" para viver no universo biológico, assumiu o comando do mesmo após a "derrocada" do Criador, até que este pudesse reassumir o presumível comando do processo no âmbito dos dois universos da sua Criação.

Por essa época, Sophia tinha — e ainda tem — como residência oficial da sua suserania, um dos mundos do sistema conhecido pelos terráqueos como sendo "Capela", pertencente à constelação do Cocheiro.

▶ **Antes de 3 milhões de anos a.p.** - nessa época, estavam em curso na Terra outras experiências existenciais que, no futuro, serão melhor explicadas.

▶ **3 milhões de anos a.p.** - chegada das primeiras levas de humanoides – seres especialmente preparados para a vida na Terra, possuidores de grande nível instintivo, mas, ainda não dotados da "luz da razão". Esse tipo de ser era o "máximo" em termos de complexidade que os seres vinculados à Trimurti conseguiam, então, produzir para servirem de cobaias, ou seja, como experiências genéticas frente às naturezas planetárias.

▶ **Entre 1 milhão a 950 mil anos a.p.** - quatro grupos distintos, já bastante melhorados, porquanto resultantes das múltiplas experiências ocorridas ao longo do tempo, foram trazidos para a Terra, para uma espécie de teste final quanto à adaptação climática e, em especial, à questão gravitacional. Ao final do período de testes e ajustes seria decidido se um, alguns ou todos os grupos permaneceriam no planeta.

O que desse processo resultasse, seria a base de humanoides que, juntamente com os seres mais evoluídos, que chegariam em um segundo momento, formariam a humanidade futura. Cerca de quarenta mil humanoides dividiam-se entre os quatro grupos, cujos portes variavam entre sessenta centímetros a dois metros de altura, possuindo todos pele acinzentada. Por essa época, mais uma leva de espíritos simples e ignorantes, mas com a herança maior da "luz do raciocínio", com a consequente responsabilidade cármica, estava apta a iniciar a jornada evolutiva de ascensão espiritual na Terra, encarnando nos corpos resultantes dos cruzamentos desses humanoides.

▶ **800 mil anos a.p.** - chegada de equipas de seres mais evoluídos, de diversas origens planetárias, para conviverem diretamente com os já existentes. Eles haviam passado por toda uma série de adaptações nas suas condições energéticas e, em especial, nos seus corpos, para tornar possível a permanência na Terra. O objetivo era a edificação de um "portal cósmico, multidimensional", meta há muito perseguida pelo sonho da "aristocracia trimurtiana", presa no universo demo, cujo agente e protagonista principal no universo biológico era Sophia, que comandava esse processo.

▶ **742 mil anos a.p.** - início da "inquietação" de Yel Luzbel (Lúcifer), no sistema de Capela.

▶ **687 mil anos a.p.** - começa a "rebelião de Lúcifer". Durante os próximos 68 mil anos, vários seguidores de Lúcifer visitam a Terra e outros orbes, propagando os postulados da "rebelião", o que resultou na convergência dos primeiros e mais devastadores conflitos no sistema de Antares, estrela avermelhada supergigante, cujo ciclo de vida se encontra, atualmente, no limite do esgotamento, prestes a explodir, liquidando todos os mundos que a orbitam, obrigando os seus habitantes a conviverem com esse "fim iminente".

▶ **619 mil anos a.p.** - a Terra e outros "mundos rebelados" têm seus circuitos de convivência cósmica cortados. Início do período de isolamento cósmico. Começam a chegar os primeiros exilados de expurgos planetários consequentes à "rebelião". Muitos vêm no estado de espíritos desencarnados. Outros, entretanto, aqui aportam em naves espaciais, fugindo dos conflitos ou por terem sido deles descartados, como foi o caso da "família Val", com todos os seus 736 membros, que aportaram na Terra trazendo as suas três grandes naves "Asphezian", "Espherian" e "Espheron".

▶ **606 mil anos a.p.** - perante o desconhecido futuro e a inusitada situação de não saber o que fazer e ter que aguardar "factos sinalizadores", a família Val começou os preparativos e as tentativas de hibernação.

▶ **600 mil anos a.p.** - dos 736 membros da família, 690 Val são colocados para hibernar, ficando 46 operativos.

▶ **599 mil anos a.p.** - após muitas pesquisas e testes, os Val começaram a operar fora das naves, o que acarretou a morte de 9 membros, logo na primeira experiência. Estes passaram a ser considerados "os 9 Val dos corpos perdidos". Dos 46 operativos, restaram, portanto, 37.

▶ **532 mil anos a.p.** - eclode a "grande conflagração" nos mundos de Antares e em outros lugares, o que provocou destruição de toda ordem. Situações como aquela jamais haviam tido lugar na cultura das famílias biodemos, ao longo dos aproximadamente 900 milhões de anos desde que foram criados. Aquele conjunto de conflitos ocorreu pela primeira vez na história dos seres biodemos. O inusitado teve lugar porque jamais havia ocorrido a morte de um ser biodemo. Os espíritos dos "mortos" começaram a acumularem-se nos "níveis espirituais" vinculados ao sistema de Antares, cujas características não estavam ainda habilitadas para dar a necessária "guardida espiritual" a eventos daquele porte. Enquanto isso, na Terra, os Val de nada sabiam do que se passava em Antares.

▶ **520 mil anos a.p.** - a equipa da "Espheron" e mais três exploradores das outras duas naves encontram-se com os "anfíbios sirianos" e, durante cerca de três anos de convivência, trocam informações.

▶ **467 mil anos a.p.** - os sinais dos "rebeldes" sediados em Antares e em outros sistemas vinculados ao circuito da "rebelião" são captados. A partir desse ponto, os que estavam em hibernação tiveram que ser acordados. Alguns morrem no processo de "despertar" forçado. Por essa época, houve também a difícil decisão em torno da inevitabilidade de sucatear primeiro a nave "Espherian" e, se necessário, "Asphezian" em seguida, para construir bases sediadas no planeta. A nave "Espheron" permaneceria atuante. A vida dos Val foi então transferida para as bases da superfície e algumas outras subterrâneas, que foram providenciadas naquela oportunidade. Foram milénios de trabalho.

▶ **461 mil anos a.p.** - as duas primeiras tentativas de despertar falharam e mais Val feneceram, totalizando 28 mortos nesta operação. Surge, daqui, a percepção de que os 9 que haviam fenecido antes, quando os Val começaram a operar fora das naves, estavam, finalmente, comunicando-se com eles via o "Processador da inteligência dos Val", ainda que não se soubesse onde as suas "consciências" estavam localizadas.

Detalhe: os seres biodemos nada sabiam sobre os “ambientes espirituais” que envolvem a vida biológica universal e tão somente desconfiavam da existência de uma realidade paralela (a dos seres demos e dos clonados que compunham a hierarquia trimurtiana), mas sobre a qual nada, então, era sabido. Nesse ponto da história dos Val na Terra, existiam 37 mortos, 662 hibernados e 37 despertos.

► **392 mil anos a.p.** - os Val começam a destruir as suas naves e vão obrigando-se a interagir com a natureza terrestre. Constroem a primeira cidadela — Benem — em local que hoje corresponderia à fronteira entre Alemanha, Bélgica e Holanda. Nessa altura da história dos Val na Terra, existiam 37 mortos, 4 penderes na hibernação, pois não conseguiram despertar e 695 despertos, ou seja, operativos.

► **391 mil anos a.p.** - em “Benem”, foram construídas as instalações necessárias para que o “Processador Val” fosse ali instalado, o que possibilitou o renovado contato com 2 — “dimensionados” — dos 37 Val que haviam fenecido, contato este que foi continuamente tentado por muitos milénios, sem sucesso.

Val Sean, Val Sion, Val Den, Val Dimon, Val Bon, Val Antien, Val Anen, Val Am e Val Aten eram os nomes dos 9 Val “dimensionados” — os primeiros a fenecerem —, que, da realidade paralela onde se encontravam, deram início a uma “colonização” naquele ambiente neutro, que passou a servir de base operacional vinculada ao “Processador Val”, agora situado em Benem. Sobre os demais 28 Val fenecidos, nada se sabia a respeito de onde poderiam encontrar-se as suas “consciências”.

► **317 mil anos a.p.** - “Espheron” deteta, num só tempo, quatro canoas, ocupadas por uma certa espécie de “Homo”, navegando entre pontos no hoje denominado oceano Pacífico. Na tentativa de estudar aquilo mais de perto, descobriu-se as bases dos Nephilim, que eram seres biológicos de um outro planeta, sediados na Terra. Devido ao comportamento algo belicoso destes, os Val, já enfraquecidos pela “neurose luciferiana”, resolveram não estabelecer contato com aqueles seres.

► **214 mil anos a.p.** - Começam a chegar na Terra naves desconhecidas, de seres de diversas origens. Após muita observação, os Val consideraram que não representavam perigo bélico. Contudo, a notícia iminente de uma invasão dos “rebeldes” sempre pesou sobre a sensibilidade dos Val. Nessa época, mensagens contraditórias, tanto advindas do “circuito mental” como também por outros meios, tinham lugar no quotidiano dos Val na Terra. O atordoamento de tantas mensagens algo indecifráveis para o modo de pensar dos Val levou-os a uma decisão que, para eles, representou a do sacrifício supremo: pôr em prática a decisão tomada há milénios de desconstruir totalmente “Aspheziam” e depois, se necessário, “Espheron”, o que terminou por não acontecer pois a mesma foi poupada e transformada em “casa móvel”, quando da “Experiência Gron”, que viria a ocorrer no futuro distante.

▶ **183 mil anos a.p.** - Val El começa a lidar com os 9 Val estruturadores da dimensão na qual passaram a viver e a chamar de "Val-Ha" — renomeada "Shamb-Aha" pelos demais biodemos rebeldes que lá chegaram muito mais tarde, só que vivos e "astralizados". Val Sean e Val Antien eram os dois mais atuantes dentre os "dimensionados". A comunicação dava-se por meio de deduções do fluxo de registo do "Processador Val". Nessa altura dos factos, a situação dos Val era a seguinte: 4 hibernados, 489 despertos e 243 fenecidos, sendo 9 deles "dimensionados" em Shamb-Aha.

▶ **100 mil anos a.p.** - a Terra passa a ser o último e único "planeta rebelado". A partir de então, tudo o que restava das forças conscientes da falange de Lúcifer estava congregado na Terra, desde que ele aqui aportara, comandando as "mastlans", que trouxeram 6029 seres.

▶ **81 mil anos a.p.** - os Val e os "rebeldes" comandados por Yel Luzbel, que aportaram na Terra nas suas "mastlans", finalmente viram-se frente a frente, num entardecer, nas areias que se estendem por toda Atlan — base luciferiana.

▶ **75 mil anos a.p.** - entre 75 mil e 24 mil anos atrás, muitos seres biodemos migraram suas "consciências" para a família dos "seres dos portais".

Detalhe: dos "dimensionados", Val Dimon renasce como Pandora e Val Anen como Despina. Houve uma interrupção brusca e, a partir de um certo momento após esse marco temporal, o que já havia acontecido há muito tempo, tornou a ocorrer quando muitos dentre nós, ao fenecerem, viam-se agora como que tendo as suas "consciências" transmigradas para o seio dos humanos da Terra.

▶ **68 mil anos a.p.** - o "Processador Val" aponta três "consciências" Val entre os seres demos, sendo uma da geração de Zeus e duas da geração de Poseidon.

▶ **67 mil anos a.p.** - explodem guerras entre os "seres dos portais", que envolvem também os Nephilim e uma das "mastlans luciferianas", que é destruída.

▶ **64 mil anos ap.** - caos planetário, com afundamento e destruição de bases e ilhas no Pacífico, entre elas as bases Astlan, Plorton e Plortan — que formavam o "complexo interdimensional" — e a base Atlan. Fim do processo de "astralização" para Shamb-Aha, quando 207 seres biodemos conseguiram ser transportados, dentre eles Yel Luzbel e Len Mion.

▶ **40 mil anos a.p.** - os "rebeldes" começaram a fazer clonagens. Animais terrestres passaram a conviver com os "rebeldes", que começam a sentir estima pelos mesmos. Por esse tempo, passou a existir na Terra uma comunidade que surgiu como desdobramento da presença dos "rebeldes" no planeta, comunidade esta que até vivia em relativa tranquilidade, composta de alguns poucos milhares de seres biodemos e

mais cerca de 25 milhões de seres, quase todos clonados, espalhados pelas bases que, com a ajuda das "mastlans", iam sendo edificadas em muitos quadrantes planetários.

Nessa altura dos factos, estranhamente, membros de algumas das bases conseguiram estabelecer uma relação amigável com alguns animais terrestres que, em sendo alimentados e bem tratados, passavam a circular em torno das mesmas e, com o tempo, tornar-se-iam o que, na cultura humana da atualidade, poderia ser considerado como "animais de estimação".

Por volta dessa mesma marca temporal, sem que o mundo percebesse, uma grande leva de "espíritos exilados", provenientes dos problemas da "rebelião" ocorridos em outros planetas, chegam às "esferas espirituais" vinculadas à Terra. Foram trazidos, então, cerca de 5 bilhões de individualidades, sendo, alguns poucos — que não prevaleceram perante as dificuldades locais —, em suas próprias naves e, a grande maioria, no estado de espíritos desencarnados, pois que eram remanescentes de "processos de expurgos retardados", ainda provenientes da "rebelião de Lúcifer", como, também, de "reciclagens vibratórias" de outros mundos, provavelmente com vistas a outros objetivos evolutivos. Por essa época, a Terra já contava com uma população de cerca de 20 bilhões de individualidades cómicas, entre encarnados e desencarnados. A partir de então, a população do orbe terrestre (população física + população espiritual) passou a ser de, aproximadamente, 25 bilhões de seres.

► **38 mil anos a.p.** - durante longos 7 mil anos — entre 38 mil e 31 mil anos atrás — houve repetidos períodos em que um tipo de "peste" começou a dizimar populações inteiras de seres pertencentes às novas gerações, o que ceifou a vida de mais de 6 milhões de "clonados". Estranhamente, muitos "animais domesticados", que viviam nas bases junto com os seres biodemos, também tiveram as suas vidas ceifadas por aquelas levas de doenças que, às vezes, conseguiam ser contidas, mas sem que pudesse ser impedida a devastação que promoviam em corpos terrestres e extraterrestres.

► **25 mil anos a.p.** - em Antlar, no hemisfério sul, estavam reunidos 1218 seres "rebeldes originais", na sua maioria Yel, dos que haviam aportado na Terra nas "mastlans" comandadas por Yel Luzbel.

Nessa mesma altura, entre seres envolvidos e/ou agrupados com a base Benem, no hemisfério norte, existiam 1970 seres "rebeldes originais", sendo 1677 "não Val", das diversas famílias + 126 Val ativos + 38 Val em hibernação + 6 Val dimensionados + 123 "não Val" astralizados/dimensionados (inclusive Yel Luzbel e Len Mion).

▶ **24 300 anos a.p.** - por volta de 24 mil e 300 anos atrás, em dada oportunidade, os seis Val dimensionados conseguiram fazer uma comunicação efetiva com os Val despertos de Benem.

Nesse ponto da história, os 6 Val dimensionados e mais os outros 123 biodemos que haviam astralizados seus corpos e que se mantiveram vivos, finalmente harmonizam os padrões da "realidade alternativa" em que se encontravam e passam a coexistir juntos.

Nessa mesma época, foi verificado que eles, apesar de juntos no mesmo padrão da realidade alternativa, estavam profundamente divididos em basicamente três grupos, que defendiam posições absolutamente divergentes.

O chamado quartel-general, agora comandado praticamente por Len Mion e composto por 87 membros — todos os Mion e Cromon dimensionados e parte dos Yel — era o maior grupo.

O segundo grupo apoiava a tese de Yel Luzbel de que eles já estavam a ser "castigados", e que não haveria mais confrontos, porque ele não mais percebia sentido de "ganho" para qualquer das partes envolvidas. Defendiam a posição de que os "dimensionados", como um todo, deveriam congregar os seus esforços no sentido de decodificar a situação na qual se encontravam inseridos — assim pensavam, naquele ponto da história, Yel Luzbel e mais 27 membros da família Yel.

Finalmente, o grupo minoritário, composto pelos seis Val remanescentes e oito Yel, defendia que o esforço concentrado fosse direcionado para o estudo das "consciências particularizadas" dos três Val que dali "migraram" para a vida entre os "seres dos portais", pois, conforme pensavam naquela altura, aquele seria o destino de todos eles, os "dimensionados", tese com a qual Yel Luzbel até concordava, mas não aceitava pôr em prática devido ao facto de priorizar uma estratégia diferente.

▶ **19 mil e 700 anos a.p.** - a "Experiência Gron" é, por fim, realizada entre os biodemos de Benem e de "Espheron". Quando se deu, contava com 1641 membros sendo 126 Val ativos + 38 Val em hibernação + 1093 Yel + 5 Mion + 18 Shanlung + 361 Cromon. Dos 1641 membros envolvidos, 983 tiveram as suas "fases vibratórias" alteradas, juntamente com "Espheron", que passou a constituir a "cidadela" de Alt'Lam Gron.

Portanto, os 658 membros restantes — 45 Val, 476 Yel, 2 Mion, 5 Shanlung e 130 Cromon — permaneceram na superfície da Terra.

▶ **14 mil anos a.p.** - tem início um ciclo de processos que termina produzindo, dentre outras calamidades, o fim da "civilização atlante" na sua última feição, cujas notícias passaram à posteridade sob a forma de tradição oral, sendo, somente mais

tarde, registada nos anais das culturas humanas que desenvolveram a linguagem escrita.

▶ **13 mil anos a.p.** - chegada de algumas dezenas de milhares de "exilados", todos no estado de espíritos desencarnados, provenientes, também, de alguns "expurgos retardados" dos sistemas de Capela e Antares. Essa foi a última leva de "exilados" que veio para o nosso planeta.

▶ **8 mil anos a.p.** - os descendentes de Noé espalham-se pelo planeta enquanto Len Mion transformava-se na mente mais poderosa a manipular os humanos, sem que disso eles tivessem consciência. Começou assim, sem que o mundo soubesse, uma "batalha mental" entre Javé e Len Mion, da qual os humanos foram simples "massa de manobra", o que obrigou Sophia a fazer-se "Jesus", ainda que não tenha sido somente este o motivo para o seu nascimento há pouco mais de 2 mil anos a.p.

▶ **6 mil anos a.p.** - Javé assume a coordenação dos trabalhos das equipas de "anjos" da sua hierarquia, especificamente no planeta Terra, com vistas à sua estratégia de dominação por meio da vinda do seu "messias".

▶ **2 mil e 300 anos a.p.** - Javé "desliga temporariamente o "Brahmaloka" — o centro do "conglomerado de realidades"—, das "confusões" referentes à saída de seres extraterrestres do planeta, como também, da confusa situação referente ao fechamento dos "portais", que os "seres do conglomerado" temeram ser o "fim das suas vidas". O "desligamento" parece ter ocorrido de modo preventivo. A partir de então, muitos seres extraterrestres, como também os extrafísicos, passaram a acompanhar ou mesmo viram-se obrigados a acompanhar discretamente a evolução planetária. Javé somente religa a sua morada às lides terrenas quando Jesus aparece a viver na Terra.

▶ **A quase 2 mil anos a.p.** - após consumada a crucificação de Jesus, Yel Luzbel é retirado do "ambiente astral" terreno. Len Mion, seu principal companheiro de desdita, que nessa época já era conhecido como "Satã", assumiu o comando do que restava da "rebelião".

▶ **No ano de 1993** - em trabalho desenvolvido pela "Espiritualidade Maior", Len Mion/Satã é assistido fraternalmente, sendo, a partir de então, retirado do "ambiente astral" terreno.

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudónimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>

<https://www.ieea.com.br>

contato@janvalellam.org

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a conseqüente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

➤ Trilogia “**Queda e Ascensão Espiritual**”

1 - Reintegração Cósmica

2 - Caminhos Espirituais

3 - Carma e Compromisso

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais

membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

➤ **Muito Além do Horizonte**

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

➤ **Recado Cósmico**

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- **O Sorriso do Mestre**

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.

- **O Testamento de Jesus**

Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.

- **Nos Céus da Grécia**

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

- **Nos Bastidores da Luz I, II e III**

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:

Volume 1 - Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.

Volume 2 - O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.

Volume 3 - O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

➤ **Jesus e o Enigma da Transfiguração**

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

➤ **Fator Extraterrestre**

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

➤ **A Sétima Trombeta do Apocalipse - A Volta de Jesus**

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

➤ **Jesus e o Druida da Montanha**

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

➤ **Crônicas de um Novo Tempo**

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

➤ **Inquisição Poética**

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

➤ **Teia do Tempo**

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 – REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

➤ **O Drama Cósmico de Javé**

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

➤ **O Drama Espiritual de Javé**

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

➤ **O Drama Terreno de Javé**

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

➤ **Favor Divino**

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

➤ **Cartas a Javé**

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

➤ **O Big Data do Criador**

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

➤ **Memórias de Javé**

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

➤ **Inquisição Filosófica**

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

➤ **Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia**

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

➤ **O Sorriso de Pandora**

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

➤ **O Guardião do Éden**

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

➤ **Terra Atlantis I – O Sinal de Land’s End**

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

➤ **Terra Atlantis II – A Frota Norte**

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas

subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave "espheron".

Além dos "seres dos portais" (os chamados "deuses da mitologia grega"), os humanos passam a conviver com um "conglomerado de realidades" acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a "era do seu domínio" ainda estava por começar.

➤ **Terra Atlantis III – A Era Sapiens**

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a "cultura atlante e as suas diversas bases", como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o "conquistador", há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assumo o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do "deus dos judeus".

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 – Temas Complementares

➤ **Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte**

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da "molécula-mãe", no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que "algo" existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspetos em torno de uma "verdade" que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que "a angústia estava presente por todo o universo", e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, "aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida".

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a "pílula vermelha" que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

Projeto Orbum



Filie-se espiritualmente a esta ideia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda a sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmos.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção, que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes.

Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la, cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: www.janvalellam.org